

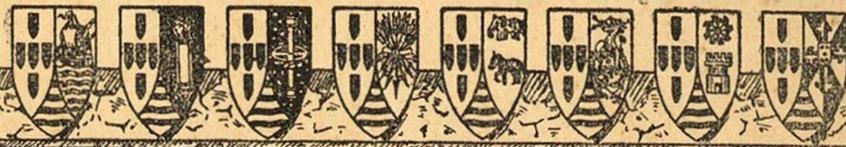
BOLETIM

DA-SOCIEDADE
LUSO-AFRICANA
DO RIO DE JANEIRO



EXIJA UNICAMENTE "FOX"
O MELHOR CALÇADO DO MUNDO

BOLETIM DA Sociedade Luso-Africana



RIO DE JANEIRO — Praça Tiradentes, 60 - 2.º andar — BRASIL

"As idéas não se vendem, dão-se" — Teófilo Braga

Distribuição gratuita

Número 25

COMISSÃO DIRECTIVA
Antonio de Souza Amorim — Domingos José Veloso
e Francisco das Dôres Gonçalves

DEZEMBRO - 1939

ANSIEDADE



Na "Voz do Planalto", semanário de Nova Lisboa (Angola), publicou o sr. Norberto Gonzaga o artigo que a seguir transcrevemos, não pelas referências pessoais que nêle se fazem aos dirigentes da nossa Instituição, que, essas, nós as eliminamos, mas pela simpatia que êle demonstra existir em Angola, em quantos lá vivem, pelo Brasil. E não só por isso, mas também para lembrar ao sr. Norberto Gonzaga, sempre tão gentil para a "Luso-Africana", que não seria preciso fundar uma nova revista, porquanto há dez anos que o "Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro", vem realizando essa política de aproximação espiritual. Os homens que o têm dirigido sabem perfeitamente que a missão que se impuzeram foi cumprida, mas sabem também que estão fartos e cansados de lutar sem nenhuma ajuda.

Era vivo Rui Chianca. Enleavam-me ao sonhador e desventurado dramaturgo de **Alju-barrota** os vínculos de uma pura e fraternal amizade, no seu decurso selada pelo tempo. No Rio de Janeiro batalhava aquêlê espirito nobilíssimo e fulgurante, dirigindo a revista "Portugal", para a qual me chamara na persuasão de eu o substituir uns meses enquanto empreenderia uma projetada viagem ao Extremo-Oriente e à América do Norte. Carteávamos-nos como bons amigos — timbrando para que nem a distância, nem as diferenças ideológicas, ofuscassem a cristalina transparência da nossa espiritualíssima ligação. Eu então dirigia o "Comercio de Angola" e opondo às suas as minhas razões, pleno de entusiasmo pela causas de Angola, como insinuavam as pesosas da minha roda, aleguei finalidades sérias que impunham a minha fixação nêste solo querido e obstavam eloqüentemente à minha partida para o Brasil — de onde não voltaria. Entrementes para agrilhoar a imaginação potente de Chianca a um empreendimento por mim sonhado, de largas e generosas perspectivas, procurei interessá-lo por Angola também. Sugeri que valores dispersos de lá e de cá, nas páginas latejantes da sua revista, ventilassem os problemas máximos de Angola e do Brasil, focando, como primordial, a questão da nacionalidade.

A idéia foi acarinhada de pronto e no Brasil. Rui Chianca, com aquela prodigalidade heroica que tanto distinguem as suas acções e lhe definiam o caracter, levou sem demora a cabo cintilantes conferências e palestras que obtiveram assinalado êxito logrando despertar a atenção oficial.

Armando Cortesão, Agente Geral das Co-

lónias, acabara de fundar o "Boletim" daquela Agência — ainda hoje existente. Convidado com empenho, umas duas ou três vezes, a figura em elencos ministeriais, reservando-se-lhe a pasta das Colónias, aguardava eu, seu velho amigo e companheiro de outrora, monção propícia que o induzisse a reconsiderar as sucessivas recusas e o derminasse a aceitar finalmente o encargo. Assim se permitiria maior amplitude à idéia que tanto Chianca como eu perfilhávamos com calor. No segrêdo da conjura se encontrava, no entanto, Cortesão. Com êle contávamos em absoluto.

E tudo caminhava no melhor dos mundos... mas... mas falharia inesperadamente um dos nossos projetos: a visita a Angola do Visconde de Moraes e de Zeferino de Oliveira, os dois mais importantes capitalistas portugueses do Brasil. As perspectivas económicas tinham por nós sido encaradas como base fundamental a um futuro entendimento e portanto ao almejado intercâmbio intelectual. Mas o projecto murchou como as rosas de Malherbe. E com as dificuldades surgidas nêste domínio, outras despontaram, estilhaçando por completo o "desideratum". Rui Chianca embarcou para Portugal, Armando Cortesão trilhou novo rumo e eu devotei-me a uma campanha jornalística, com objetivos diferentes — e nunca mais se focou o caso.

Não esmoreci, porém. Quinze anos vão decorridos — e como então: eu volto ao assunto. Estou de regresso à minha velha idéia. Encontro-lhe singular oportunidade.

Por que não descrevermos, a partir dêste ensejo, novos passos, visando o intercâmbio intelectual Angola-Brasil?

O que nos falta? O que é preciso?

Uma revista publicada no Rio poderia servir de veículo aos nossos pensamentos, à nossa ansiedade, à nossa inquietação. Sem fanatismos, místicas, exaspêros histéricos, poderíamos cobrir em prazo breve uma longa distância: a do tempo, a do esquecimento e a do abandono. Equilíbrio, serenidade, certeza — eis o que seria indispensável. Realidades materiais não tardariam a manifestar-se no campo da actividade económica de Angola — disso firmemente estou seguro.

Por acaso, neste rincão, na Colónia, valores que têm alguma cousa a dizer ao Mundo, que trazem em si uma mensagem, — recusar-se-iam a colaborar numa obra de intuítos tam alevantados? Aponto nomes: Gastão Sousa Dias, Carlos Carneiro, Felipe Coelho, Ralph Delgado, Drs. António Augusto de Miranda e Cruz Malpique, A-par-dos jornalistas, economistas e pedagogos, poetas como Virgílio Saraiva, Cerveira Baptista e Tomás Vieira da Cruz.

Creio que não.

A estes nomes não poderíamos associar tantos outros, residentes em Portugal e que viveram, labutaram e conhecem Angola? Assim: homens de largo passado e rasgada acção colonial como Norton de Matos e Vicente Ferreira, e escritores e jornalistas como Pinto Quartim, Maria Archer, Augusto Casimiro, Julião Quintinha, padre Alves Correia, Nuno Simões e Francisco Veloso.

Do outro lado, na activa colmeia do Brasil, os consagrados: Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Lucio Cardoso, Ciro dos Anjos, Augusto Meyer, Sergio Buarque de Holanda, Osório Borba, Octavio Tarquino de Sousa, Almir de Andrade, Agripino Grieco, Alvaro Moreyra, Rubem Braga, Tasso da Silveira, Guilherme de Figueiredo, Galeão Coutinho, Edison Carneiro, Octavio de Faria, Hamilton Nogueira, José Geraldo Vieira, Augusto Frederico Schmidt, Renato Mendonça, Artur Ramos, Roquette Pinto, Mario de Andrade, Raquel de Queiroz, Barreto Leite Filho, Aureliano Leite, Dias da Costa, Carlos Lacerda, Clovis Ramallete, Hermes Lima, Graciliano Ramos, Adalgisa Nery, Lúcia Miguel Pereira, Alvaro Lins, Viana Moog, e os pintores Portinari e Santa Rosa.

A estes nomes por que não juntar os de portugueses que em terras de Santa Cruz patenteiam bem alto o seu talento?

A revista seria quadrimestral. Publicar-se-ia no Rio. O seu título ajustar-se-ia ao nosso trepidante gôsto pela acção, à nossa espiritualidade atlântica, à nossa elegância intelectual, à nossa vibração íntima, ao nosso sentimento de filhos e descendentes de uma mesma Pátria: "Cruzeiro do Sul". Lindo nome!

Não foram os portugueses, no sul do Atlântico, que primeiro fitaram o cruzeiro famoso?

Suponho que sim.

As palavras que deixo aqui traçadas denunciam um insatisfeito? Retratam uma sêde viva?

Oxalá!

Nada me detem — pois que não conheço fronteiras ao pensamento. Desejo mais. Sou fundamentalmente europeu. Impregna-me mais o ambiente da Hora, sinto-o mais nos ossos, na pele, nos nervos, no coração, orienta-me mais um sentido amplo da ancestralidade humana,

iluminada e fraterna, que à maioria transviada e esmagadora dos meus compatriotas. Para que negá-lo — se tudo em mim o exteriorisa?

Mas essa minha ansiedade abrange positivamente o que traduz espírito e comunhão, grandeza e virtude, amor e igualdade entre a nossa gente. Quero o português mais perfeito, mais seguro de si — mais universal. Precisamente como foi já.

Angola e Brasil... Há duas labaredas mais semelhantes no domínio de um princípio que se obliterou após a conquista das finalidades atingidas por Portugal e que indiscutivelmente aceleram o impulso do país a partir do século XVI? D. Sebastião procurando impor as fronteiras de Portugal a Marrocos, o Brasil atraído-nos irresistivelmente — diluídos os fumos da Índia — não denotam idêntico objectivo: dilatar o torrão pátrio?

América do Sul... África — eis os inícios de um império, onde os homens não conhecem, nem nunca conheceram, a côr das raças, mas o exemplo formidando da inteligência e do trabalho.

...E no final ramos decepados de um mesmo tronco — Angola e Brasil — vivem com mais pujança e sentem com mais ardor...

Domina-os o espírito atávico que não olvida a origem e mais estreita e dulcifica o património comum: que é a terra, a língua, o pensamento. Angola atesta-o. E' o solo do lavrador-mareante. Constrói e relembra. O Brasil é tódo um país, tódo um continente, tóda uma Humanidade, tóda uma Civilização.

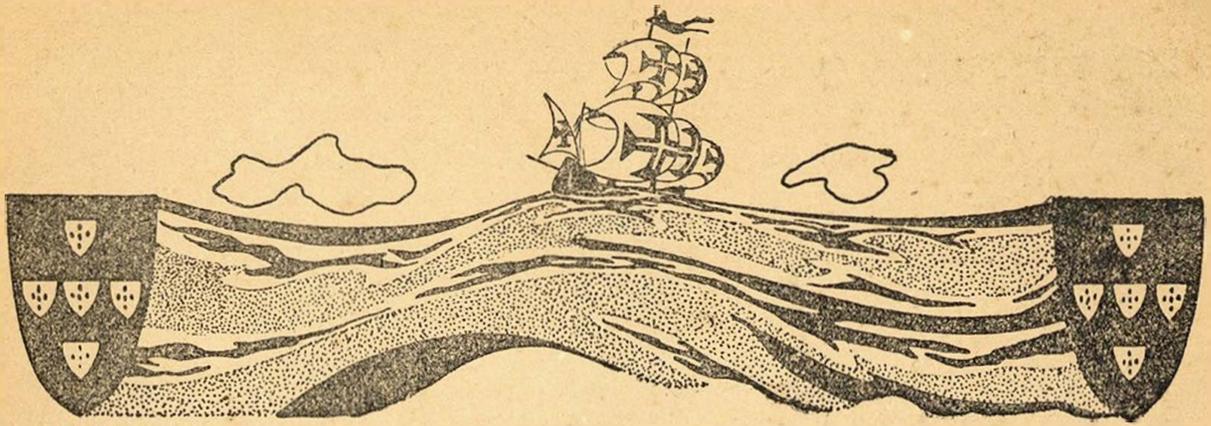
E aí está o hiper-sensível europeu alicerçado no trôço longo do Cabo Norte ao promontório de Sagres, com seus pruridos rácicos, que encontra no íncola contemplativo das praias do Ocidente o seu representante mais directo, mais típico, difusor por excelência das virtudes da raça branca, que enraiza mas não nacionaliza: fazendo sempre renascer a Europa dos monumentos, da palavra escrita, do labor mental. Fundiu-se em novos moldes — mas não se escravisou senão às directivas basilares e primitivas do seu pensamento: que é uma centelha, onde se encontra reflectida a imagem da terra inteira.

Há aqui alguma cousa de universal — êsse norte que determina instintiva e secretamente o homem a palmilhar o globo, criando novos mundos, novas idéias, novas ânsias.

Não observamos aqui o *ne quid nimis* do velho latim, mas a expressão fiel de uma realidade iniludível. A "élite" da actual geração do Brasil impressionou e feriu no seu âmago a curiosidade intelectual do mundo angolano. Há uma identificação dominante de processos, uma insuspeita semelhança de naturezas: um raio de luz que descobre irmãos. A inopinada reacção do moderno escol brasílico surpreendeu e flamejou como flecha de fogo e oiro o cerebro imaginativo dos filhos de Portugal no Atlântico sul, a 5 graus do Equador e a 12 de longitude. São dois países que se inclinam e permutam os ramilhetes de lírios e rosas onde se dilue o aroma orvalhado da flor rasteira da selva misteriosa e enigmática.

"Cruzeiro do Sul", revista da intelectualidade inquieta, sedenta e estuante de Angola e Brasil, será o elo da nossa ansiedade, índice da beleza e frescura do nosso pensamento. Queiramos nós que seja uma realidade a sua existência.

NORBERTO GONZAGA



O PRIMEIRO PÉRIPLO

A F R I C A N O

pelo

Prof. Doutor Duarte Leite

Damião de Góis, o primeiro dos nossos cronistas que atribuiu ao infante D. Henrique o ambicioso projeto de rodear a África em demanda da Índia oriental, "fim de seus pensamentos", filia-o nas suas assíduas leituras de geógrafos antigos, que contam de arrojadas viagens em tórno desse continente, feitas por grêgos e fenícios em remotos tempos antes de Cristo: dêles colhera "a certeza deste negócio... crendo o que screuiam quomo cousas scriptas per homens, & assi as cria, & duuidava quomo se deue fazer a todas as que dos homens, & de seus juizos procedem, nas quaes com ha certeza esta sempre junta ha duuida". O grêgo Estrabão, o romano Plínio e o hispano Pompônio Mela tê-lo-iam informado das circumnavegações incompletas da África, conduzidas no século V pelo cartaginês Hanone e no IV pelo grêgo Sataspes, os quais costeando o oeste do continente chegaram, este ao seu cabo austral extrêmo e aquêle mais modestamente a latitudes equatoriais: assim como o informariam dos circuitos completos de Menelau no século XII, de fenícios mandados no VI pelo faraó Neco e de Eudoxio de Cizico no II, dos quais o primeiro partiu do Mediterrâneo e dobrando aquêle cabo extrêmo foi ter à Índia, e os segundos navegaram em sentido contrário desde o mar Rôxo até o Mediterrâneo e o Egipto, percurso repetido pelo terceiro. "Com o Oraculo dos quais testemunhos, — conclue o cronista — e doutros que o Infante teria sabidos, per

muitas informações que cada dia tomava de mouros, Alarues e Azenegues, praticos nas cousas Dafrica, determinou mandar descobrir do nouo estas nauegações, de que a memoria era já entre os homens perdida...".

Góis deixou-se levar da fantasia, pois não podia estar certo das leituras geográficas do Infante, nem de que nelas se originasse a sua empresa marítima; e além disto esquece que o próprio Estrabão, o mais antigo e acreditado dos geógrafos invocados, não pôe fé nas circumnavegações descritas.

A verdade é que depoimentos de contemporâneos do príncipe, embora propensos a lisonjeá-lo, atestam que sua erudição era muito inferior à vastíssima com que outróra o quiseram, e ainda hoje querem mimosear: suas leituras a pouco mais iriam que a crônicas e literatura religiosa ou de ficção, e é lícito afirmar que lhe não passou pelas mãos manuscrito algum de qualquer dos autores citados.

Talvez tivesse lido de antigos périplos africanos nalguma das enciclopédias ou colectâneas medievais, ou ouvido falar delas a algum letra-

do do seu ambiente; mas bastaria isto para o converçer da sua realidade, e o animar a reproduzi-los?

Como não há coisa obscura ou maravilhosa de tempos afastados da qual se não apoderem graves eruditos, teimando em esclarecê-la ou explicá-la, gozam estas fabulosas aventuras marítimas de farta bibliografia. Em 1842 enumerou o visconde de Santarém 18 escritores que as versaram, dois terços dos quais optavam pela realidade duma ou dalgumas delas; e o rol ainda cresceu até nossos dias, sem que todavia apparecesse a seu favôr melhor argumento que a sua possibilidade teórica. Do périplo parcial de Hanone possuimos uma relação a que não há negar veracidade, comquanto sua redacção obscura consinta em interpretações divergentes e incerteza na identificação de lugares, mas dos completos sômente nos ficou a menção singela, ou acompanhada de pormenores vagos e facilimos de inventar. A descrença nêles radica-se quando se reflecte que os autores de eras precristãs imaginavam a África toda no hemisfério boreal, e acima do paralelo de 5.º,



suprimindo-lhe assim a enorme extensão duns 40° de latitude até o cabo da Bôa Esperança.

Os que inventaram tais circumnavegações já lhes concediam considerável trajecto, parte do qual através da zona tórrida, julgada inhabitável e que continuou misteriosa depois de percorrida; mas ignoravam ser mistér duplicá-lo e cruzar duas vezes a equinocial, fazendo singlar a expedição sob ceus inteiramente novos onde não luzia a estrêla do norte, guia dos navegantes grêgos e fenícios privados de bússolas, e o curso do sol oferecia aspectos para êles imprevisíveis. A falta de referências a estes fenómenos astronômicos, e a qualquer outro característico do hemisfério austral, tira toda a verosimilhança a essas pretendidas façanhas náuticas, mesmo sem contar com as inúmeras e graves contrariedades que a simples embarcações a rémo e vela, como eram as daquêle tempo, opunham as correntes pelágicas, as longas calmarias e as temerosas tempestades freqüentes nos mares africanos. Hoje não se lhes dá crédito (1), nem vejo por que lhas daria o espirito positivo de D. Henrique, conhecedor das dificuldades com que lutavam os seus mareantes para vencer, embora ajudados de agulhas e cartas de marear,

trajectos muito mais curtos no Atlântico meridional.

Quem verdadeiramente completou o primeiro périplo da África foi Diogo Dias, irmão do justamente famoso Bartolomeu Dias, numa das 13 naus que em 1500 Pedralvares Cabral foi incumbido de guiar à Índia, passando no Atlântico por onde se suspeitava da existência duma terra nova, que êle de facto descobriu e nomeou da Santa Cruz. Saindo dela a armada para o Cabo da Bôa Esperança, já desfalcada de duas unidades, arrebatou-lhe mais quatro uma terrível tormenta, passada a qual as sete restantes tomaram o rumo desse cabo e o dobraram; mas antes ou depois da passagem, a nau de Diogo Dias perdeu a conserva e daí em diante seguiu rota distinta. Segundo Gaspar Correia, o cronista mais minucioso a contá-la, o capitão desgarrado costeou o lado oriental da ilha de Madagascar, que supôs continental, onde desembarcou e se demorou com indígenas, contraíndo febres alguns tripulantes; e só verificou que era ilha quando dobrou o seu extremo norte, denominando-a então de S. Lourenço, por primeiro avistada no seu dia. Em seguida subiu pela costa oriental do continente até o extremo cabo de Guardafui, e daí passou ao lado da ilha de Socotorá e foi ter ao estreito de Bab-el-Mandeb, pelo qual entrou no mar Rôxo, em cuja costa resgatou alguma prata. Saindo dêle, tornou à costa oriental e escalou por Borborá, no dizer de Correia, "cidade formosa de casas brancas e muytas janellas, e bom porto em que estavam as naus e zambucos... que he de fora das portas para a parte da terra do Preste"; e aí o seu sultão muçulmano armou aos portugueses uma cilada convidando-os a descer em terra e trocar suas fazendas por especiarias, prometendo mais cuidar dos enfermos que soube numerosos a bordo. Aceite o oferecimento, mandou o capitão seus homens, doentes e sãos, no batel da nau, com as mercadorias destinadas a resgate; mas apenas o batel começou a descarregar, os de terra assaltaram-no e mataram indistintamente os seus ocupantes, ao mesmo tempo que foram dois navios a apresar o português. Diogo Dias logrou frustrar o ataque

graças à artilharia que os adversários não tinham, e safou-se sem o precioso batel "com a tripulação reduzida a 19 homens válidos, a par de vários doentes, que jaziam sem bolir"; mas não se atrevendo nestas condições a arcar com os já seus conhecidos perigos do oceano Índico, desceu pela costa oriental, numa travessia penosíssima durante a qual morreram todos os doentes, e os que se mantinham de pé já não amainavam de cansados as velas, com receio de as não poderem de novo içar. Dobrado o cabo da Bôa Esperança, arribou Diogo Dias ao cabo de três meses ao porto de Bezequiche, no cabo Verde, apenas com seis homens totalmente exaustos, esfomeados e ardendo em sêde, que algumas vezes puderam mitigar com a água das chuvas espremidas de velas. Socorrido por portugueses do porto, e munido do indispensável, partiu para o reino, onde encontrou as outras seis naus que volveram da expedição de Cabral. Uma verdadeira odisseia, ao tempo celebrada mas que não tardou a ser esquecida.

Nesta narrativa, composta sobre informes de várias procedências, nem sempre concordantes, há decerto coisas duvidosas, mas é incontestável o périplo completo do continente africano: demonstram-



no não só a carta que em 1501 D. Manuel escreveu aos reis católicos, mas também uma das joias da cartografia portuguesa do século XVI, da qual direi o suficiente.

Hércules de Este, duque de Ferrara, encomendou a Alberto Cantino, seu agente em Portugal desde 1501, um mapa onde se vissem os recentes descobrimentos dos povos ibéricos. Não consentia D. Manuel na aquisição por pessoas, sem missão oficial, de mapas e pomas, em que estivessem representadas todas as terras onde dominava, de sorte que para satisfazer o duque teve Cantino de recorrer ao suborno; por 12 ducados de ouro comprou em segredo a um cartógrafo uma cópia de protótipos oficiais, que figurava todo o mundo então conhecido. A maravilhosa peça foi concluída nos fins de outubro de 1502, em cujo Natal já estava nas mãos do duque, das quais em 1529 passou a ordem do papa Clemente VIII, que a fez depositar num palácio de Módena: e saqueado este, num motim popular de 1859, foi ter à tenda dum sal-

chicheiro, onde por acaso a viu o conservador da biblioteca Estense e por módica quantia o adquiriu para este instituto.

Este mapa, dito de Cantino, regista com copiosa nomenclatura todas as descobertas portuguesas na África, assinalando-as nas duas costas com bandeiras das quinças; e a última na oriental está sobre Barborá, pouco acima do cabo Guardafui. Ladeia-a esta legenda: "he descoberta por el-Rey de portugall", prova de que aí estiveram portugueses, e não podiam ser senão os de Diogo Dias em 1501, pois nenhuns outros lá passaram antes da feitura do mapa. Do seu exame concluí, anos atrás, que Correia se enganára dando Diogo Dias por descobridor de Madagascar, que denominou ilha de S. Lourenço, visto como se assim fôsse, o mapa trazia sobre ela as quinças, e pelo menos o seu nome português; ora lá só se leem nomes exóticos, e falta qualquer bandeira. Como havia notícias de que a ilha fôra avistada em 1506, aceitei este ano como o

da sua descoberta, mas posteriormente o comandante Fontoura da Costa fez vêr que o regimento dado em 1505 a Cid Barbudo já menciona "a terra de Sam Lourenço", o que recua para este ano o limite superior da sua descoberta. Não se segue daqui que Correia acerte e ela se deva a Diogo Dias em 1501, mas apenas que date de entre 1501 e 1505.

(1) Surpreende que em 1897 o ilustre Nordenskjold, tachando Estrabão de hiper-crítico, afirme que a África foi circundada mais duma vez em eras precristãs; todavia a ingenuidade deste sábio, summa autoridade em cartografia medieval, avalia-se em que aceita sem discussão a fábula de Machim e Ana de Arfet, e também a presença de normandos no noroeste africano antes de portugueses, a-pesar desta invencionice francesa estar já inteiramente refutada pelo visconde de Santa-rém.

UMA NEGRINHA MORTA

**"Com duas rosas brancas sôbre os seios
E vélas brancas à sua cabeceira e a seus pés,
Negra Madona do túmulo, ela descansa.
A Senhora Morta achou-a linda.
Sua mãe empenhou o anel-de-casamento
Para poder arranjà-la assim, tôda de branco.
Ela ficaria vaidosa, e havia de cantar e de dançar
Se pudesse vêr-se esta noite . . ."**

COUNTEE CULLEN.

(Tradução de Guilherme de Almeida).

RECORTE

MONUMENTO A CAMÕES

NO ULTRAMAR PORTUGUÊS

Os nossos apontamentos registam a seguinte anotação, de há três anos: — “Monumento a Camões no Rio de Janeiro. vidé recorte do “Diário Português”, do dia 11 de junho de 1935”.

O grande “recorte” facultá-nos o conhecimento de uma importante e eloquente comemoração do “Dia de Camões”, na qual, portugueses e brasileiros, enaltecem o “Génio da Raça” que o imortal Poeta, acima de todos, superiormente simboliza.

Só quem já viveu fóra da Pátria, por essas terras distantes e amigas onde a nossa gente labuta, póde conscientemente dizer quanto fervor e carinho os portugueses põem nas suas recordações nacionais, em todos os momentos que um motivo, oportunidade, surjam para levar mais alto o mérito e a beleza das coisas e das pessoas de Portugal...

O “Diário” abre a sua página principal com este título sugestivo: — “Camões — O Génio da Raça — no culto fervoroso e perene dos portugueses do Brasil”.

Seguidamente, pormenoriza-se, esclarecida por ilustrações, a “Semana Camoneana”, o “Dia da Colónia”, que o notável “Gabinete Português de Leitura”, e outras instituições portuguesas realizaram com patente notoriedade. Sessões solenes, discursos, fluentes afirmações, comprovadas, de tantas das nossas glórias, mostrando a incandescência da alma lusa à chama viva do mais puro e fervoroso patriotismo.

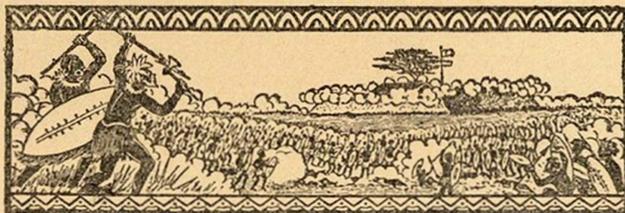
O Senhor Comendador Nicolau Luiz Cardoso Guimarães, em excelentes palavras, anunciou o monumento a Camões, descerrando-se a respectiva “maquete” que ficou em exposição e “cuja estátua no próximo ano (1936) seria um facto verdadeiro”.

A gravura da “maquete”, mostranos um monumento de boas linhas e aparência grandiosa, digno de uma praça da importante cidade capital da República irmã, que, no seu progresso acelerado, atingiu já merecidos foros de grande e formoso centro entre os melhores.

O escultor Anjos Teixeira, prematuramente falecido, e o architecto Miguel Nogueira, são os autores do projecto, que, antes de mais, é bem uma concepção larga de alusões traduzidas como realidade no profundo sentimento dos portugueses — símbolos de duas pátrias irmãs, motivos vividos nas estrofes dos Lusíadas, brasões das províncias de Portugal, etc., — empenho insofismável de corresponder condignamente a honra conferida pelo governo brasileiro que, antecipadamente, deu o nome de Praça de Luiz de Camões à antiga Praça do Russel, onde o

por

Rodrigo de Abreu



futuro e projetado monumento já tem a sua “primeira pedra”...

Anjos Teixeira foi artista de reconhecido mérito, primeiro prémio no concurso da estátua de Camões, em Paris, primeiro prémio no concurso da estátua da República, no palácio do Congresso, primeiro prémio no concurso do monumento a Camillo, autor do monumento ao heróico Carvalho Araujo, em Vila Real, etc.; Miguel Nogueira, da Escola de Belas Artes de Lisboa, antigo pensionista do Estado em Paris, companheiro de Ventura Terra, mais do que uma vez prémio Valmor, é, incontestavelmente, um architecto que sabe quanto deve à sua Arte, senhor do limite das suas responsabilidades.

O monumento do Rio de Janeiro, homenageando o nosso Poeta máximo, numa das localizações mais belas da grande cidade carioca, não ficará a mais na terra vasta e sempre amiga do Brasil, pelo facto de o culto camoneano, já se patentear na estátua que se mostra em Ribeirão Preto, do rico Estado de São Paulo, porque a estatua do Homem, grande como a difusão da lingua em que escreveu seus versos imortais, é de renome universal e, por certo, a sua colaboração terá sempre um dilatado alcance cosmopolita...

Estamos em 1940, a 4 anos além da previsão do Sr. Cardoso Guimarães, não pode ser tomado à conta de impertinência que se expresse um voto de que aquela patriótica iniciativa não fracasse.

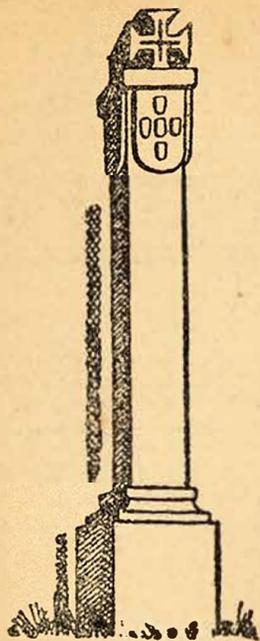
Bem sabemos; o mundo mudou

muito... As mais auspiciosas previsões da hora de hoje cáem na hora de amanhã, embora tivessem sido cobertas pelo mais sereno e reflectido espirito optimista — tão vacillante, incerto e perigoso é o minuto decorrente — mas, por ser assim, que aquêles patriotas que vivem no Brasil não percam a primeira oportunidade, não deixem de considerar mais essa sua grande prova, demonstração perpétua do seu próprio mérito, das suas virtudes cívicas, que a sua tenacidade, a sua energia tantas vezes controlada, não deixará de transformar em realidade triunfante.

E... o seu exemplo será tanto mais salutar quanto é certo que, nos nossos domínios de Além-Mar, se impõem gestos semelhantes — porque em cada uma das províncias do Ultramar Português fica bem, é quasi imprescindível, um monumento a Camões, mais rico ou mais pobre, condicionado ás possibilidades, mas que patenteie no meio das civilizações que vamos criando, que os nossos impulsos não foram somente de guerras e de aventuras, de valentes e de audaciosos, mas que desta raça brotaram delicados rasgos de pensamento, saindo deles o expoente máximo da concepção artistica, do espirito profundo e heróico da melhor poesia do mundo antigo e moderno.

Com os “Lusíadas” na mão, seremos os primeiros e os maiores em todos os cantos da Terra...

Viana do Castelo — 1939



A TERRA DAS MÁS

RECORDAÇÕES

DE

P O R T U G A L

Em recente e desprezencioso artigo, no "Jornal do Comércio e das Colónias", assinalando as aberrações de um máu patriotismo e pedindo aos missionários que não caísem nêlo, intoxicados pelo lugar comum retórico da "cruz e espada", afirmei que êsse patriotismo era o pior inimigo da Pátria. A cruz que servisse para amansar pretos, a-fim-de que os europeus mais facilmente os espoliassem, seria uma cruz profanada, representaria a "religião-ópio do povo", não a religião de Cristo, que é pelo contrário a mais espevitadora da consciência que ainda apareceu na terra.

Achava eu (e ainda acho) que o Padre António Vieira foi, no Brasil, muito mais patriota, resistindo à cupidez dos seus patrícios, do que todos os portugueses que enriqueceram indirectamente a fazenda rial, multiplicando riqueza à custa do sangue dos índios. (E o que dizia do Padre Vieira podia dizê-lo, com igual ou maior verdade, dos outros missionários do Brasil, sobretudo daquêles franciscanos que, anti-escravistas mais radicais que o jesuíta, até iam abençoar os pretos fugidos para os Palmares, a despeito dos escrúpulos do Padre Vieira, que afirmava dêsses escravos inferiores (em côr de pele) que não podiam ser "absoltos" nem restituídos à graça de Deus — enquanto não resti-

tuissem o corpo aos donos! (Carta de 2 de Julho de 1691, a certo fidalgo! (vide "Dilatação Fé no Império Português, vol. II pag. 16).

A colonização de exploração do indígena, tão fortemente denunciada pela ideologia democrática imposta ao mundo depois da Grande Guerra (ai! por quão pouco tempo!) em que vimos justicilmente denegrída pelos heróis da "Nova Largada", que Augusto Casimiro cantou, nunca honrou nem honrará povo nenhum, por mais que êsse povo se embriague com glórias que o diabo dá e o diabo leva.

Um documento dos mais flagrantes desta verdade, na história colonial dos portugueses, é aquela Costa dos Escravos (e o seu "hinterland") tanto séculos calcurriada pelos portugueses, e que no Século presente o autor destas linhas, talvez sozinho dentre os portugueses, teve ocasião de calcurriar ainda.

Nos oito anos que vivi nos densos palmeirais nigerianos e nos passos que multipliquei por terras de Yoruba e de Benim, nem uma única lembrança lisonjeira para o povo

pelo

Padre J. Alves Correia

(Das Missões do Espírito Santo)

do meu País! Digam se não é triste... E' que por estas paragens andou Portugal, mas nas remotas eras em que os europeus eram todos — sem distinção — povos de rapina.

Desde os fins do Século XIX, Portugal é na África um povo CIVILIZADOR e humano. Não é glória somenos, devemos constatá-lo, porque há outros povos da Europa colonizadora, que ainda não entendem assim a superioridade... Mas queda o facto infeliz que Portugal, quando o conheceram tantos povos da África, fôsse ainda ladrão de carne humana.

Na Costa Nigeriana, ficou ainda até hoje, na nomenclatura geográfica, a língua portuguesa: é Lagos (capital da Nigéria), é o pôrto de Forcados, é o rio de El-Rei...

No pigeon-english, no inglês falado pelos pretos e pelos colonos, há ainda pedaços vivos do idioma lusitano: You "sabe", "mi sabe", "palavra" (questão), "tornado" (temporal que vai e torna), "varanda" etc. etc.

Ficaram sinos e sinetas com inscrições portuguesas gravadas, como os que, nos arredores de Calabar, servem

ainda a alguns chefes para convocar o povo, em vez do tam-tam de madeira.

Mas o que não ficou é saúde nenhuma, nem odor de santidade para o nosso nome.

“Onye português” — “um português” — é m e s m o, nas proximidades da Costa, uma designação depreciativa, ao passo que o não é, antes muito gloriosa, a qualificação de inglês (onye english) aplicada a um preto. Onye Português é um preto civilizado a que se atribui condição escrava... mercadoria de portugueses.

Sabem os leitores de Nina Rodrigues e de Artur Ramos a quantidade de tal mercadoria, de origem yoruba e nigeriana, despejada em terras do Brasil e que dominou, na evo-

lução e nos sincretismos posteriores, o sentimento e a ideologia religiosa. E que muitos elementos ibôs se devem encontrar amalgamados aí, insinuava-o também eu alhures num artigo em que descrevia o animismo peculiar dos ibôs, parentes próximos dêsses yorubas, fermento da massa preta da Baía, que de certo não deve ainda de ter transformado, pela assimilação, todos os elementos originalíssimos das concepções ibôs e igaras.

Oxalá que um investigador português muito curioso, que andou metido pelos candomblés do Brasil e que foi levado, pelo que observou e pelo que lê, a interessar-se pelas línguas ibô e nagô e a estu-

dá-las, possa vir a trazer a lume os vestígios ibôs afogados na massa levedada da alma negro-brasileira. Ao lado de Nina Rodrigues, Artur Ramos, Edison Carneiro, Gilberto Freire, aplaudiremos o nome do nosso Correia Lopes e veremos frondejar mais um ramo, com frutos afro-brasileiros da árvore gigantesca que o pecado português acimou no Brasil... Porque a escravatura foi um pecado horrendo (aliás não só nosso, mas de toda a Europa) que Deus e a Natureza converteram em riquezas novas, como a misericórdia divina costuma fazer com todos os crimes e pecados, depois de os condenar e punir com inexorável justiça...

L I M I A

Mais uns dias de serena tranquilidade nestas abençoadas terras da ribeira do Lima. Os anos vão sendo muitos e de dia para dia se torna mais forte a atracção que sobre mim exercem as terras onde nasci e onde me preparei para entrar no mundo: como que a chamarem-me para nelas escolher a derradeira morada.

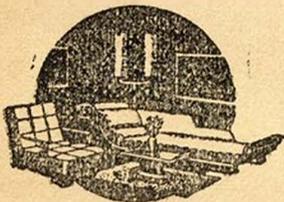
O automovel, depois de um dia inteiro de rápido caminhar entre paisagens que continuamente variavam, mantendo, porém, o fundo comum, a uniformidade que tanto caracteriza a pequena terra portuguesa, levou-me à testa da ponte de Viana, do lado de Darque. O Lima que de longe se vinha adivinhando, apareceu-me no modesto estuário da sua barra; na margem oposta via-se a elegante e silenciosa cidade, quasi tal qual a conheci na minha infância, encostada ao monte de Santa Luzia, quasi também sem casario, como então. E ainda o automovel mal entrava na ponte, quando à memória me acudiu a lenda antiga de que tudo se esquecia depois de atravessar o rio encanta-

dor: a doçura da terra era tão grande, tão bons e tão belos os seus pontos, tão adoráveis as suas mulheres, que os recém-vindos se deixavam ficar para sempre agarrados a tão doce terra, nada lembrando da sua vida passada, nada se preocupando com os dias futuros e pondo de parte tudo o que não fôsse a vida tranquila, sem cuidado, nos campos banhados pelo rio cristalino. E as cousas têm continuado a ser realmente assim, pelos tempos fóra. Emquanto não acabarem com o suave encanto do vale do Lima, essas terras e êsses homens continuarão a ter por aspiração maxima a vida retirada da ribeira limarense. Melhoramentos materiais, o que se chama progresso, bulício e ruído, pouco interessam: deixem-os, em dias bonançosos, contemplar a vastidão infinita do mar, subir ao monte de Santa Luzia, em Viana, ou ao de Santa Maria Madaléna, em Ponte do Lima, para se extasiarem perante as paisagens que daquêles altos se desfrutam, divagar por caminhos entre campos vêrdes, deslizar brandamente em primitivo barco, levado pela corrente do seu rio, — que êles pouco mais desejam.

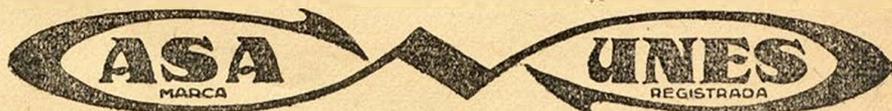
N O R T O N D E M A T O S

MOVEIS - TAPETES - TECIDOS

Sortimento e Preços
que não admitem comparação



Agora Junto
à Avenida



82 - Rua 7 de Setembro - Rio

Junto à
Avenida

ETNOGRAFIA

ANGOLANA

O Preto Inculto - O Preto Civilizado - As Missões Católicas - Assistência Médica - A Delicadeza de Certas Investigações Científicas - Teorias - Problemas

pelo

Padre Ruela Pombo

(Missionario Aposentado -- Director da Revista "Diogo Cão")

1. — A MINHA ESCOLA DE AFRICANISMO.

Pelo que tenho lido a êste respeito, os Cultores do Africanismo, no Brasil, já andam em lúta ou polémica: embora o objecto ou material seja o mesmo — O PRETO — são duas as Escolas, que o estudam.

A escola da... esquerda, que é materialista.

A escola da... direita, que é espiritualista.

Os partidários da primeira estudam os PRETOS e seus costúmes, tais como êles são, ou se apresentam, no seu natural primitivo, agreste ou inculto.

Os partidários da segunda empregam todos os esforços físicos e morais para fundir os pretos incultos na comunhão nacional e assim encorporá-los na civilização e cultura brasileira.

Neste assunto de colonização e civilização, é esta a escola que os Portuguezes têm executado, desde o Infante Dom Henrique, que iniciou as descobertas e conquistas ultramarinas, até os dias correntes ou passantes.

Como sacerdote católico e missionário secular portuguez, escusado será aqui confessar ou dizer que, de tôda a alma e coração, pertenço à escola da direita, por ser

mais humana e humanitária, mais progressiva e mais patriótica, enfim.

2. — O QUE OBSERVEI NO BRASIL.

De 1912 a 1922, exerci no sul de Minas Gerais os cargos de professor e de vigário, em razão dos quais estive em contacto próximo com a raça preta.

Nunca me posso esquecer de um aluno preto que tive no Ginásio Episcopal de Pouso Alegre e se chamava Francisco Marques: inteligente, applicadíssimo, nervoso, bom orador, cheio de brio e até... querido das Meninas brancas, que muito gostavam de ler as suas cartinhas, não só em prosa como em versos bem inspirados.

Depois, como vigário de Bias Fortes e de São Gonçalo, no diocese da Campanha, lidei com os pretos em massa: pela fisionomia comparada e a simples ôlho, são todos congos ou angolas, isto é, da raça ou descendentes.

Gente humilde e pacífica, que vivia ou se ocupava da lavoura e criações miúdas. e eram todos católicos práticos, por educação e convicção.

Havia quem explorasse os pretos, principalmente na cidade de São Gonçalo, com fins reservadas e pouco ou nada honestos.

Nas minhas igrejas e capelas rurais,

tanto nas beiradas do rio Lambarí, como nas beiradas do rio Sapucaí, não havia lugares separados ou distintos, porque os pretos do Brasil são muito limpos e asseados, embora não sejam ricos.

Todos valiam o mesmo, brancos e pretos e mestiços, segundo a sua categoria social, suas prendas e suas próprias virtudes morais.

Como não podia deixar de ser, na minha qualidade de sacerdote católico fazia tom somente proselitismo religioso, sem distinguir raças.

3. — EM ANGOLA.

No tempo que trabalhei em Angola nas missões católicas, de 1922 a 1934, estive em contacto próximo e demorado com os PRETOS pescadores da Ilha-de-Luanda — primeiro, e com os PRETOS agricultores da província da Quiçama, sujeitos à jurisdição do Presídio de Nossa Senhora da Conceição de Muxima — depois.

Na vila de Muxima e seus arredores mais próximos, contavam-se cêrca de cem famílias de pretos, mais ou menos civilizados ou cristãos: por sua vez, nas duas margens do rio Quanza e no sertão, os gentios eram aos milhares, incultos ou selvagens.

Não sou eu que o digo ou invento: a história o prova com as suas páginas cheias de sangue...

O tipo da chamada raça quiçama foi sempre um inimigo dos portugueses e bem temível, pela sua ousadia e também valentia cobarde, hoje, a região está ocupada ou em paz, e a epidemia da varíola e a maldita doença-do-sono dizimaram e dizimam os habitantes daqueles matos, sem dó nem piedade.

Na minha igreja de Muxima, pois, já não podia deixar de fazer grupos ou distinção entre os cristãos e os catecúmenos pagãos ou gentios.

Crianças e adultos vinham, nos domingos, aprender o catecismo e tinham o máximo interesse ou empenho em receber o sal, a água e o óleo do santo Baptismo, que os fazia... brancos: diziam.

Várias vezes, muitas vezes, compreendi êste paradoxo: há pretos que têm a alma branca e há brancos que têm a alma preta!!!...

Por nós, os missionários, e pelos senhores médicos e enfermeiros, os PRETOS de Angola, quer civilizados, quer incultos, têm uma estima especial e agradecida.

4. — A CULTURA DOS PRETOS PORTUGUESES

Se alguém perguntar aos PRETOS de Angola, educados pelos padres católicos — qual a sua raça? — êles logo respondem que são portugueses...

...e na verdade são portugueses—pela educação, pelos costumes, pela religião, pela língua e até pela zombaria ou humorismo!!!

A alma do preto é assimiladora ou imitadora.

Tanto do bem, como do mal.

O preto é brioso e consciencioso, tanto homens como mulheres, é grato ou agradecido, também se sabe vingar e desprezar; facilmente aprende qualquer arte, desde alfaiate ou carpinteiro ou pedreiro, até tipógrafo, ferreiro, mecânico, cozinheiro e marinho do rio e do mar.

Nós, os Portugueses, nunca tivemos aos nossos variadíssimos súbditos ultramarinos o chamado ódio de raça; à categoria de padres, médicos e doutores de leis, em grande e feliz número, os indígenas das nossas colônias têm subido ou se elevado, desempenhando brilhantemente a sua profissão.

Na igreja, na escola, na oficina, no campo, pelas palavras, pelas obras ou exemplos, pela música, pelo teatro, pelos livros, pela vida doméstica e social, na agricultura, no comércio, na pesca e na caça, no próprio conforto — em tudo e por tudo, nós, os Portugueses, somos profundamente nacionalistas e, portanto, superiores aos indígenas africanos: por sua vez os Pretos reconhecem a nossa superioridade ou distinção e procuram imitar-nos, nas nossas virtudes e também nos nossos... defeitos ou vícios.

A nossa tarefa de missionários resume-se nisto: civilizar os PRETOS, fazendo dêles bons cristãos e bons portugueses.

O nosso processo é o mesmo na Guiné e em Cabo-Verde, em S. Tomé, em Angola, em Moçambique, na Índia, em Macau e em Timor.

Seja amigo de si mesmo!

-- Compre N'O CAMIZEIRO

5. — O INDIGENATO CIENTÍFICO.

As leis portuguesas obrigam o preto a trabalhar, porque a ociosidade em tôda a parte é a mãe ou o pai de todos os vícios, mas não admitem absolutamente a exploração dos pretos, seja por quem fôr, companhias ou particulares.

Nos costúmes indígenas, é certo, há muito material pitoresco e interessante e curioso...

Dentro da verdade, a ciência pode fazer pesquisas eficazes, sem exagêros românticos ou sem trilhar caminhos falsos: a escola de Nina Rodrigues tem adeptos de valor, faça-se a devida justiça.

Arthur Ramos, principalmente, no seu livro, "**As culturas negras no Novo-Mundo**", dá ou traz páginas bem observadas: além de honrar o mestre ou iniciador dêstes estudos, ultrapassa-o com felicidade.

O que diz a respeito dos congos, angolas e benguelas, tanto neste livro como nos outros dois "**O negro brasileiro**" e o "**Folklore negro no Brasil**", é de pêso e tem também medida, pelo lado das comparações sociais.

Os Pretos são como os passarinhos: gostam muito de cantar e dançar, em singular e em conjunto.

A banda instrumental, os canticos e hinos religiosos e patrióticos, os côros, as representações teatrais — de todos êstes meios se servem os Missionários na catequese, e com frutos abundantes.

6. — MEDICINA TROPICAL.

Sôbre medicina tropical, o livro, que aqui tenho na minha livraria, de Octávio de Freitas — "**Doenças africanas no Brasil**" — também peca por exagêros grandes, se não muitos.

O ilustradíssimo Dr. Silva Carvalho, da Academia das Ciências de Lisboa, brevemente vai publicar uma série de correcções históricas às referidas páginas, opondo ou citando documentos preciosos e de convicção precisa.

A história da escravatura ou da léva dos Pretos de África para o Brasil, debaixo do ponto de vista económico, está a pedir uma pena forte para a escrever, não com fantasias, mas com estatísticas e com razões filosóficas e morais, próprias e comparadas.

O suor, o leite, o sangue, o trabalho do preto, se não fez o Brasil, ajudou muito o seu progresso — no passado: no presente — o preto brasileiro, dentro das normas humanitárias e cristãos, faz parte importante de uma nação, onde, como em Portugal, não existem preconceitos ou ódios de raças.

Na comemoração cívica do "**13 DE MAIO**" era lugar comum dos oradores pretos esta frase: — Ciência e virtude não são privilégios de raça...

Por sua vez, os médicos portugueses, principalmente os de Angola, que melhor conheço pelos seus trabalhos no combate frutuoso à maldita doença-do-sono, êles, por falta de tempo, também não se têm dado ou ocupado no geral com estudos etnográficos, porque consideram ou assistem ou querem que os pretos angolanos sejam homens sádios, úteis, capazes de produzir para si e para os outros.

A assistência humanitária, plenamente humanitária, que lhes dão, é tôda de carácter económico presente, e já não é tarefa leve.

7. — O ESCANDALO FARISÁICO OU PUERIL.

No livro — "**A influência africana no português do Brasil**" — de Renato Mendonça, o vocabulário com a respectiva abonação vai da página 167 à página 247: da página 27 à página 166, o Autor, em 8 capítulos, e dum modo ligeiro ou passageiro, trata da etnografia africana, da linguística, da escravatura e de outros mais assuntos, que são concomitantes ou vizinhos ou afins.

Neste ensaio está patente muito trabalho, muito talento, muita observação própria e alheia: por sua vez, as conclusões são acertadas ou bem deduzidas, quasi tôdas.

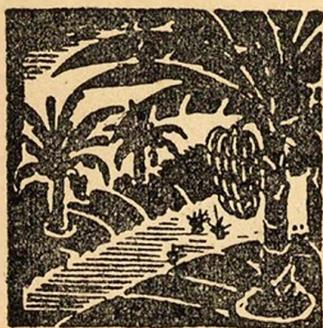
Como ia dizendo, nós, os padres, nestes assuntos etnográficos, não nos podemos meter ou encontrar à vontade: as razões são fáceis de adivinhar.

Em 1913, em Angola, o reverendíssimo Dr. Manuel Alves da Cunha começou a publicar uma importante obra sôbre a vida ou costúmes dos pretos gentios, mas não continuou...

De facto, na vida social e primitiva dos pretos, na vida nutritiva, na vida sensitiva, na vida sexual, na vida afectiva e... nas mais outras vidas, se não em tôdas, — na maior parte delas há capitulos, se não reservados e perigosos e delicados, que são... escabrosos, e, por, isso dizem certos... conselheiros puritanos que fica mal aos padres missionários esta especie de investigações, ainda que à sombra da própria Ciência!!!...

O livro — "**Populações Indigenas de Angola**" — colleccionado pelo sr. dr. José de Oliveira Ferreira Dinís, que exerceu em Luanda vários cargos competentemente, e publicado em 1918, nas suas 756 páginas contém curiosas e utilíssimas informações: é êste, por enquanto, o melhor tratado etnográfico que existe em língua portuguesa.

HABITABILIDADE EUROPEIA EM ANGOLA



pelos Major J. Mendes do Amaral

(Governador do Banco de Angola)

E' muito complexo, dizem tôdos os tratadistas, o sistema de relação entre a geografia física e a bio-geografia humana, sendo incontestável, aliás, que esta constitue um capítulo — e dos mais interessantes — daquela: fundamentalmente pode asseverar-se que a despeito do espantoso poder de adaptação da espécie humana aos mais variados climas, há, todavia, para êle limites intransponíveis dentro de determinados parâmetros climáticos e biológicos.

Há um mínimo de calor, e um mínimo de frio, de humidade e de secura estipulados pela Natureza para a fixação e manutenção da espécie humana em condições de poder conservar, de geração para geração, sem perda de grau, a sua resistência, vitalidade e fecundidade normais; fóra desses limites, que, evidentemente, não são os mesmos para as várias raças humanas estas podem, na verdade, viver e mantêr-se algum tempo, mas acabam, ou pelo desaparecimento total, ou pela absorção por outras raças mais adaptáveis ou ainda, no caso mais favorável, numa estase demográfica inoperante.

Há ainda uma correlação estreita entre a fitogeografia e a antropogeografia, correlação especial para cada raça que torna indispensável à perduração de um povoamento humano em determinada região a existência nela de uma flora adequada ao modo de vida e ao temperamento dessa raça.

Sob o ponto de vista climático, cuja característica típica é o regimen térmico definido pela amplitude e duração da variação anual das temperaturas, Angola fica incluída, parte na zona tropical e parte na zona sub-tropical da divisão do Köppen; mas esta repartição não se faz, como é óbvio, em harmonia geométrica com a latitude porque as isotérmicas anuais, segundo Hahn, apresentam a sua maior irregularidade precisamente ao longo da costa africana abaixo do Golfo da Guiné: assim, por exêmplo, a isotérmica de média anual de 25 graus desenha uma inflexão brusca relativamente ao Equador

ao norte dêsse Golfo e desce depois paralelamente à costa africana e a cerca de 300 quilómetros dela até quasi alcançar o paralelo 30° de latitude sul.

Esta singularidade tem a sua origem e a sua explicação simultaneamente na configuração da costa da Africa ao sul do Golfo e na influência da corrente fria que sobe do Cabo da Boa Esperança junto da mesma costa e nela mantém tôdo o ano uma temperatura variando entre 15 e 20 graus centígrados.

As circunstâncias apontadas e a configuração topográfica de Angola condicionam o seu regime climatérico: na faixa costeira de altitude relativamente baixa, numa extensão média de 150 quilómetros o clima é do tipo marítimo, ou seja de pequenas variações de temperatura; para o dilatado interior da Colónia um clima tipicamente continental, ou seja de grande amplitude entre as temperaturas extrêmas.

Naquela citada faixa costeira a habitabilidade europeia seria sofrível se a temperatura média não fôsse tão elevada devido à proximidade do Equador; a uniformidade térmica sendo elevada torna-se difficil de suportar.

A ciência etnográfica comprovou já que a raça europeia não prolifera normalmente nas zonas tropicais por falta de um período anual de frio. A civilização e a hegemonia económica, observa o professor De Martone, depois de têrem florescido longo tempo nas regiões subtropicais de invernos quentes (Mediterrâneo) tendem a concentrar-se nas subdivisões de invernos mais ásperos.

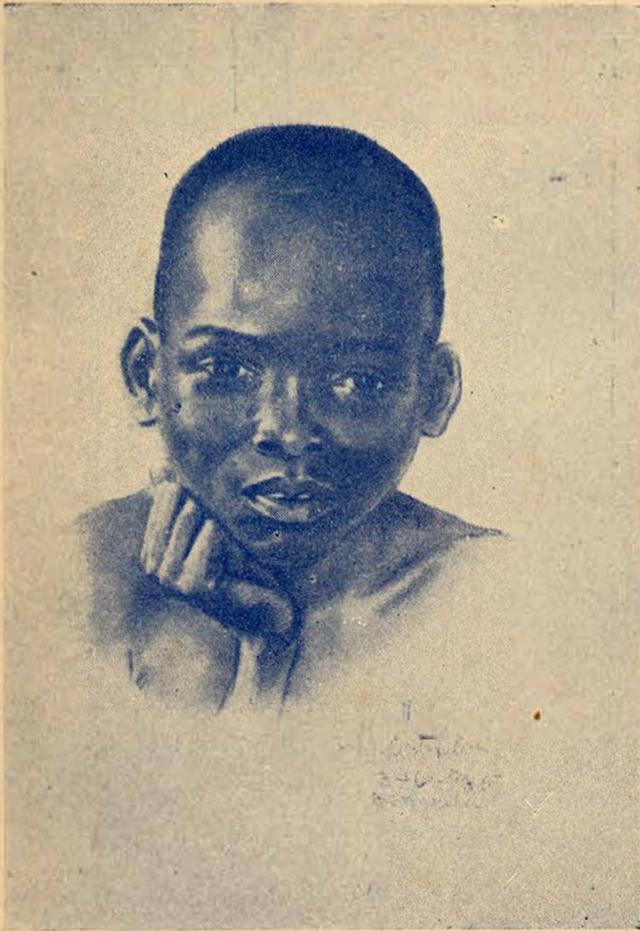
Mas a constante termometrica da faixa marítima de Angola não é a única nem mesmo a principal causa da sua inaptidão para uma densa fixação europeia. O seu regime de chuvas coloca-a na categoria das regiões semi-áridas da classificação do professor americano Widsôe, com a precipitação anual inferior a 500 mm. e por outro lado a constituição geológica e a configuração topográfica dessa faixa não a assinalam positivamente como reunindo as características de um paraíso terreal.

A quasi totalidade do território de Angola é constituída pelo paleozóico, predominando o arcaico fundamental que vem desde o meridiano médio da Colónia até à vista do mar. A



MULHER DE ANGOLA

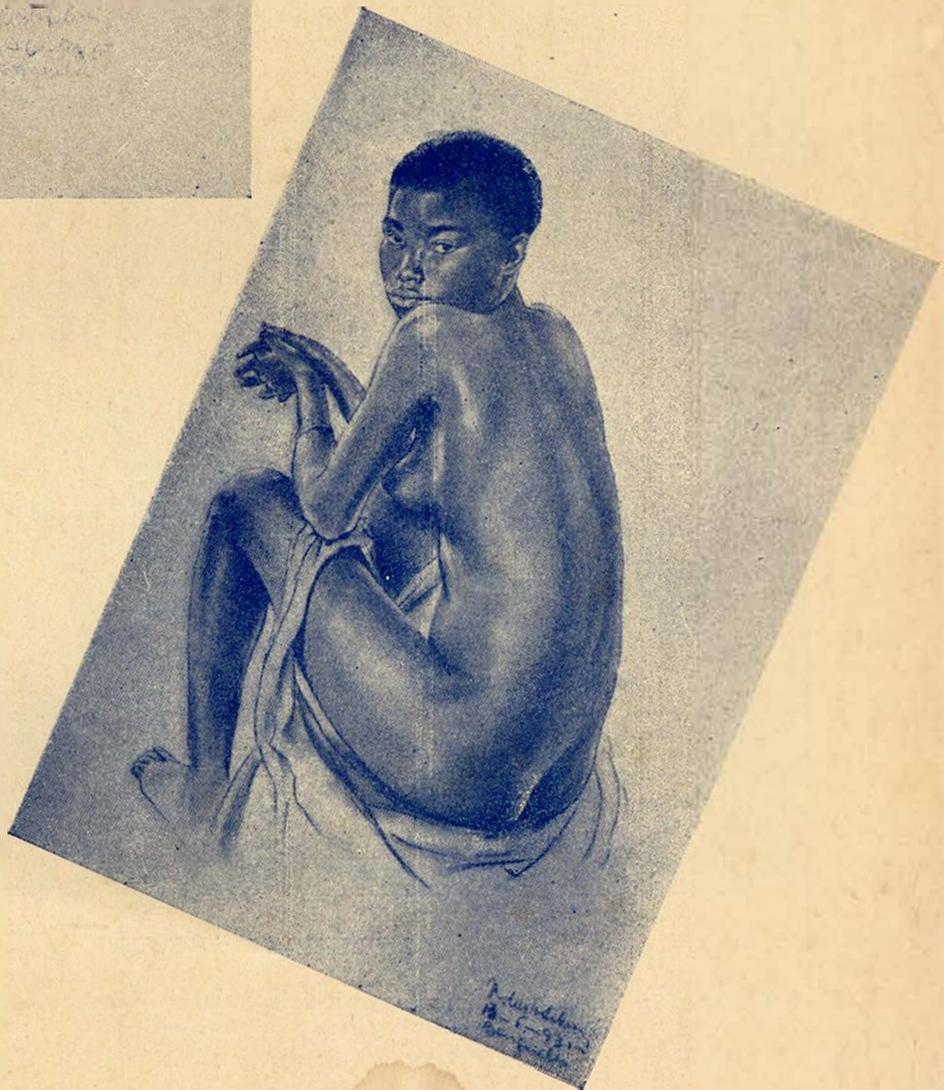
(Fotografia cedida gentilmente para êste Boletim pelo Exmo. Sr. Dr. Cunha e Costa)



Dois excelentes
desenhos do
talentoso artista
angolano

ROBERTO

SILVA



orla marítima, baixa e estreita, é constituída por aluviões pliocénicas do período caiozóico, posteriores aos movimentos orogénicos que puseram a descoberto os cretácicos desde o norte do Ambriz até ao norte de Mossâmedes. Pouco há que contar com a fertilidade destas formações, a não ser junto às margens e às embocaduras dos rios, onde o seu espraioamento na época das grandes chuvas produz uma colmatagem natural, como sucede com o Tabi, com o Uezo e o Dande, com a margem sul do Cuanza, com o Cuvo, o Catumbela, o Cavaco e o Caporolo.

Aí se localizam, por isso mesmo, as únicas grandes explorações agrícolas, rendosas, da Colónia.

O clima da zona continental de Angola é, como se disse, bastante diferente do da faixa marítima; mas, ainda dentro daquela zona, a presença de uma bem definida linha de alturas na direcção E.-O., marca duas "nuances" desse clima tipicamente continental.

Para o norte dessa linha de alturas sente-se ainda a influência longínqua da zona equatorial: maior humidade, maiores precipitações aquosas, temperatura média anual mais elevada.

Para o sul dos chamados planaltos de Benguela, Huambo e Bié, o grau higrométrico do ar é inferior, as chuvas são menos frequentes, a respectiva estação mais curta e se a temperatura média anual não faz maior diferença da zona norte, deve-se isso à influência acentuada da depressão Kalahariana, quasi rigorosamente circunscrita pela isotérmica média anual de 30 graus e pela curva isohyetal de 250 mm.

Se examinarmos o quadro dos tópicos climáticos de qualquer destas duas zonas, consideradas, aliás, as mais apropriadas à colonização europeia, e o compararmos com o quadro correspondente dos climas sub-tropicais do hemisfério norte notaremos as profundas diferenças entre um e outro que explicam a dificuldade prática que têm encontrado as diversas tentativas de povoamento intenso de Angola.

Mas não se trata apenas de diferenças numéricas bastante apreciáveis; há que destacar

sobretudo a diferença de concomitância entre os vários parâmetros climáticos de um hemisfério para outro.

A raça branca habituou-se desde sempre à concomitância do maior grau de humidade atmosférica com o mais baixo nível de temperatura e vai encontrar em África precisamente uma concorrência inversa da mais elevada temperatura com o maior peso higrométrico do ar.

A influência fisiológica desta inversão de condições climáticas deve encontrar-se estudada por especialistas abalisados; mas não é preciso sê-lo para inferir das probabilidades da sua acção sobre o equilíbrio nacerotónico do indivíduo estranho ao meio e consequentemente sobre todo o metabolismo fisiológico.

A defesa natural contra esta hostilidade do clima encontraram-na sempre as raças invasoras no recurso óbvio da adaptação racial por meio da mestiçagem. Mas em Angola, como, aliás, em todo o Continente negro, está demonstrado que esse recurso além de não constituir defesa fisiológica que o justifique, tem sobretudo contra si a comprovação secular da degenerescência que provoca nas qualidades psicológicas, mentais e morais, dos seus produtos.

Examinemos agora a questão fundamental da correlação fitogeográfica com a habitabilidade europeia em Angola.

Os trabalhos metódicos e os estudos acidentais feitos sobre a flora de Angola por sábios estrangeiros e portugueses entre os quais há que destacar os nomes de Welwitsch, Anchieta, Gomes de Sousa e Gossweiler, permitem concluir que a parte de Angola situada ao norte do planalto de Benguela se divide em duas zonas de aptidão agrícola essencialmente diferenciada coincidindo precisamente com as duas bacias hidrográficas que respectivamente recolhem as águas correndo para o Atlântico e as que vão afluir ao Zaire.

A primeira é uma zona de características quasi tropicais com predomínio da flora higrófila sobretudo nas bacias inferiores dos rios, cuja vegetação exuberante recorda já, sem a igualar, é claro, os maciços florestais do Mayombe e da África Equatorial Francesa.

Grande Enciclopédia

PORTUGUESA e BRASILEIRA

UMA OBRA INCOMPARAVEL!!

TUDO NUMA SO' OBRA!

UMA SO' OBRA PARA TUDO!!

Tudo colaboração inédita e original

A melhor Enciclopédia da actualidade

O MELHOR DE TODOS OS DICIONÁRIOS DA LINGUA PORTUGUESA

Cada fasciculo com 80 a 96 páginas, em papel de luxo, com inúmeras ilustrações no texto e várias estampas em separata, de valor

artístico e iconográfico

Preço avulso 10\$000

Por assinatura, excepcionais vantagens e facilidades

Consulte hoje mesmo o seu livreiro habitual ou os representantes

MOURA FONTES & FLORES

LIVRARIA MOURA — RUA DO OUVIDOR, 145 — RIO DE JANEIRO

Mas na segunda zona, limitada a frente pela linha de divisão de águas percorrida pela estrada de Lucala a Maquela e ao sul pelo Rio Cuanza a fisionomia floral se modifica: a floresta torna-se menos compacta, o porte das árvores menos elevado, a copa menos folhosa e deparam-se a cada passo as adaptações xerófilas ou tropófilas das espécies higrófilas equatoriais. E', em suma, já uma região de caracteres planálticos que à medida que avança para o interior do continente adquire cada vez mais o tipo da savana sub-tropical.

Das gramíneas alimentares apenas tolera o milho e o sorgo e o tipo climático é o chamado "sudanês" da categoria dos climas quentes. A fixação e a expansão da raça branca pode considerar-se aleatória porque lhe faltam simultaneamente os mínimos de frio e de secura indispensáveis e um fundo adequado de flora alimentar.

O grau de aptidão agrícola de todo o vasto planalto que se estende para norte e nascente de Malange, desde o Lucala até ao Kassai, é

definido pela presença, quasi exclusiva de xistos calcáreos e de variegados e grosseiros grés, cobrindo em grande espessura o arcaico fundamental e constituindo a um lado e outro da estrada Malange-Saurimo essas imensas e desoladas "anharas" cuja carência de vida animal e vegetal tanto impressionou os pioneiros Capelo e Ivens na sua penetração até às terras do Yaca.

O distrito do Cuanza-Sul tem características climáticas e agronómicas diferentes; como clima é ainda uma região tipicamente sub-equatorial e com tanta persistência de elevado grau higrométrico na atmosfera e tão reduzida oscilação na temperatura média anual que sem hesitação se pode também considerar imprópria para a fixação e expansão europeia. Agronomicamente é uma das zonas férteis de Angola mercê da sua constituição geológica fundamental, produto da decomposição dos "gueiss" e granitos. Esta constituição e o concurso de factores ecológicos favoráveis tornam esta região eminentemente própria para a cultura do cafezeiro nas encostas, do algodão e da palmeira dem-dem (coconote) nos terrenos mais baixos.

Mas também não se aclimatam aí as gramíneas alimentares preferidas pelo branco; e o milho indígena, muito mais rico em gluten do que em amido, não tem qualidades panificáveis que o recomendem como sucedâneo.

Para o sul da grande linha divisória de águas conhecida imprópriamente pelo nome de planalto de Benguela as condições climáticas e agronómicas são bastante diferentes. O clima adquire, como atrás se disse, as características do tipo chamado "senegalês", da citada classificação de Hahn, com uma ampla oscilação de temperaturas extremas anuais, com a perduração por cerca de seis meses de uma estação seca, alternando com outra igual de chuvas regulares quasi sempre torrenciais.

Eis a razão por que a parte sul de Angola, sobretudo a faixa marginal do Atlântico que beneficia da correcção do equilíbrio técnico que lhe dá a proximidade da corrente fria vinda do Cabo e as zonas de maior altitude têm sido consideradas com mais justiça mas ainda com largo exagêro como regiões eminentemente próprias à fixação europeia e, portanto, à formação de uma colónia de povoamento.

Na verdade há que levar em linha de conta a pobreza específica de grande parte destas regiões; exceptuando a zona de limitação aproximadamente pelo paralelo 15.º, ao sul, e pelo Rio Cunene, ao nascente, zona onde predominam as formações graníticas e gueissicas cuja decomposição fornece a camada arável das encostas e os sedimentos dos vales ribeirinhos, tudo o que fica para poente do curso superior do Cunene até às fronteiras da Rodésia e da Damaralândia, são vastíssimas "chanas" arenosas, de sub-solo argiloso, que se inundam durante a época das chuvas e se mantêm largo tempo alagadas, constituindo pântanos imensos devido à impermeabilidade do sub-solo.

(Do livro "Problemas de Angola" em preparação).

Cadernos Coloniais

Não é a primeira vez que nos permitimos chamar a atenção dos nossos leitores para as "Edições Cosmos", notadamente para a sua Colecção de "Cadernos Coloniais", que, dentro da sua louvável modéstia vai realizando uma obra de divulgação que nada tem de desdenhável, bem pelo contrário, pois, tanto pelo volume como pelo valor intrínseco de quasi todos os sessenta cadernos até hoje publicados, soube impôr-se à simpatia da maioria das pessoas que de qualquer modo se interessam pelos assuntos africanos.

Se não estamos em erro, já dêste mesmo logar dissemos que a Colecção é muito interessante, e que para ser ótima só lhe falta um pouco mais de rigor na selecção dos colaboradores, de modo a ser impedido que nem uma só vez seja impingido gato por lebre.

De facto é precisa muita boa vontade para se admitir que certos nomes possam ombrear na mesma colecção com valores da categoria intelectual de Gastão de Sousa Dias, de Augusto Casimiro, do Padre J. Alves Correia, de Edmundo Correia Lopes, de Paulo Braga, de Castro Soromenho, de Julião Quintinha e tantos outros.

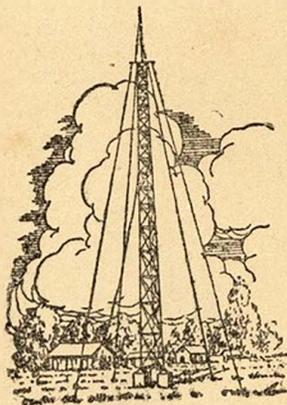
A despeito do senão que apontamos, — e que nos parece facilimo de corrigir — a colecção dos "Cadernos Coloniais" merece figurar em todas as bibliotecas, pois nela se encontram trabalhos de muito valor e grande cópia de informações acêrca da África e dos problemas ultramarinos em geral.

As "Edições Cosmos" têm a sua sede na Rua das Gáveas n.º 115, em Lisboa.

DOCUMENTÁRIO

DUM MEDICO A SERVIÇO

DE ANGOLA



Em 1928 encontrava-me, por estranho avatar, na Dumba — Séde de Circunscrição administrativa no Distrito do Congo — como médico-chefe do "Sector Congo-Centro" nos serviços de combate à doença do Sono. O que é a rudeza desses trabalhos dificilmente se avalia fóra do estreito ambito daquêles que ali se entregam silenciosamente a uma tarefa de redenção humana. Por isso me não parece inutil transcrever algumas páginas do meu diário — escritas durante os 17 dias de uma expedição anti-hipnósica através da região ainda inexplorada do Uando no Congo — páginas inéditas que publico tal como as esbocei então, pelos acampamentos, nas poucas horas de descanso. Não tenho outra preocupação, do que documentar um aspecto da vida dos médicos que em Angola lutam na mais ingrata, desconhecida, ardorosa e bela campanha médica de todo o mundo — O combate á doença do Sono.

E' uma homenagem aos heróis ignorados, que no nosso ultramar se sacrificam para manter intacto o Imperio Português, prestada por um homem que de perto os viu e admirou.

E não creio inoportuno, no momento internacional, recordar os **SERVIÇOS REAIS PRESTADOS** à civilização nas Colónias portuguesas:

pelo DR. A. C. VEIGA PIRES

"Em face do telegrama N.º 45, de 30 de dezembro de 1928, pedindo urgência no reconhecimento das regiões Uando-Mucaba vi-me, abruptamente, perante um problema inteiramente novo para mim: — A organização de uma expedição ao mato.

Não hesitei, contudo. E, embora o telefonema tivesse sido recebido num Domingo, meia hora depois respondia afirmando ao Chefe da Zona, que através de tudo seguiria no dia próximo, sem me lembrar, que iniciava a marcha para uma região desconhecida em dias de estranha e íntima solenidade — ANO VELHO — ANO NOVO!

A determinação era instan-

te. Partiria imediatamente.

E assim comecei os preparativos, em que encontrava um sabor pitoresco e inédito, pensando ir sózinho.

Arranjar carregadores, adquirir mantimentos, organizar a ambulância, verificar o estado do material de campanha, pedir a êste notícia e esclarecimentos das regiões a atravessar, solicitar daquêles serviços e materiais precisos, tudo se executou febrilmente nessa mesma tarde de Domingo, o último de um ano inolvidável e sombrio.

Começava já a cair rápida a tarde, quando o enfermeiro Pinto, vendo-me disposto a deixá-lo, receoso pelo meu nenhum conhecimento destas

terras e pelas múltiplas dificuldades, que talvez não pudesse vencer só, vem oferecer-me a sua experimentada e utilíssima companhia.

Oscilei entre aceitar, garantindo-me assim o auxilio de um velho pioneiro, e recusar atendendo às possíveis necessidades da Damba.

Mas o velho Pinto não esperou sequer uma resposta, começando desde logo também a aprestar-se. Acordavam nêle, certamente, nostalgias das algaradas nos tempos do tropa, que fóra outrora. E assim gastei rapidamente essa tarde dominical.

No dia seguinte, 31, manhã cedo, fiz o balanço à caravana e respectivas cargas. Traço

um hipotético itinerário sobre a carta da Circunscricção da Damba avaliando a duração do reconhecimento, segundo os informes fornecidos pelo Chefe da Zona, em dois a três dias, e disparo os meus carregadores a caminho do antigo Pôsto Militar situado na Serra do Péte, a 46 quilómetros da Damba.

Esse Pôsto seria a méta na minha primeira etapa e ponto de junção com os carregadores, que me precediam.

* *

Péte, Pôsto Militar da antiga ocupação: — Noite-Velha, última noite de um ano terrível.

As fogueiras dos carregadores faúlham em redor da minúscula barraca, onde eu e o velho Pinto dormiremos.

Céu-nanquim com frias vibrações de luz lá no alto. Noite mórna, silêncio cortado de arrepíos e pequenos gritos na selva, que nos cerca.

Junto de nós o Pôsto Militar, velho guerreiro desdentado, ao abandono. Nem uma crispação de vida agita já essa casa de côlmo em ruínas, onde decerto correu nobre sangue nos tempos heróicos da ocupação. Sômente a vermina, que a rôe, a habita hoje.

As trincheiras, os parapetos, que abrigaram heroísmos obscuros, ignorados, de que ninguém fala, que ninguém recorda, cáem esboroados pelo tempo e pelas tempestades, que alí, região montanhosa, atingem violências inexcedíveis.

O baluarte lá está ainda saudoso da sua companheira, que, certamente, procurou asilo nalgum museu de velharias.

Tuão parece esperar o regresso das sombras, que por alí passaram. Pobre castelo sem ameias, nem tórreres de menagem, quem te lembrará agora?

Ninguém.

A vida, o tempo passou sobre ti e neste momento outras sombras acampam aqui. Mas sentem as mesmas ansiedades, que outras sentiram, semelhante tragédia, idéntico desterro, iguais torturas: — a saudade inquietante daquêles, que milhares de quilómetros separam, e são afinal o coração e a alma dêstes corações e destas almas, que olham e escutam na noite funda em vão.

Meia-Noite! ANO NOVO!

Quem pudesse sêr Mago e lêr naquelas estrelas que nos espiam na sua serenidade implacável.

Alvorada. Levanta-se o minúsculo acampamento, mergulhado num cacimbo teimoso. Distribuem-se cargas aos 40 carregadores. Ultimam-se arranjos para a primeira marcha.

Antes de seguir, estudo de novo o itinerário, inquirindo informes dos guias, que a carta de que dispunha, me não podia dar, pela razão sumarríssima de tratar-se de zonas inexploradas, traduzidas por larga mancha branca no croquis, que me acompanhava.

Desde os primeiros instantes, na consulta aos indígenas conhecedores, me convenci do êrro, em que fôra induzido, involuntariamente pelo Chefe da Zona e pela autoridade administrativa ao aconselharem-me e penetrar no Uando a partir do Péte.

Êste êrro inicial fazia-me alongar o trajecto em dois longos e fatigantes dias, como depois verifiquei.

O segundo êrro, que se não me tivesse abastecido fartamente poderia pagá-lo cáro, éra calcular a travessia em dois a três dias, e verificar imediatamente de entrada, que êsse período gastaria eu só para atingir o pleno Uando.

Começava pois a sentir necessidade de aceitar, em África, sômente conselhos e pareceres de pessoas experimentadas nas regiões a percorrer.

Emfim, após uma longa discussão entre mim e os guias, canalizada através do interprete, — o ajudante do enfermeiro indígena Henrique — assentei, em que perdia mais tempo voltando ao Povo Pélo do Sóba D. Miguel Bucusso, entrada natural da região, do que seguindo até Lenvo pela estrada do Ambri-zete, para em seguida tornear a Serra do Péto pelo No-roeste.

Resolução tomada, abro a marcha para as terras do Uando desconhecido e quási lendário.

Primeiro de Janeiro. Dia consagrado à Fraternidade Universal!

Éra bem uma missão de fraternidade, que me levava a procurar no sertão a dôr e a miséria humanas, enquanto pelo mundo fôra se abriam as portas dos palácios para recepções de gala...

* *

Tendo a transportar-me para além da Serra do Péte, que me barrava a passagem, éra forçado, como disse, a torneá-la seguindo para Les-te ao longo da estrada e inflectindo depois para Sul firme.

Atravesso os rios Maúndo e Péte e, 4 quilómetros além, deixo, com o Gando, a Circunscricção da Damba, internando-me no Bembe. Antes porém, detive-me em Chimuacongo, último povo da Damba, situado nas faldas do Péte junto da estrada sinuosa que faz o transcurso difícil da Serra.

Um rápido contacto com a população deixou-me logo perceber o seu péssimo estado sanitário. Boubas, Sarna, Paludismo, Verminose intestinal, disenterias, de tudo encontrei sem dificuldade. E, sobrelevando a tódas em número de atingidos do maleficio lá estava a doença do sôno a atestar, quanto é grave a infestação de tóda a região Péte. Fica Chimuacongo sobranceiro à grande baixa da Madimba e encravado entre os rios Péte e Gando, ambos fartamente povoados de tsé-tsé, que, como se vê, não poupa os habitantes dêste povo.

Um e outro d'esses rios são atravessados pela estrada Damba-Ambrizete. Ambos intensamente florestais em todo o seu percurso, como de resto imensas florestas, riquíssimas em palmares e café espontâneo, possui todo o vasto Péte. Excelente meio, pois, para a cultura da Palpalis, que encontra abundantes pastos na densa população destes fertilíssimos terrenos.

Foi o Péte já estudado antes da minha vinda para a Damba, e reconhecido como faixa infestada do terrível mal, tendo aqui sido enviada uma missão volante na impossibilidade de estabelecer um posto fixo por falta de pessoal.

Pelo que tive ocasião de vêr nas minhas duas visitas ao Péte, reputo indispensável a montagem de um Posto permanente com serviço intensivo de tratamento a hipnósicos e atoxilações.

E como a mancha glosinada se estende para o Norte até às populações da região Cusso, onde fiz também um rápido reconhecimento, infiro como medida complementar o estabelecimento de outro Posto fixo no Cusso, enquadrando assim a zona Péte-Cusso entre dois Postos de acção constante e tenaz.

Para a montagem destes Postos Sanitários utilizaríamos os antigos Postos Militares bastante arruinados, mas que com algum dispêndio poderiam aproveitar-se. Têm esses postos a vantagem de ficar dentro dos focos da máxima densidade populacional e hipnósica.

Deixando para trás do Gando a Circunscricção da Damba entro nos territórios do Bembe, que percorri em pequena extensão, a suficiente para encontrar a vereda gentílica, que me há-de levar ao Uando.

A uns quatro quilómetros para lá do Gando encontro o Rio Maquelengue farto em môscas. Pertence a uma série de pequenos rios correndo todos para o Norte, que, cortando a estrada, levam até junto dela a tsé-tsé, transformando-a assim em trajecto perigoso sobretudo para o indígena, visto que o branco raro, ali passa, que não seja de autómovel.

Há pois absoluta necessidade de proceder ao saneamento da estrada efectuando derribas numa larga extensão do

seu percurso a par da instalação sanitária a criar no Péte e como seu efficacíssimo auxílio.

Em Lenvo, pequeno amontado de palhotas, abandono a estrada, e tomando o Sul, interno-me em pleno mato, repassando o fatídico Maquelengue e mais além o Rio Tenda, seu afluente, como êle também enxameado de glosinas, seguindo até à orla da floresta espessa que margina o Tenda, onde faço o primeiro alto após a saída do Péte para almoçar e... caçar môscas, que não faltam.

Novamente em marcha faço a fatigante ascensão da Serra do Tenda, ou Quicualo; atravesso diversos pequenos rios e depois de ter passado oito vezes o rio Domba; que em curvas, e contra curvas, tenta cortar-me o passo, atinjo o alto do Domba já noite cerrada, para acampar.

Éra tempo. Estes trinta e três quilómetros foram extenuantes. A fadiga enorme, provocada pelo relêvo do terreno com ascensões em íngremes declives e pela passagem através de florestas, onde só a catana abria verdadeiras fendas na cerrada vegetação arbustiva, tinha exausto tôda a caravana — brancos e pretos.

O velho Pinto estava incapaz de um movimento. Eu próprio sentia uma irresistível necessidade de repouso.

Não éra impunemente que tínhamos percorrido as ásperas e continuadas serranias do Tenda e Quincualo.

Aspecto novo para mim: — quando fazia a ascensão da Serra do Tenda vi, a um quilómetro de distância, numa encosta, um grande bando de pacaças, que seguiam para o Sul ora pachorrentamente, ora em cabriolas. E lá seguiram plácidamente, porque ninguém levava uma arma para pensarmos em dar-lhes caça.

Sem mais incidentes terminamos o nosso dia não tendo encontrado um povo, ou ser humano sequer de Chimuacongo até ao Alto do Domba:

— A 2 de Janeiro prossigo com rumo SE. Encontro magníficas, intermináveis florestas, riquíssimos palmares, onde não descubro môsca, embora a procurasse repetidas vezes. Atravesso inúmeros rios e riachos, que me retardavam a marcha, entrando já

depois do meio dia no primeiro povo — Quissala — que se me depara no Uando, após quasi dois dias de marcha no deserto. Deserto de habitantes. Coisa muito para espartar, visto a feracíssima região percorrida ser rica em água e abundante em admiráveis florestas virgens, ocupando milhares de hectares.

A explicação deu-me o sobêta do Quissala afirmando-me que em terras, que eu deixara atrás de mim, houvera, em tempos longínquos, povos hoje desaparecidos sem vestígios sequer. Não é audacioso supôr, que tivessem sido dizimados pela doença do sôno, embora o sobêta me quisesse convencer, de que ela não existia no seu povo, nem nesta zona. Contudo, não tardou que descobrisse entre as próprias mulheres do meu informador uma hipnozada.

Explicou-me, porém, o respeitável marido, que a dama contraíra a doença em Chimucongo, terra de más famas, de onde viêra há pouco. E acrescentava: Alí sim, é que há muita môsca. O Gando está cheio delas!

Em todo o caso depois de uma conversa mais longa acabou por concordar, que por aqui existia também, mas rara.

Quais os motivos desta resistência em prestar-me informes exactos? Encontrei-os daí a pouco:

Quissala é um povo, que pertence ao sóba D. Garcia. Ora êste sóba estava preso pela autoridade administrativa da Damba por motivos que não interessam aqui. Acrescia ainda a circunstância de nunca o Uando do Noroeste, a que eu por comodidade chamarei Alto-Uando, ter sido percorrido por brancos, conforme declaração dos habitantes de Quissala, que com autêntico pasmo, me viam chegar ao seu povo. Êssas duas poderosas razões, que nesta altura coincidiam, levavam o sobêta a receber-me com singular desconfiança, traduzida na sua má vontade em fornecer-me esclarecimentos.

Isto não obstou a que fizesse um inquérito nosográfico à população. Observei fácil e rapidamente Boubas, Paludismo, a antipática e banalíssima Sarna, além da hipnose já registrada.

Fiz alguns curativos e preparei-me para almoçar.

POESIAS MODERNAS

A M B I E N T E

Baía

*Da casa inglesa de frente
rompe
uma nota musical
exótica
e longa
de "gong".
Entre os ripados da varanda
desenha-se
o cenário habitual
do "cock-tail".*

*Perdido
quasi diluído
na sombra da esplanada
um vulto ficou ali
esquecido...*

*Conforme o escuro aumenta
as manchas dos cais
projectam-se no Mar
ainda mais.*

*Os faróis da navegação
dão relampagos
na agua negra do porto.
Parece até
que caíram ao mar
e estão a naufragar.*

*Aquele bote
vai levar
um bebado Holandês...*

*De vez em quando vem
do silencio da baía.
Um assobio distante
alguma voz prolongada...*

*Rentes passam ao casarão da Alfandega
as silhuetas breves
de duas prostitutas precoces...*

*...vieram espreitar
do parapeito da esplanada
a miragem noturna do porto...*

Cabo Verde.

Rua Morta

*Passou no ceu
uma estrela cadente.*

*No fim da rua
soam
e resoam
as passadas
ritmadas
do policia.*

*Adivinho quasi
no escuro da esquina
um soldado
abraçado
a uma mulher...*

*Sinto chamar
mais além
Talvez por mim...
Pst !*

*Esse apêlo que sai da noite
não sei bem
se vem
de muito longe...*

*Chega dos lados do Mar
um silvo de sereia
e passa a cambalear
o vulto
de um bebado qualquer.*

*Ouçõ ainda chamar timidamente
o mesmo apêlo insistente...*

Psst !...

Prisão

*Ai os olhos resignados do que ficou na
[cadeia
a ver da grade quem passa na rua !*

*Ai minh'alma que ficou detida
na pobre ilha tão isolada,
minh'alma resignada,
a olhar os barcos que passam ao largo,
a sentir esse apêlo
de um outro destino !*

Ai as grades tambem da minha prisão !

José Barbosa

O VALOR DOS ESTUDOS AFRICANOS

Há na África dois campos distintos de observações — o da colonização européia e o da vida primitiva do africano.

Eu, durante os catorze anos que vivi em África, fui mais atraída pelo mistério da terra barbara do que pelos cenários da cidade nova. Livro após livro venho contando do que vi entre selvagens, do que eles pensam, do que eles sentem.

Será estulta esta curiosidade, ou destituída de senso prestimoso?

Porque o assunto tem interesse para este Boletim, dedicado à África e ao africano, agrupo aqui algumas opiniões sobre o valor do conhecimento da vida primitiva e das populações exóticas.

Hunter, citado por Lubbock, diz que “os ingleses têm estudado as populações da Índia como conquistador nunca estudou raça conquistada. Conhecemos perfeitamente a História desses povos, os seus hábitos, necessidades e fraquezas, os seus prejuízos mesmos, e desse conhecimento resultam os actos governamentais. Sem o estudo dum povo os calculos políticos são impossíveis.”

Lubbock, por sua conta, diz-nos que: “O estudo da vida selvagem tem uma importância enorme para nós, ingleses, cidadãos dum império que possui em todas as partes do mundo colonias cujos indigenas estagiam em vários graus de civilização”.

O missionário dr. Manuel Alves da Cunha escreve: “Os povos civilizados, a quem o Destino confiou o magnífico encargo de chamar a humanidade de cultura inferior aos benefícios da civilização, mal ou nunca poderiam desempenhar-se dessa nobre missão se não procurassem por todos os meios conhecer o estado e a índole dos povos com os quais têm de se pôr em contacto.

Assim, pois — e ainda mesmo que o conhecimento da vida e dos usos e costumes das populações atrasadas não importasse tanto às legítimas curiosidades do nosso espirito e à recomposição científica

ESTUDOS AFRICANOS

por

Maria Archer

das grandes evoluções do género humano — esse conhecimento impunha-se aos povos colonizadores como elemento indispensável de assimilação, de administração, e de justiça.”

A. F. Nogueira, em “A raça negra” abre o prefácio do livro com as seguintes palavras:

“As páginas que vão lêr-se foram escritas com o único intuito de ser útil ao meu país e à pobre raça a quem são dedicadas. Ensinou-me a experiência de vinte e cinco anos de Angola que o negro não é o ente absolutamente

inferior que nós supomos, e que se o nosso auxílio lhe é necessário o seu não nos é menos útil em relação ao desenvolvimento das nossas colónias africanas.

Para nós o negro não é um simples instrumento de trabalho, destinado a desaparecer um dia e a ser substituído pelo branco. É um elemento estavel, duradouro, e indispensável, na obra de civilização que temos a realizar em África. Como tal, o problema da sua civilização impõe-se-nos como necessidade indeclinável.”



Casalis, citado no mesmo livro, diz :

"... este mal só terá remédio quando, estudando-se seriamente a condição moral e social destes povos, se adaptar para com êles uma política paternal que os sossegue acerca do seu futuro, e se deixe de legislar sem se ter a menor idéia do seu passado, dos seus sentimentos, e das suas necessidades. Atualmente o problema da civilização da África impõe-se às nações da Europa com tal força, e o negro é nela um elemento tão essencial, que forçoso tem sido estudá-lo.

"Reconheceu-se assim que êle não é tão indolente e refractário à civilização como se julgava. Já se sabe que êle atingiu uma organização social mais perfeita do que se supunha, que no seu espirito há muitas idéias justas, que nos seus costumes, nem tudo é barbaro. Não trabalha muito, mas trabalha, e trabalhará mais se fôr estimulado. Agora já se reconheceu que é preciso estudar atentamente o negro, e procurar os meios

de o auxiliar na sua evolução, em vez de a contrariar, como se tem feito. A nação que não souber realizar esse desideratum terá lavrado o diploma da sua incapacidade colonial.

"Quem vive na Europa, ou em qualquer parte do mundo civilizado, se pensa alguma vez nas populações africanas supõe-se logo que são todas crueis e ferozes, que se caçam mutuamente, que descobrem regras e deveres de moral, que não têm sociedade organizada, enfim, que o seu estado documenta a sua inferioridade e a nossa perfeição.

Por mais lisongeira que seja para nós a conclusão, não é verdadeira. O estado social dos selvagens não é tão barbaro como nos parece, nem o nosso é tão superior como julgamos."

Outro ponto diz Lubbock:

"A condição social e os costumes dos selvagens recordam muitos aspectos dos nossos antepassados prehistóricos. Por êles se explicam, na sociedade moderna, actos e costumes disparatados, e bem

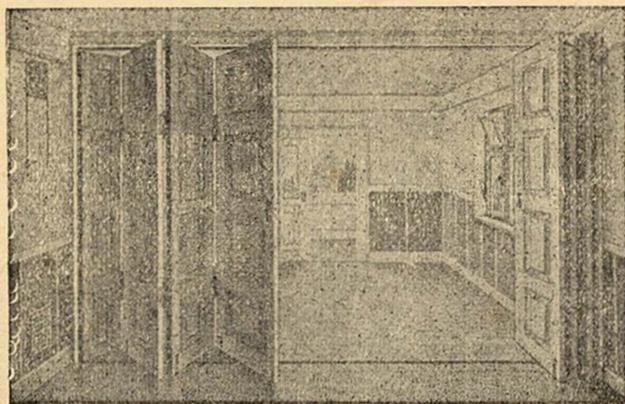
assim certas idéias sem base mas que se enquistaram no nosso cerebro como os fósseis nas rochas. Pela comparação desses factos consegue-se erguer ligeiramente o veu misterioso que separa o presente do futuro. As mais civilizadas nações conservam vestígios da antiga barbarie. O uso de facas de pedra em certas cerimônias egípcias faz-nos remontar ao tempo em que este povo se servia habitualmente de instrumentos de pedra."

E noutro ponto :

"Os viajantes acham mais facil descrever as habitações, as embarcações, os alimentos, os vestuários, os instrumentos dos selvagens, do que tentarem desvendar os seus pensamentos e sentimentos. E' natural. A condição mental do selvagem é tão diferente da nossa que é muito difficil seguir o que êle pensa e compreender as razões que o fazem agir."

Wallace, num dos seus livros, escreve :

"Os povos civilizados deixaram atrás de si os selvagens



FERRAGENS
FINAS E
MODERNAS

FORNECEDORES
DOS PRINCIPAIS
CONSTRUTORES
DO RIO =====

ALFREDO LIMA & C.^{IA}

RUA S. PEDRO, 152

TELEFONES
23-6088 e 23-6094

pelo que diz respeito à inteligência, mas os seus progressos não são tão sensíveis quanto à moral.

Num estado social perfeito o entendimento de cada indivíduo deveria permitir-lhe compreender a lei moral em todos os seus aspectos, e, sem nenhuma coacção, obedecer a essa lei. Ora, e é facto notável, os povos de civilização rudimentar aproximam-se mais que os civilizados desse ponto de perfeita sociabilidade humana.

A massa das populações europeias não tem nenhum progresso sobre o estado moral dos selvagens e em muitos casos está abaixo deles.

Não pretendo ditar dogmas. Mas parece-me que, se o estado social dos selvagens não é superior nem preferível ao nosso, assenta, contudo, em bases naturais que deveríamos estudar cuidadosamente, não para as seguirmos às cegas, ou para abandonarmos por elles o que de bom e útil tenhamos, mas para emendarmos os nossos erros.

A sociedade primitiva também não é perfeita; mas as nossas estão corrompidas até á medula, desvairadas por erros e vícios, e, se quizermos entrar noutra via temos de nos inspirar na simplicidade de costumes mais rudimentares e humanos."

Diz A. F. Nogueira :

"E' facto averiguado que a existencia do genero humano remonta a mais de 20.000 anos, conquanto mais de 100.000, talvez centos de mil, tenham decorrido desde a origem do homem.

Ora tomando por base êste cálculo, e se o primeiro tipo humano data de 20.000 anos, basta admitirmos que o segundo data de 15.000 e o terceiro de 10.000, para acharmos a explicação da diferença que se nota entre as tres grandes raças que hoje o representam.

O argumento do estacionamento do negro perde assim toda a sua força.

O branco permaneceu também muito tempo estacionário. Ainda ha dois mil anos os povos germanicos viviam em guerras continuas e não tinham nenhuma das insti-

tuições dos povos civilizados, eram poligamos, compravam as mulheres, ou, pelo menos, tinham uma forma de casamento não superior à actual dos negros, e no entanto hoje são dos mais civilizados. Fizeram daquêle tempo para cá um grande progresso; mas primeiro que ali chegassem quantos milhares de anos permaneceram mergulhados na mais completa barbarie? Quando os egipcios, chegados a um alto grau de civilização, viam em torno de si, barbaros ou selvagens, os povos que haviam de ser os futuros gregos e romanos, quanta razão teriam, ao guiarem-se por um raciocínio igual ao que nós empregamos para os negros, em suporem êsses povos completamente inferiores e incapazes de se elevarem a cima dêsse estado!

Longe de estacionar, como se diz, o "NEGRO PROGRI-DE."

Creio que justifiquei o apaixonado interesse que me inspiram as raças selvagens. Como documentário da prehistória, como campo de estudo de leis sociais e morais a minha curiosidade prende-se nos homens primitivos.

Não sei em que Deus, nem em que argumento humano, possam alicerçar-se prejuizos de raça que não briguem com razões de humanidade. A consciencia e o interesse coligam-se aqui e aconselham o estudo das raças negras para que se possa auxiliar a sua evolução. Que se não fomentem antagonismos, que se calcule e medite cada singradura na caudalosa torrente que vai para o futuro! A situação dos Estados Unidos da America, dividida em campos de raças inimigas — brancos e negros — é exemplo terrível para quem tem, como nós, um vasto imperio colonial. O africano civilizado deve ser um aliado e um amigo do branco; mas quando a sua educação é mal dirigida e o colocam num meio hostil fazem dum barbaro inofensivo um inimigo revoltado.

Sob a rosa do sol pode haver na terra um lugar feliz para a expansão do homem de cor, que, se não constrói automóveis ou arquiteta cálculos matemáticos, resolve problemas morais em formas

que merecem respeito. A missão dos brancos na África deve ser fraterna; e se a intelligencia nos não servir para melhorar a vida sobre a terra, na verdade não sei que orgulho colhamos dela!

* *

Fialho de Almeida, na "Vida Ironica", entende que "para explicar a África é necessário iniciar uma literatura exclusivamente africanista, que junte o detalhe pitoresco à informação científica, e traga na frente, em vez de nomes de exploradores conhecidos pela inventiva falaz das suas mentirolas, a chancela de outros trabalhadores mais probos e a lenda poetica de outros heróis menos sábios."

Quantas e maravilhosas coisas há em África para dizer! As epopéias da conquista e da reconquista, a história dos velhos tempos em ruínas nas brenhas, as pedras esburacadas de Massangano, ainda ressoantes dos gritos de combate e da paixão portuguesa! A trágica "chãna" de Mufilo, onde os nossos soldados, a peito descoberto, formaram bloco rochoso em que quebrou seu embate a onda de cuanhamas, emplumados, montados como centauros, e trovejantes de balas tudescas! A travessia aventureira das antigas caravanas comerciais — mixto de façanha guerreira, de fatalismo nomade, de amor pelo oiro, de ânsia lusitada de descoberta! A iluminada cruzada missionária com seus mártires do amor de Deus, do próximo; a rude, abnegada, valorosa colonização portuguesa, marcando com gerações sucessivas os direitos de posse ao pedaço de terra que nos pertence em secular herança! Mas acima de todos os prestigios atraiu-me em África o seu mistério humano, a gente barbara que sôbre ela vive e procria. Estudá-la, conhecê-la, compreendê-la, é uma missão de humanidade e intelligencia. Eis porque continuamente a recordo aos portugueses que labutam na África, mostrando o seu significado, a sua utilidade, e o seu valor moral. O negro é um especime vivo do homem perdido na prehistória. Tê-lo sob a lente de nossa curiosidade é um milagre divino!

MISSÕES

CIVILIZADORAS

Se os meus conhecimentos de história doutrinária da colonização estão em dia, ando a par da verdade ao afirmar que foi o escritor inglês Peckham que primeiro descobriu na colonização um fim civilizador.

Os fins assinalados à colonização variam através dos tempos segundo as doutrinas economicas que vingam no momento em que os colonialistas se ocupam do fenómeno; e assim é que o mercantilismo teve a sua época com a realidade que a Espanha lhe imprimiu, indo às colónias exclusivamente em busca dos metais preciosos para enfiamento do seu tesouro. Cristovão Colombo leva a presidir à sua expedição a idéia daquela terra lendária com casas de telhado de ouro; e na ânsia de a encontrar, dilata o globo terrestre para além do então conhecido cá para os lados occidentais. Mais tarde se reconhece na civilização o desenvolvimento economico e naval do povo colonizador, criterio ainda acanhado, mas do qual já beneficia ou póde beneficiar a colónia.

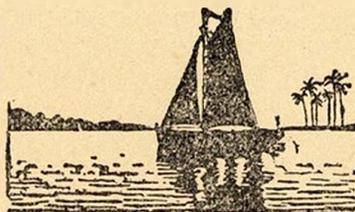
Um fenomeno, porém, se observou ser constante, indifferente ao fim que levava o povo colonizador a explorar a colónia: o levantamento do nível moral e social dos povos indígenas, e foi êle denunciado pela observação de Peckham.

Ocupando-se mais tarde dêste aspecto da questão, levou-o Zimmermann ao exagero, pretendendo que fosse êle a preocupação única do Estado colonizador, pretensão idealizada fóra da mais rudimentar realidade, pois que os Estados são como os individuos, movendo-se por interesses, predominado nêles os de ordem material.

Mas este postulado já era uma teoria e Zimmermann um doutrinário, enquanto que Peckham fez apenas uma observação, limitando-se, assim, ao papel de mero observador.

A difusão da civilização foi um fenomeno natural, consequência necessária do contacto entre dois povos de civilização diferente, o mais civilizado, geralmente o colonizador, dominando moralmente o mais inculcto, a colónia, por isso, evolucionando à semelhança da metropole. Fenomeno natural, o que tanto importa dizer que êle em nada dependeu das intenções que animavam os povos colonizadores, desnecessário se tornando afirmar que não foi um fim civilizador que atirou os povos civilizados para a colonização.

Interesses pessoais dos descobridores e depois interesses nacionais dos Estados colonizadores, ambos de ordem económica e financeira, informaram o principio da colonização ao abrigo do qual se praticaram abusos "de esquecer" agora principalmente que as potências



pelo

Dr. Sebastião Ribeiro

colonizadoras procuram remir os seus anteriores pecados mortais com os modernos principios de administração colonial.

Efectivamente, já hoje a colonização se não propõe um fim material exclusivamente, mas um fim utilitário para ambas as partes qual o do desenvolvimento economico e commercial atentos os recursos de ambas elas; e além disso, o desenvolvimento moral da população do território ocupado. Desta ultima finalidade que a colonização visa nos vamos occupar no presente artigo o mais resumidamente que possível seja.

Há hoje nos povos colonizadores a preocupação de desenvolver moralmente as raças indígenas. Para isso dispõem os Estados de meios directos e indirectos, próprios e auxiliares.

As autoridades administrativas, principalmente quando sejam pessoas especializadas em assuntos coloniais, constituem um dos mais poderosos meios directos para a orientação social do indígena, como o são os funcionários da saúde, notadamente os da instrução e os das missões. Isto como meios directos próprios. Como meios indirectos próprios tem o Estado os restantes funcionários e as vias de comunicação officiais.

As comunicações não officiais, o comércio e os colonos são meios indirectos auxiliares. As missões, principalmente, são meios directos auxiliares e sobre elas vai incidir a nossa atenção.

As missões podem ser de natureza transitória ou permanente. São transitórias as missões científicas que se destinam ao estudo de um fenómeno no território occupado, nêle se demorando o tempo necessário à sua observa-

VISITEM AS EXPOSIÇÕES DE

Pratas Portuguesas e Filigranas

DA JOALHERIA E RELOJOARIA

A PORTUENSE

Casa fundada em 1915

"Soquinhos Mascote" em filigrana portuguesa
(A MAIOR OURIVESARIA PORTUGUESA DO BRASIL)

Completo sortimento de jóias, relógios e artigos para presentes —
Oficinas próprias para fabrico de jóias e concertos de relógios, com
garantia absoluta e preços mínimos.

ALMERINDO GONÇALVES, IRMÃO LTDA.

RUA URUGUAYANA, 133 — TELEFONE: 23-5642

ção; ou à execução de importantes obras de fomento e findam completadas que elas sejam.

Missões de natureza permanente são aquelas que se destinam à educação do indígena, pondo-se em contacto com êle durante o período da sua formação, com o fim de lhe inculcar os usos e costumes dos modernos países civilizados, ministrando-lhe, ao mesmo tempo, conhecimentos profissionais, tornando-o apto a representar na vida o papel que pela natureza lhe foi distribuído. São as chamadas missões civilizadoras.

As primeiras missões civilizadoras que aparecem na nossa colonização são de natureza religiosa, católica primeiro, as protestantes mais tarde; e só muito recentemente se experimentaram as missões laicas.

As nossas descobertas e conquistas de além mar, feitas de espada em punho, foram logo seguidas pela cruz para as abençoar, muitas vezes sucedendo pedir esta o auxílio daquela para a conquista espiritual quando a força da convicção era insuficiente para catequização dos indígenas. Andavam por essa altura bastante misturados, na metrópole, os negócios temporais com os espirituais, não sendo admirar que pelas colónias também se não destrinçassem muito essas duas matérias tão inconfundíveis na essência como na sua origem. A República separou a Igreja do Estado, tornando êste neutro em questões de cultos, todos aceitando sem preferência por qualquer. Tendo necessidade de missões civilizadoras, sem abandonar inteiramente as católicas, preparou missões laicas que aos indígenas levassem os benefícios da civilização fóra dos acanhados limites de qualquer seita religiosa.

Não deram as missões laicas os resultados que dela se esperavam. Mal preparadas, mal recrutadas no seu maior número, autoritários, alienando de si a mais rudimentar simpatia, o preto viu nos novos missionários mais uma espécie de patrulha dobrada para a cobrança do imposto, que homens votados à cruzada civilizadora. Sem vocação para a arte, a um tempo simples e complicada, fácil e difícil, de atrair o indígena, os novos cruzados instalaram-se razoavelmente e, de braços cruzados,

aguardaram que o preto afluísse à missão em busca do alimento espiritual de que os supunham famintos. Êste o primeiro erro dos novos missionários.

E' sabido que o indígena só recorre à missão movido pelo interesse material, interesse que preside aos mais rudimentares actos da sua vida. Aos missionários católicos só foi possível atrair a população indígena depois que lhe fizeram sentir as vantagens das suas casas, vantagens imediatas e que se traduziam por factos de auxílio material por todas as formas que é possível ou curando-os, ou matando-lhes a fome, ou protegendo-os de qualquer perseguição do seu semelhante, etc.

Ainda não há no indígena o reconhecimento da necessidade de educar o espírito, ou simplesmente de substituir os seus usos e costumes por aquêles que nós pretendemos impôr-lhe. Fundaram-se em Moçambique as escolas indígenas, com professores indígenas, que só teem logrado a frequência que o administrador lhes garante com o peso da sua autoridade. Lembro-me de que no Ile, Distrito de Quelimãne, a escola tinha uma razoável frequência porque a autoridade administrativa impôs aos régulos da sua circunscrição a assiduidade das crianças dos seus regulados; e êles, compenetrados de mais um serviço a prestar ao Estado, lá mandaram a juventude com satisfação dos adultos, livres, desta vez, de mais um sacrificio. Seis meses passados vieram os pais à sede da circunscrição pedir ao Administrador a renição das crianças, cansadas de trabalhar, solicitando, ao mesmo tempo, o pagamento pelo serviço obrigatório prestado ao professor!...

Nalgumas colónias já a necessidade da instrução se vai fazendo sentir, mas ainda dentro do limitado objectivo de uma condição indispensável para o indígena obter um emprego público onde possa ganhar o bastante sem grande esforço material. E' o que acontece, por exemplo, na Colónia de S. Tomé.

Vem a propósito citar êste facto que presenciiei. Tive de me instalar na casa de uma escola primária em certas diligências a que procedi, na freguesia da Trindade. Logo que entramos, chamou-me o Dr. Amâncio de Al-

poim a atenção para o requerimento escrito, a giz, no quadro, dirigido ao Governador da Colônia, pedindo a colocação em qualquer lugar de amanuense das secretarias da Ilha. Explicou-me depois o professor que fôra aquêlo o exercício escrito do dia...

Não posso dizer, nem com o ar espirituoso do Dr. Brito Camacho, graças a Deus sou ateu, porque o sou sem dar graças a quem quer que seja, quantas vezes lamentando sê-lo. Acredito bastante nas minhas convicções e livro-me delas ou substituo-as por outras que se me afiguram melhores sempre que o meu credo lhes falta. Creio tão pouco nos sistemas religiosos que conheço, que bem se pode dizer que não acredito em nenhum. Ao meu espírito teimosamente livre em materia religiosa, tornam-se simpáticas as missões laicas e por estas tenho uma preferência decidida que não foi abalada pela desastrosa experiência das primeiras, cujos missionários não eram inferiores aos padres que fui encontrar à minha chegada à África, grande parte dos quais se dedicava ao comércio do alcool com os pretos, tendo uns abandonado as missões e estando outros prestes a isso, só à espera de vêr o que o negócio lhes dava.

Há em África muitos padres missionários vivendo como reformados... no comércio.

Em toda a parte e em todas as classes há bom e mau. O bom recrutamento do pessoal e a sua adequada preparação, coisas indispensáveis, são a garantia única do bom resultado de todas as missões, sejam elas de padres ou de leigos. Sendo assim e não se tendo observado estes dois princípios para as primeiras missões laicas expedidas para as colônias, eu condeno estas pelo que foram, mas não posso condená-las a todas pelo que outras podem vir a sêr.

Creio que nem vestígios hoje há das primeiras missões desta natureza. Os missionários ingressaram nos quadros do funcionalismo, senão tôdos pelo menos alguns, e creio que nem como funcionários se tornaram apetecidos. Ao seu espólio não sei que destino foi dado.

Dentro do Estado católico as missões religiosas desempenhavam o duplo objectivo de propagar a religião oficial e civilizar o indígena, missões essas que dentro do Estado neutro em matéria religiosa continuaram a subsistir, mas do seu duplo esforço apenas interessava à Republica o de levantar o nivel moral do indígena. Pouco importa ao Estado a religião de cada uma das missões à sombra da qual se acolhem, desde que os seus preceitos religiosos não briguem com a moral e a ordem pública. Que a alma do indígena fique penhorada à seita religiosa que o catequizou não importa ao Estado, mas não lhe pôde ser indiferente o benefício que recebe da sua melhoria moral.

Como já disse, vêm de longos tempos as

missões religiosas e tolice sem desculpa seria não lhes reconhecer a utilidade que se torna palpavel em face dos resultados obtidos, um pouco menos volumoso que a propaganda dos seus defensores têm exagerado, mais vantajosos que aquilo que os seus contraditores lhes concedem.

As missões confissionais que hoje trabalham nas colônias pertencem a ordens diversas. As mais importantes são as do Espirito Santo, principalmente em Angola, e as dos Franciscanos predominando em Moçambique. Os Marianos, os Beneditinos e os Salezianos também estão representados nas nossas colônias, havendo no Niassa uma missão italiana de padres católicos "Della Consolata" e missões protestantes americanas e alemãs. De padres seculares, que são em maior número, conheço duas missões de destaque: a de Moçambique, dirigida pelo Pe. Manoel de Castro, e a de Malatane, dirigida pelo Pe. Lopes, ambas em Moçambique.

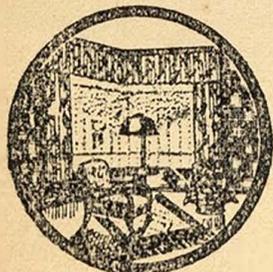
Conviria desenvolver quanto possível as missões seculares com padres portugueses, não sendo mau que se mantivesse a superioridade que hoje teem, aumentando-a até na medida do possível.

Os padres congreganistas teem prestado assinalados serviços na educação do indígena, mas nem todos nos conveem pelo que respeita às consequências da sua acção. A missão Della Consolata, que trabalha no Niassa, tem o inconveniente de misturar a evangelização com a política italiana, procurando desviar o indígena da submissão ao Governo Português.

As missões protestantes, muito bem organizadas, teem o mesmo defeito e ainda entre nós se não apagou a recordação do papel que representaram as missões protestantes alemãs no Cuanhama. Não podendo evitar que elas se estabeleçam nas colônias portuguesas, há que vigiá-las de perto e rigorosamente para que se não repitam os lamentaveis abusos que se observaram antes de 1914.

As missões que mais de perto conheço são as do Espirito Santo e essas teem sido de uma isenção política absoluta. Dedicam-se exclusivamente à catequização do indígena, respeitando em toda a linha a autoridade portuguesa, para a qual teem sido de uma lialdade impecável. Por mim prefiro estas a quaisquer das restantes, umas porque não conheço, outras porque todos nós as conhecemos...

Todas as cautelas são poucas, mórmente na actualidade em que pretensos interesses de illusórias vontades bastam para justificar intervenções armadas com o fim de acalmar populações pacíficas. Os abexins ontem eram os habitantes da Abissinia, hoje são também os da Austria.



MOVEIS - GRUPOS ESTOFADOS

CORTINAS - TAPETES - TECIDOS

Desenhos, orçamentos e sugestões gratis



82 - Rua 7 de Setembro - RIO

Junto a
Avenida



PILÃO DA FESTA

BRAVA-CABO VERDE

A João Feijó

por

A bandeirinha de Santo António festejam-na as recém-casadas. Quando, no mesmo ano, vai mais de uma ao altar, faz-se uma escala. A festeira deste ano, esposa dum amigo, parece uma noiva, e traz dois anjos ao colo, duas princesinhas, como lhes chamo eu. O ano do seu casamento foi ano grande. Muitas foram as noivas. Tantas que ainda não coube a todas o feliz encargo.

Ontem à noite começaram as festas da Brava. Mas já há oito dias, de manhã e à tarde, estralejam foguetes quando sóbem ou descem, nos mastros do Cutelo, a par, a bandeira e a bandeirinha do taumaturgo português. Há cem anos, ali erguia-se o Pau de outra bandeira. Nêle amarravam e supliciavam os condenados e os escravos. Mas cem anos é tempo grande. Ninguém aqui já se lembra de tal.

Ontem fez-se o pilão de festa. Precedendo os convites de respeito, pessoalmente transmitidos pelo dono da casa, andaram dois rapazes, em cavalinhos escoteiros, a correr a Povoação.

Encheu-se a casa desde as 20 horas. Era uma vivenda de largas salas e uma vasta varanda sôbre um terreiro que dá para lavras e cafezais. O festeiro, que é metropolitano, enfeitou e iluminou a rua com cordas de verdura e balões venezianos. As salas estavam claras de luz e, numa delas, uma grande meza vergava ao peso das doçarias e dos cristais.

A caminho da casa do festeiro: pelas ruas e canais, desfilarão mulheres levando à cabeça as grandes bande-

jas, sob as toalhas bordadas. Pela tarde fóra estoiraram foguetes celebrando os presentes, à medida que iam entrando. Depois caíu a noite mansa.

No Santo António, as vespers, à noite, e a missa do dia santo, rezam-se na capelinha do Leme, a para do cemitério. Ali, nas tardes de trezena, sob o patrocínio do Santo, é **sabi** namorar...

Fechou-se a noite e ao som dos tambores, rodeado pelas coladeiras e o povo que cantam e batem palmas, lá vai o cavalinho, em passo de dança, aos upas. O cavaleiro leva, a bandeira. Lampeões Mitson alumiam o caminho incendiando a névoa em que, ao alto, se perde o rastro dos foguetes... A África, no canto das tabancas distantes que o sangue mal lembra, acompanha, emoldura a velha festa portuguesa das bandeiras. Ardem fogueiras nos cuteios, nos quintais e à beira dos caminhos. A multidão, as casas, o animado canto, vão numa auréola de enrubescida névoa. Nas janelas resplendem luzes. E o cavalinho lá vai, aos upas, dançarino, escorrendo suor e prosápias, ao meio do povo, da música nostálgica, dos clarões, da névoa, — o cavalinho da bandeira de Portugal lançando à cadência dos cantos e palmas do sertão.

Da capelinha volta o cortejo a casa do festeiro. O cavalo entra na sala e ali mesmo continua a dança, er-

guendo-se, com o ginete e a bandeira, acima da gente que o rodeia. A dona da casa toma a bandeira, e longamente a agita sobre a multidão, como numa benção. Algumas pessoas beijam-lhe a fimbria bordada.

As coladeiras cantam. Uma parece a mestra, sacerdotisa dum rito centenário. Ergue o canto, larga as "manijas", numa voz alada, de langôr e saudade. Envolve e domina, com os gestos lentos, a multidão que a cerca. Ha não sei que graça de hamadriade bárbara, ou sereia, nos gestos que se desfolham como pétalas, lançando não sei que sortilégio, sublinhando as manijas em que há alegria, ironia ou lirismo. No vitorioso crescendo, ao rolar dos tambores, as outras erguem os braços em asas de ânfora, elevam, aligeiram os corpos na graça lenta e voluptuosa dos geitos, rodam solenes sôbre si mesmas. E as figuras dizem, sôbre o fundo áspero do côro, a graça da alegria nas almas.

Agora, no páteo, perfumada a água de cheiro que uma avó juvenil a meudo espargia sôbre a turba contente e animada a copinhos de grog, apinhava-se o grupo das coladeiras, o côro africano, apontando "manijas", clamando saúdes ao compassado golpe dos paus no pilão de madeira, das palmas sonoras, dos rufos de tambôr.

A gente da casa, os convidados, donas e moças, rapa-

zes da Brava e forasteiros, revezavam-se no pilar do milho como em acto de ritual. Os menos hábeis perdiam o compasso e, entrechocando os paus, faziam saltar fora o milho mal batido. O rumor, o canto, os gritos alados da coladeira-mestra, o rufo dos tambores, a alegria da noite, pondo um instintivo ritmo nos corpos contentes, redobravam a alegria nos corações.

Descia a névoa translúcida de luar, ou o luar voluptuoso e baço destas primeiras névoas.

O quadro era o passado, o Portugal colonial de outrora. A turba, no terreiro, a multidão dos servos, a voz secular da África doméstica familiarmente participando na festa dos senhores. Portugal e África. A bandeira do Santo e o batuque saudoso da selva em que a alma lírica do português exprimia melhor, dava sentido e voz à alma nostálgica das tabancas natas.

As mocinhas brancas e as creoulas, — (quais são, aqui, mais femininas e de amar?) — misturavam-se, cantando, às escurinhas netas dos esca-

vos de seus avós. E algumas velhotas, esquecidas dos netos, com uma alegria mais saborosa e linda sob os cabelos brancos, misturadas à turba, cantavam, batiam palmas ou, no afanoso compasso, tomando os paus de **pilá**, "**cuchiam**" milho como se preparassem o festivo **xerem**.

Falava o carinho nos olhos e nos modos das rapariguinhas da Brava. A alegria delas vinha da resignada tristeza claustal da sua vida, ao longo dos meses de noviciado sem alegria e com poucas esperanças...

As bandejas de doces iam de grupo em grupo. Subia nos copos, a alva espuma da cerveja. Na rua amorteciam, apagavam-se os balões de Veneza. Caía a névoa mais opaca, vestindo a nudez fria do luar.

Então a turba passa do terreiro à sala festiva. E ali dentro, como outrora o escravo no salão dos senhores, franco em certos dias festivos, correram as bandejas e os copinhos de abafado e de grog, subiram mais alto os cantos, rufaram com mais gana os tambores.

Perturbando a noite e as névoas, estralejavam os últimos foguetes. Um violino solitário tentou a **Morna da Aguada**. Modulando o canto em surdina, na sala que a turba já deixara, os moços e as moças, pensaram na dança, — quem dera! —... Mas começou a debandada através dos "canais" e das ruas silenciosas e opacas de névoa.

As festas de Junho tinham principiado bem.

* * *

Quando ao fim do repouso, regalado sono, as mocinhas da Brava acordaram esta manhã a um vago canto de luzes — ficaram um momento a escutar, nos seus leitões, **Guiza** de anjos ou cantigas de amor?

Era o céu, era a névoa a chorar de gosto, a cair brandinha sobre a poeira sequiosa dos caminhos e a ansiedade dos cafezais ansiosos de florir...

... Os primeiros **barrufos** do S. Jon...

J. A. COSTA & C.^{IA}

(Fundada em 1881)

Rua Frei Caneca, 245

Fones 22-8749 e 22-4263

RIO DE JANEIRO

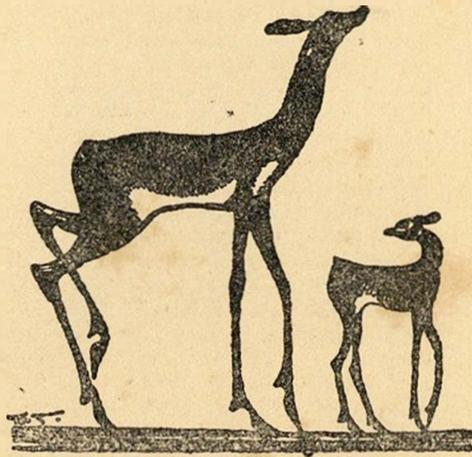
Engenharia

Arquitectura

Construções

DERRADEIRAS REZAS

À ARTE NEGRA



por

Diogo de Macedo

Porque um dia, arredado dos meus deveres profissionais e encantado com a imaginação plástica dos povos africanos, me meti a falar da arte indígena das nossas colônias, analisando-a apenas no seu aspecto artístico, embora com paixão pelo que ela tem de grande e que nem todos os portugueses sabem reconhecer, não me julgo com qualquer direito à colaboração em revistas como esta, cujos problemas tão especiais somente conheço de ouvido e me interessam sobretudo através dos encantos desses ídolos e manipunços que há anos observo com respeito. Fôram no entanto, aquêles entusiasmos uma passageira obra de amorochudo, que com o rolar do tempo passaram fatalmente, como todos os entusiasmos que não encontram continuidade. Publicou-se um album, fez-se alguma propaganda no sentido de salvar essa arte, e como o restante era com quem pode e deve, os devaneios meus tomaram outras direcções, visto, por feitiço, não me sujeitar a direcções únicas. Desta vez, porém, não posso furtar-me ao convite delicado da SOCIEDADE

LUSO-AFRICANA. O meu desejo seria ir à África colher directamente impressões novas sobre o assunto, mas, em geral, es barcos encaminham-me para lugares mais frios e talvez mais bárbaros.

A concepção da Arte nos povos negros — se ela existe propriamente — é complexa e misteriosa. Presumo que a sua razão não é de ordem estética, mas tão simplesmente religiosa. Contudo a obrigatoria necessidade de criar formas, no homem, também deve contribuir para a existência, expressiva e abundante de tal Arte. A força pertinaz das crenças desses povos, suplanta o que a nós, com o seu desenvolvimento, nos pode parecer escravidões atadas às rotinas ou incapacidades de progresso, quando os negros possuem da civilização uma ideologia quasi contrária à nossa. Assim, se um negro esculpisse, por milagre, uma obra perfeita como qualquer Vénus grega ou qualquer Santo gótico, é de crer que não provocasse admiração nos indígenas — e quem sabe se até causaria desgosto na seita? — por não serem tais imagens capazes de fazerem os milagres a que estão ha-

bituados. A repetição persistente, o apêgo ao gosto e às composições, e a intransigente fantasia da sua escultura, que não permite ao mais dotado artista africano quaisquer aperfeiçoamento plástico num sentido que os brancos buscam e buscarão, é a prova tradicional das suas convicções misteriosas, que teem da fé uma concepção assaz grande, à qual a Arte, como os costumes e todos os actos da própria vida, se devem sacrificar, defendendo, por obstinada fidelidade ao sangue, qualquer entrometimento de estranhos, seja porque razão fôr.

“Cada terra com seu uso!...”
E digam os homens o que disserem, o sangue e as idolatrias são as ocultas forças que guiam as revoluções ou paralizam os anseios do Mundo.

Pelo interior da África aquela arte, aos nossos olhos, é tenebrosamente macabra e incompreensivelmente ridícula: os feitiços atingem simultaneidade exagerada de adornos grotescos, expressões nojentas e aspectos perigosos; mas por isso mesmo, certamente, ella lhes é merecedora de maiores devoções e de mais intensa capacidade de

sugestão. A aflitiva e heterogênea fantasia dos seus criadores incultos, reveste os ídolos, pouco distanciados dos manjões, com cornaduras desmesuradas e simbólicas, como outrora os povos de melhor civilização adornavam as nuças dos seus deuses — a DIANA, por exemplo — com meias luas arrebitadas, e a frente de MOISÉS com as pontas luminosas da sua sabedoria. As bocas daquêles ídolos selvagens são muitas vezes ornamentadas com dentes aproveitados dos cadáveres, com caninos de animal bravo, com conchas e pedras luzidias, que sustentam cabelos e costas suspeitas, formando um ninho repleto de feitiçaria; os olhos e os umbigos são enfeitados com espelhos, búzios e lâminas de latão, que escondem mênzinas arrancadas a plantas, quando não excecências sexuais ou sacrificados sangues de virgindades estrupadas; os mamilos são, em geral, cavilhas grossas, circundadas de outros pregos que contam os milagres; os colos, os pulsos e os tornozelos dessas figuras, são círculos sobrecarregados de cintos e frutos sêcos, de arames e linhagens embebidas em lama e suores; as bacias são apertadas num rosário de ossos pequenos e pêlos de macaco; os cabelos são tecidos com ráfia, crinas, empastamentos de hervas sêcas e musgos de terra; os sexos, ou são simples bôlsas de sementes milagreiras, ou volumes desproporcionados por importâncias convencionais, por vezes em erecções desequilibradas, numa intencional credence pelo culto da vida, activados com burlescos golpeados e incrustações de seixos, vidros e argilas grossas, desenhando figuras exóticas de tatuagens em relêvo; os pés, guarnecidos com tranças, no seu avantajado tamanho; as orelhas, com fôlhas e com anilhas de lata; as mãos, que muitas vezes têm expressiva simbologia e volumes notáveis, são dominantes nos geitos e nos exagêros que tomam, tal como nos orientais, convencidos do raciocínio particular que os dedos encarnam e do mistério das palmas gravadas, sagradas como um evangelho; e todos os restantes pormenores dos corpos destas imagens sobrecarregadas de enfeites e de feitiçarias, são de igual

pujança imaginativa nos seus contorcionados movimentos ou nos desproporcionados arranjos, no geral com aumento predominante nos membros extrêmos. As cabeças, por exemplo, com os enrêdos das carapinhas e com os apêndices das barbas de palha ou piassava, ficam monstruosas e temíveis.

Estes ídolos ou feitiços, com significados vários das superstições da selva, terroristas, milagrosos, curandeiros, explicando segredos celestiais consoante as inconstâncias dos elementos, lirismos de floresta, pavores dos ventos e benefícios das águas, convicções íntimas e tormentos sexuais, casos de desventura amorosa e de salvamentos pela circuncisão, domínios do fogo e defesa contra os animais mais fortes, etc. etc., são muitas vezes tatuados a ferro em brasa, tachados em abundância, pintalgados, ensoados de óleos, golpeados e picados com unhas e dentes, numa lógica que nos é estranha e que o nosso raciocínio apenas adivinha, aparecendo com casos aberrativos à nossa compreensão, mas que tôdas as idolatrias explicam, como mãos com sete dedos, focinhos de animal nunca visto, com quatro olhos e narinas de fossas duplas, com bossas e cavidades suspeitas, ora curtos ora alargados, sempre cabeçudos, mas também, ainda que raramente, microcéfalos e ventrudos, cœcundados, anquilosados, cheios de truculentos contrastes plásticos e impressionantes, onde jamais o sentido sentimental aflora ou o espiritual pode residir. As suas místicas são noveras embaraçosas. Desnorteiam-nos o entendimento e não há percepção que desvende os seus mistérios. O mais estranho, porém, é que o sentido plástico destas criações é intenso, violento, decorativo e expressivo até ao âmago sensorial da matéria. A nossa expectativa fica-lhes sempre aquém. Autênticas invenções dum génio diabólico e indomável, amesquinham a nossa dedução de análise, por não têmos a força corajosa de exprimirmos, como êles, os sonhos da vida com tudo quanto a vida nos oferta, e assim, por tal franqueza, não poderemos perceber as suas liberdades totais. A nossa equilibrada conduta a dentro do racionalismo e da

categoria de civilizados que a nós próprios nos demos, é que nos atrofia a imaginação e restringe a lógica em que a nossa Arte se aperta, repetindo-se continuamente, sem a variedade e sem a natural centelha de infinito, que possui a gentilica. No fundo temos de confessar a nossa escravidão em relação à inventiva plástica dos nossos antigos escravos. Não sabemos se são êles ou somos nós, com tantas cautelas e sabedorias racionalistas, que estamos ou não, na razão divina da multiplicação perpétua de tôdas as forças e dons.

Ora por tanto e tanto, andei outrora enlevado na paixão da ARTE-NEGRA. Creio que a nossa admiração não deve furtar-se a abraçar o universo com todos os seus enigmas e tôdas as suas loucuras, amando com igual lialidade de exaltação, um muquiche africano, um santo de basilica, um ícone oriental, uma deusa do paganismo ou qualquer outra criação de Arte de qualquer época ou lugar, de qualquer raça ou religião. Quem não possui esta generosa vastidão de sensibilidade para admirar tôda a Arte pela sua novidade particular, pelos seus segredos de excepção e pela sua beleza — convencional ou não, consoante os sentidos a que se dirige — não tem direito de considerar maior a escravidão dos cérebros ou dos corações dos negros do que a sua própria, a qual por educação ou estreitamento de percepção estética, queda limitada numa gargalheira de gôstos e devoções. A liberdade no entendimento e na acção dos homens deve partir da das suas sensibilidades emocionais.

Há, pois, que estimular as raças africanas no seu amor e no seu apegado desenvolvimento da Arte que há séculos inventaram, não procurando descaracterizá-la com visões e idealizações alheias, e arquivá-las em museus como a qualquer outra manifestação de gôsto, respeitando-a como a um padrão, ao qual nós, os portugueses, já em tempos idos, levamos louvores e alguns subsidios para o seu enriquecimento. A Arte gentilica deve ser um dos nossos orgulhos de descobridores e de civilizadores. Alguns sábios estrangeiros o tem apegado...

IMPRESSÕES DO BRASIL

por

André Siegfried

O Sr. André Siegfried, que esteve recentemente entre nós, ao regressar à França, estampou no jornal "Le Petit Havre" uma série de artigos devéras interessantes sôbre o Brasil. Na impossibilidade de transcrevermos tôda a série, registamos, apenas, em nossas colunas, devidamente traduzidos pelo serviço de Imprensa do Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores), os dois artigos que mais nos impressionaram.

I — O POVO BRASILEIRO

Não há raça brasileira, como de resto não há raça francesa, mas existe um povo brasileiro possuidor de um sentimento nacional muito vivo. A formação desse povo, originário de elementos étnicos heterogeneos, a manutenção de uma unidade política que até aqui arrostou os anos, a despeito de forças centrífugas poderosas, suscita alguns problemas interessantes. Uma comparação, que se impõe, com os Estados Unidos, torna-os mais interessantes ainda.

O Brasil contava, em 1935, 41.560.000 habitantes; tinha 4 milhões em 1800, 14.434.000 em 1890, 30.635.000 em 1920. O progresso é assim rápido e, no entanto, que são 41 milhões de habitantes para uma superfície maior que a dos Estados Unidos? No litoral e na franja imediata, a densidade varia de 11 a 46 habitantes por quilômetro, mas no interior o número desce a 4 e no centro do

país quasi só há um habitante para 4 quilômetros quadrados. A população está de facto agrupada, nos Estados ribeirinhos do Atlântico, entre Pernambuco e o Uruguái; o Distrito Federal, os Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, com 10 % sômente de território, possuem 43 % da população.

Mesmo nêsses Estados, o menor passeio de automóvel, até 40 ou 50 quilômetros das grandes cidades, é feito através de paisagens imensas, magníficas e vasias. Compara-se, por vezes, e não sem razão, o Brasil á Índia; mas a Ásia é borbulhante, saturada de humanidade secular, enquanto o continente americano — será essa uma de suas características demográficas profundas? — permanece semeado de claros estigmatizados por uma relativa esterilidade humana.

O elemento básico do povo brasileiro é o português, que se distingue do espanhol por menos espinha dorsal e por uma boa graça mais languê; o seu "charme", que se adapta tão bem ao clima dos trópicos. No Norte do Brasil, os portugueses encontraram índios; em Pernambuco, ninguém poderia enganar-se nêsse ponto, o fundo da população é nuançada de índio; isto se manifesta na estrutura dos crâneos, na tez acobreada, principalmente, nessa atitude indefinível que, de longe, de muito longe, lembra a do chinês, por sua fluidez silenciosa, sua reserva defensiva. Mais ao Sul, a presença dos negros outróra trazidos da África como escravos é muito sensível. Na Bahia, no Rio, êles são numerosos dando à vida social essa tonalidade que por toda parte le-

vam consigo: a alegria, o "laisser-aller", a preguiça, a música e a dança. Não são êles, como os índios economicamente inúteis; vencem em certos ofícios, mas não constituem nunca afinal de contas, um factor de actividade; se dois dias de trabalho por semana lhes bastam para viver, não trabalharão mais que isso; quando, nas ruas do Rio, vemos homens sentados sobre muros de pedra, saboreando a volupia de não fazer nada, êsses homens são sempre negros. Mas, que volupia há nêsse "far-niente" que os ocidentais jámais conhecerão!

Há negros puros e índios puros, mas a regra é a mistura. O português nunca sentiu repugnância pela mistura, e não encontraremos no Brasil essa barreira étnica que separa as raças nos Estados Unidos como por um cordão sanitário. Política e socialmente os homens de côr têm todos os direitos; nada impede um negro de se elevar até o cimo da hierarquia se êle possui os dons e a ambição necessários. A apatía negra faz com que essas ascensões se tornem bastante raras; o homem de côr se contenta naturalmente com situações inferiores ou modestas; êle é soldado no Exército, servente nos Ministérios, criado nas casas, e quanto mais negro, mais por baixo da escala. No entanto, a fusão já está muito impulsionada, e ela continua, a ponto de que nos perguntemos se no fim o elemento de côr não será finalmente absorvido no conjunto, imprimindo-lhe sômente uma tinta um pouco mais carregada.

Se fôr assim, o Brasil terá resolvido pacifica e efectiva-

mente o terrível problema que constitue uma cortina sombria no futuro dos Estados Unidos. Daí a 100 anos, negro propriamente dito será verdadeira minoria no Brasil; mas nos Estados Unidos o bloco negro severamente isolado, só, se pôde desenvolver, cada vez mais marcado em seu tipo.

No ponto em que os anglo-saxonicos chegaram a um impasse, a facilidade portuguesa encontra, sem a ter procurado, uma solução. O preço pago — os brasileiros conscientes de modo nenhum o ignoram — é o "handicap" dessa presença da côr, fonte de indolência, e no domínio religioso, de superstições deletérias. O elemento português, todavia, mesmo levando em conta êsses reflexos vermelhos ou negros, continúa como a téla do quadro e há já muito tempo que um povo brasileiro, constituído por essas diversas contribuições, existe.

Mas ao povo brasileiro parece ocorrer o que ocorreu aos Estados Unidos no fim do século XIX; um afluxo novo de imigração européa veio modificar essa combinação inicial. Os Estados Unidos possuíam, parece-me, uma personalidade étnica mais marcada em 1895 que em 1920; o mesmo acontece talvez ao Brasil, de 1886 a 1935 entraram no Brasil 4.010.913 imigrantes. Nesse total figuram os italianos com 1.373.722, os portugueses com 1.149.502, os espanhóis com 558.087, os alemães e austríacos com 230.183. E' preciso acrescentar os japoneses, que eram 173.500 em 1934.

Quási todos êsses imigrantes se dirigiram para o sul do Brasil, que estão colonizando pela fórmula de uma colônia de povoamento. Por causa dêles, o centro de gravidade do país tende a deslizar, do Norte em que estava outróra, para os Estados que estão ao Sul do Rio de Janeiro. Por isso mesmo o país tende a se tornar mais branco. Acrescentemos que a assimilação se faz sempre no sentido português; os recém-chegados aprendem o português e fa-

zem-se brasileiros apaixonados e o mais nacionalista é muitas vezes o que chegou por último. Por detrás dêsse orgulho brasileiro, há, parece-me, um orgulho americano; um orgulho de pertencer doravante a um continente do qual se diz que tem um futuro por si.

Uma impressão superficial leva a insistir sôbre as forças centrífugas que ameaçam a unidade do país; demasiado grande, dizem. Mas, semelhante idéa é sem dúvida um erro. A unidade existe realmente; na língua, que leva em si mesma uma tradição de cultura; na civilização, que guarda a côr portuguesa, muito bem adaptada a êsses céus novos; num patriotismo muito vivo que se orgulha do próprio tamanho do Brasil (superior ao dos Estados Unidos), de seu passado que faz dêle uma nação velha, de seu futuro, que o aparenta economicamente com os povos novos. Ainda que haja um Brasil tropical e um Brasil temperado, um e outro se unem para formar essa realidade política: a América portuguesa.

II CULTURA INTELECTUAL

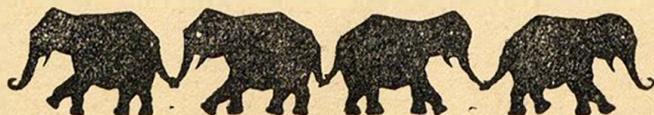
O Brasil descende de duas civilizações: a européa e a americana. Português por origem histórica, êle é parte integrante do novo mundo pela geografia. De que lado pende ou penderá o Brasil, eis justamente o problema de seu destino. A Europa, isso se adivinha, está directamente interessada, na resposta, e a França principalmente — veremos já porque.

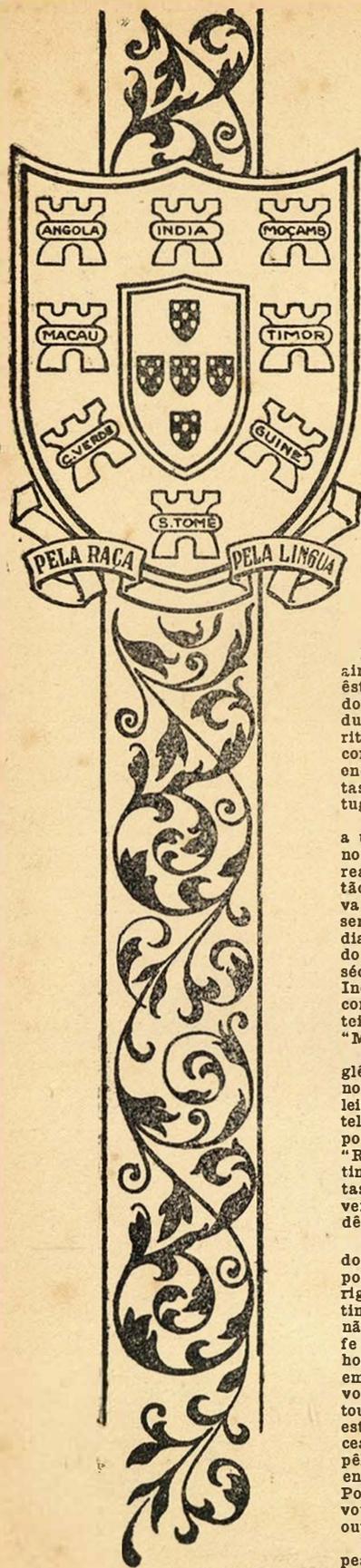
A impressão portuguesa sôbre o Brasil parece indelevel. Os portugueses são, na história, um grande povo colonizador: êles abriram, durante o Renascimento, algumas dessas grandes estradas mundiais que permitiram a irradiação da Europa pelo planeta inteiro; mais que os espanhóis tiveram êles o senso da valorização das terras novas; atraídos, pelas raças exóticas, por uma inclinação singular, êles com elas se fundiram, sem lhes opôr êsse

desdém que é a característica dos anglo-saxões.

A influência portuguesa, de outro lado, manteve-se com persistência porque a dinastia do velho país se transportou para o Rio no momento das guerras Napoleônicas; a separação que se serviu não teve verdadeiramente o caracter de uma ruptura, visto como o Brasil conserva um soberano português. D. Pedro, o ultimo imperador, reinava ainda quando eu era menino. Vi seu palacio, hoje transformado em Museu; as lembranças de sua pessoa, de sua influência, de sua côrte, estão por toda parte. Em comparação com a Argentina, país novo em tôda força do térmo, o Brasil faz figura de país venerável, com algumas tradições quási vetustas e com uma atmosfera de cultura que resce ainda a aristocracia. A Virginia, o Sul dão ao Estados Unidos uma impressão análoga, em contraste com a juventude triunfante e um pouco vulgar do Oeste, mas, ao Brasil, a presença de uma velha civilização de fonte européa é bem forte, por outro modo.

Não pôde deixar de impressionar o nível elevado da cultura intelectual na elite brasileira. Conhecimento das literaturas européas, gosto pelas leituras "refinées", distinção da palestra na sociedade, todos êstes são traços evidentes. O povo é ignorante, sem dúvida, e a quêda é pesada quando se passa dos quarteirões elegantes aos quarteirões populares, e da cidade ao campo. Entretanto, mesmo os ambientes médios, as preocupações intellectuais à maneira francesa, são frequentes, muito mais que nos Estados Unidos. Sei por experiência própria que se pôde falar em francês diante de auditórios de 200 ou 300 brasileiros e ser compreendido exactamente como se o seria em França; pôde-se mesmo falar, pormenorizando, de nossa vida política ou literária, e todos os detalhes parecem interessar ao público que conhece e ama a França um pouco como a sua pátria.





DUARTE LEITE

pele

Embaixador Alberto de Oliveira

Ignoro se as gerações mais novas ainda conhecem e sabem apreciar este homem de ontem que, apesar dos seus 70 e poucos anos, não caducou nem no corpo nem no espírito, e cuja formosíssima cabeça, coroada de cãs de prata reluzente, encerra sempre uma das mais vastas inteligências e culturas do Portugal contemporâneo.

Ainda conheci seu pai, encostado a uma das ombreiras da Praça Nova, no Pôrto. Hercules ruivo, velho marreante que aos 18 anos já era capitão da marinha mercante e navegava nas costas brasileiras, pareceu-me sempre um Português da Idade Média, de estirpe visigoda, e não duvido de que, se tem nascido alguns séculos antes, andaria nas naus da Índia com Gama e os seus maiores companheiros. A "vox populi", certeira como sempre, chamava-lhe o "Mata-Moiros".

De sua mãe, filha do cônsul inglês Johnson, vi apenas o retrato fino e dolente. Mas várias vezes falei com sua irmã, Isabel Leite, inteligentíssima senhora, de beleza e porte quási viris, que colaborava na "Revista de Portugal" e privava intimamente com Rodrigues de Freitas, Carolina Micaelis, Antero e Oliveira Martins, tendo sido em casa d'este que a conheci.

Duarte Leite fez a maior parte dos preparatórios no Colégio de Campolide. Os sagazes Jesuítas, que dirigiam esse colégio, viram logo que tinham ali um estudante de escol: e não foi culpa deles se o futuro chefe ou antes maioral republicano não é hoje um dos nossos prelados mais eminentes, e também mais decorativos. Ouvi até dizer que pouco faltou. Em Coimbra Duarte Leite fez estudos brilhantes e chegou a licenciado mas teimou em não tomar capelo, por lhe não ser preciso para entrar como professor na Academia Politécnica do Pôrto, e já então provou que as honras universitárias, ou outras, nada lhe diziam.

Em verdade será difícil encontrar pessoa mais desdenhosa de grandezas. Antes do Dr. Salazar, e sem dúvida por iguais motivos, jámais qualquer condecoração lhe brilhou no peito: e encontro certas afinidades entre êle e o actual chefe do Go-

vêrno, tanto na altura da inteligência como na firmeza da vontade, quando Duarte Leite se decide a exercê-la, porque sofre bastante de cepticismo e indiferença, e não tem fé alguma em si próprio, o que de sobra explica tôda a parte negativa da sua biografia, que não é pouca.

Não fui seu aluno: mas todos os que o foram celebram o seu gênio matemático, o seu dom de expôr e iluminar um teorema, a clareza e penetração do seu espírito. Posso testemunhar que, tendo uma vez, no Rio de Janeiro, obtido a sua colaboração para o boletim da Escola Politécnica, o professor da escola, Dr. Manuel Amoroso Costa, que ma pedira com instância e que era alguém, se mostrou deslumbrado com o artigo do nosso preclaro embaixador, afirmando-me que jámais vira mais luminoso estudo sôbre mais intrincado assunto. Também sei e vi que Duarte Leite passava as manhãs a improvisar problemas algébricos e que sôbre a sua mesa se acumulavam, em lote cada dia mais denso, êsses papéis a que eu chamava "os scus versos". Mas de vez em quando, com o desprendimento que é uma das suas feições, tudo ia parar ao cêsto, e do cêsto ao lixo, para nunca mais renascer. Recordarei ainda a sua paixão e intuição da música que o levava a interpretar e até a criticar as obras mais inacessíveis com critério que assombra os mestres da arte. Sempre ouvi dizer que a matemática é também música.

Convivi durante cinco anos com Duarte Leite, no Rio, onde êle era embaixador e eu cônsul geral. Foi então que verdadeiramente o conheci, apesar de o tratar desde a minha infância. Foi então que pude apreciar a sua omnívoda cultura, nas letras como na ciência, e nêle reconheci o homem raro a quem nada de humano é alheio, que na conversa aborda cada assunto e o penetra até ao fundo, que leu tudo, que de nenhum dote tira vaidade ou ambição, sendo o mais severo crítico de si próprio. Foi então que mais admirei a nítida lealdade do seu carácter, a sua inacessibilidade a qualquer intriga ou mesquinhez, a simplicidade com que aceita quaisquer posições, sem que elas o desvançam, se são

altas, ou vezem, se são modestas — de tal modo o seu valor as nivela a tôdas. E até a êsse homem frio e distante na aparência, descobri sensibilidade quasi feminina, desde que se quebra o gèlo dos primeiros encontros.

Duarte Leite era um embaixador original, incapaz de se amoldar às normas de tôda a gente e desdenhoso dos ritos do protocolo. Muita pobre gente se admirava de o ver circular em bonde (o elétrico da cidade carioca) ou sentado nos terraços dos cafés, sem pompa alguma, a beber fleugmáticamente a sua cerveja. Lisboa pôde vê-lo também assim, quando era presidente do Conselho e não o quis ser da República. Por fim, todos os aceitaram como êle era e não há exagêro algum em dizer que saiu do Rio respeitado e admirado por Portuguezes e Brasileiros,

quasi confidente do presidente Washington Luis e do ministro Octávio Mangabeira, como com igual verdade se há de dizer que sua mulher, que o completava, era o idolo da colônia, mãe incansável de todos os desvalidos, e fazia, sem esforço, de cada conhecido um amigo.

Quando o nosso querido amigo Carlos Malheiros Dias, com feliz inspiração, pediu a Duarte Leite que colaborasse na História da Colonização Portuguesa do Brasil, êle aceitou com dificuldade, invocando a sua incompetência no assunto. De aí por diante encerrou-se na Biblioteca Nacional do Rio e consagrou a sua excepcional memória ao estudo dos arquivos. E as monografias que lhe brotaram da pena, tão exaustivamente documentadas como lapidariamente escritas, são obras-primas, e renovaram os temas nela versados, a que

encontraram soluções novas. Devemos-lhe, por exemplo, o saber hoje que os navegadores portugueses espanhóis não aportaram "tal" ao Brasil antes de nós, como um diplomata brasileiro teve a infeliz ideia de mandar gravar, em mármore, no Arquivo das Índias, em Sevilha.

Quem sabe — outro exemplo — que Duarte Leite é leitor assíduo de literatura inglesa e a conhece, como ninguém ou pouquíssimos em Portugal?

Se quizesse aludir ao que foi a nossa colaboração no Rio, teria ainda de contar muitas coisas úteis. Diferentes, quasi opostos de temperamento como somos, entendemo-nos sempre na perfeição. E só lhe devi atenções e bondades. De homens desta estatura nunca se é adversário, ainda quando as nossas ideias não concordem sempre.

Opiniões do Sr. Gilberto Freyre

De regresso de sua viagem aos Estados sulistas do Brasil, o ilustre e consagrado sociólogo de "Casa Grande & Senzala", Professor Gilberto Freyre, em entrevista a "O Jornal", fez, entre outras, as seguintes declarações:

— "Cada dia admiro mais o esforço colonizador português no Brasil, pela estupenda masculinidade com que marcou um território tão vasto, regiões diversas nos aspectos e que são essenciais os mesmos.

"Basta que lhe recorde a emoção com que vi casas grandes, do tipo das nortistas, às margens do Jacuhy, sobrados de azulejo, irmãos dos pernambucanos, alagoanos, maranhenses em Rio Pardo, em Pelotas, em Taquary, na cidade do Rio Grande e em São Francisco, Estado de Santa Catarina, — evidências da extensão do patriarcalismo luso-brasileiro dos tempos coloniais e do Império no extremo sul do Brasil."

Interrogado acerca das populações coloniais, assim se expressa o Sr. Gilberto Freyre:

— "Isso é pergunta para resposta mais demorada, fóra dos limites de uma entrevista. De modo geral, creio poder responder-lhe, dizendo que não há motivo para duvidarmos de que aquelas populações serão tôdas assimiladas pelo Brasil, isto é, pelo todo nacional de formação lusitana e de fala e cultura portuguesas. Mas havendo, é claro, cuidado da nossa parte em facilitar os meios práticos e não apenas verbais, essa assimilação. Devemos separar muito bem separada a boa gente de origem européia, desejosa de se fixar entre nós, dos agentes políticos ou "culturais", cuja actividade anti-lusitana, e, portanto, anti-brasileira, — pois seria ridículo pretender que o Brasil existe independente de sua for-

mação essencialmente portuguesa, ou que seja um país onde outra cultura ou língua possa instalar-se com os mesmos direitos da de Portugal, quando colonizou esta parte da América, — cuja actividade anti-brasileira é francamente intolerável."

À pergunta do reporter, se nos devemos fechar na nossa cultura tradicional luso-brasileira, o Sr. Gilberto Freyre disse:

— "Fechar, não, de modo nenhum. Defendê-la, sim, pois ela é a nossa principal condição de vida e de nação. Não estou advogando um nacionalismo estreito, muito menos um jacobinismo ouriçado contra tudo que fôr influência ou acção cultural que venha dar uma côr diversa à nossa tradição luso-brasileira. Ao contrário, creio que esta se deve enriquecer e muito ao contacto dos imigrantes alemães, espanhóis, italianos, poloneses, húngaros, que se vêm há anos estabelecendo no Brasil. Creio que vários usos, elementos de culinária, decoração, musica, literatura, esporte, técnica de trabalho, de origem polonesa e de outras origens, podem e devem ser incorporados ao todo cultural brasileiro. Essa incorporação será de grandes vantagens para nós. Assim, não me parece que línguas com o rico conteúdo cultural da alemã ou da italiana, devam ser desprezadas ou combatidas como inimigas, mas aceitas, como estímulo ao nosso progresso cultural. Mas, nunca, é claro, ao ponto de qualquer uma delas tomar, em qualquer região, o lugar da língua tradicional, essencial, nacional, que é a portuguesa. Esta que se enriqueça de germanismos, italianismos, etc., como já se enriqueceu de africanismos e indianismos, mas continuando na sua estrutura e nas suas condições de desenvolvimento, a língua de todo o Brasil.

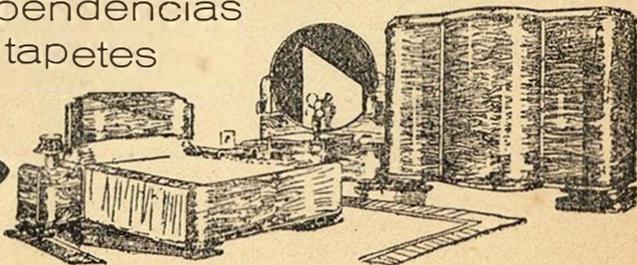
MOVEIS para todas as dependencias

GRUPOS estofados e tapetes

Garantidos e pelos menores preços



Agora - Junto à Avenida



82 - Rua 7 de Setembro - 82

Rio

PERIODO AUREO

Portugal pela sua situação geográfica, pela configuração e desenvolvimento do seu litoral em proporção com a sua área continental, não podia deixar de ser um país de navegadores.

Portugal, baluarte avançado da Europa sobre o Atlântico, reduzido a uma estreita faixa da Península Ibérica e dela isolada pela disposição das suas fronteiras, possuindo além disso uma costa marítima de fácil acesso, impeliu os seus habitantes para o mar, que era o único caminho que francamente se lhe abria para comunicarem com os outros povos.

Muito embora no reinado de D. Fernando se tivesse dado um largo impulso à política marítima, a expansão marítima dos portugueses só veio a realizar-se sob a direcção de D. Henrique, esse lendário e místico infante, a quem se atribue a concepção de um largo plano de guerra marítima contra os mouros.

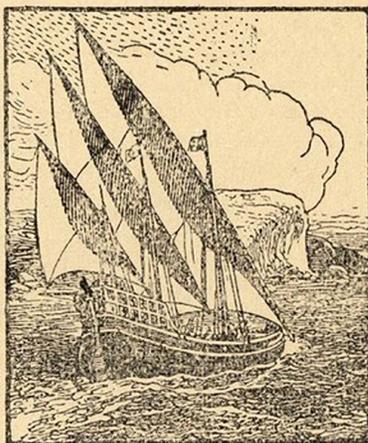
A lenda coloca o infante D. Henrique no promontório de Sagres, debruçado sobre o mar como querendo prescrutar os seus segredos, ou olhando o firmamento em procura de novos mundos.

Seja por amor à ciência, que muitos põem em dúvida por não ter deixado um curso de navegação, seja pela ambição comercial aliada ao seu fervor religioso, que outros sustentam, o que não resta dúvida é que, depois da conquista de Ceuta em 1415, o Infante D. Henrique se lançou cheio de entusiasmo nas empresas marítimas.

Assim, foi sob a sua direcção que em 1418 se descobriu a Madeira, que em 1422 foi dobrado o Cabo Não, que em 1432, Gonçalo Velho Cabral descobriu os Açores e que em 1434 Gil Eanes, dobrou o Cabo Bojador, lançando por terra a crença do Mar Tenebroso que para além desse cabo os navegadores fantasiavam.

Foi, pois, Gil Eanes, que, por assim dizer, abriu à navegação os mares da Africa, cujas costas foram reconheci-

DA EXPANSÃO PORTUGUESA



pelo

Dr. José de Oliveira Ferreira Diniz

das em 1435 até um pouco ao norte de Cabo Branco.

Em 1441 duas expedições eram enviadas na direcção da Guiné e em 1445 Nuno Tristão foi até a Senegâmbia.

Por morte do infante D. Henrique, em 1460, incumbiu-se da continuação da sua obra D. Afonso V, que logo em anos seguintes enviou novas expedições de que resultou o descobrimento das ilhas de S. Tomé, Ano Bom e Príncipe.

No reinado de D. João II, Diogo Cão descobriu o Rio Zaire e explorou a costa de Angola até Benguela, e em 1446, Bartolomeu Dias atingiu o célebre Cabo das Tormentas, no extremo sul da África, depois chamado da Boa Esperança, porque, para além dele, se estendia, livre e sem obstáculos, o caminho marítimo para a Índia.

Em 1495 morreu D. João II sem ter visto o triunfo dos seus esforços — o caminho marítimo da Índia. Coube essa honra a D. Manuel que em 1497 entregou a árdua empresa a Vasco da Gama. Vasco da Gama fazendo escala por Santa Helena, dobrou o Cabo, no dia de Natal aportou a uma terra que chamou Natal; assaltado pela tempestade fez-se ao largo e veio arribar à foz do Zambeze. Desembarcou em Moçambique e Mombaça e, finalmente, tendo partido de Melinde, chegou a Calicut a 20 de Maio de 1498.

O caminho marítimo da Índia estava descoberto; Calicut, Cananor e as outras praças da costa de Malabar caíram em poder dos navios portugueses.

Vasco da Gama, almirante

Sôbre a triste e desprezível canção

Passei ao canhenho das coisas célebres — porque a considero preciosíssima, uma das quadras de certo fado que se immortalizou em disco de fonógrafo e que as emissoras do nosso País lançam, frequentemente, aos quatro ventos. Quadra **bestial** que arrebatava os homens, encantava as mulheres e, ao certo, assombra as crianças. Quadra **formidável** que passo a registrar, para dar-lhe o valor tão bem merecido:

Para ser bom português,
Neste país encantado,
E' preciso amar alguém
E saber cantar o fado!

Aí está ela, a supradita quadra, que mais se assemelha a eructação de bêbedo ou fantasia literária dum alienado fala-só, do que fruto poético dum trovador com juízo. Que fizestes vós, então, “Albuquerque terrível” e “Castro forte”, por êsses mares e por essas terras do mundo?! O' História de Portugal, como andas errada e torta! Onde há documento do Tombo de Lisboa a provar que sabíeis cantar o fado, grandes varões portugueses? E tu, Nuno Alvares; e tu, Camões; e tu, Pedro Nunes; e tu, ainda, Mousinho de Albuquerque? Qual o fado que cantavas em Aljubarrota, que gemias nos “Lusíadas”, que dedilhaste no “Tratado da Esfera”, que lamuriaste ao Gungunhana? Que fostes vós, então, ó sacrossantos Infante D. Henrique e Duarte Pacheco, João das Regras e D. João I, Barros e Pinto Ribeiro? Diz a História

que sois bons portugueses, mas a tal quadra desmente, a pés firmes e diz, grandiloquamente, que não! E vós, heróis e mártires das campanhas do Evangelho nas Missões; vós heróis e mártires da África e da Flandres; e vós outros, mais antigos, de Valverde e Ourique, de Montes Claros e Montijo e Buçaco; ó bons portugueses da História, não estremeceis de pavor e vergonha ao ouvirdes o dlim-dlom das guitarras a saluçar aquelas **inoldiváveis** redondilhas.

Para ser bom português,
.....
E' preciso amar alguém
E saber cantar o fado!

Isto canta-se, palmeia-se e propaga-se, ainda, em Portugal! Pode ser? Pois, porque não há-de poder, até que venha a polícia da música aferrolhar a asneiras e a estupidez fadista nos aljubes do País? Portugal fadista no século XX, quem to diria, ó Portugal dos séculos que viveste? “Quousque tandem... abuteris patientia nostra”, ó música lusa? Até quando... abusarás da nossa paciência, ó música das relas e das gaitas absurdas, dos assobios de preto, da caixa e do banjo e do serrote? Até quando, ó desgraçadas orquestras de importação, ó desvairada e langorosa guitarra lusitana? E, no entanto, Portugal renova-se, restaure-se, fortalece-se e avança no Mundo, victorioso, seguro de passos, consciente de suas potências criadoras.

L U I Z D E P I N A

do mar das Índias, regressa triunfante à pátria.

Em 1500, Pedro Alvares Cabral descobriu o Brasil; em 1503 estendiamos a nossa acção a Ceilão, em 1511 a Malaca e a Ormuz; em 1530 era explorado o Golfo Pérsico e em 1541 o Mar Vermelho.

Em 1511 os portugueses exploravam as Molucas, em 1526 alcançavam a Nova Guiné, seguindo-se Sumatra, Bornéu e as Ilhas de Sonda, alcançando a Austrália.

Em 1520, Fernão de Magalhães, na expedição da primeira volta ao Mundo, descobriu o estreito que tem o seu nome na América do Sul.

Enfim, a expansão dos portugueses no Oriente chega ao seu apogeu, atingindo a China e o Japão.

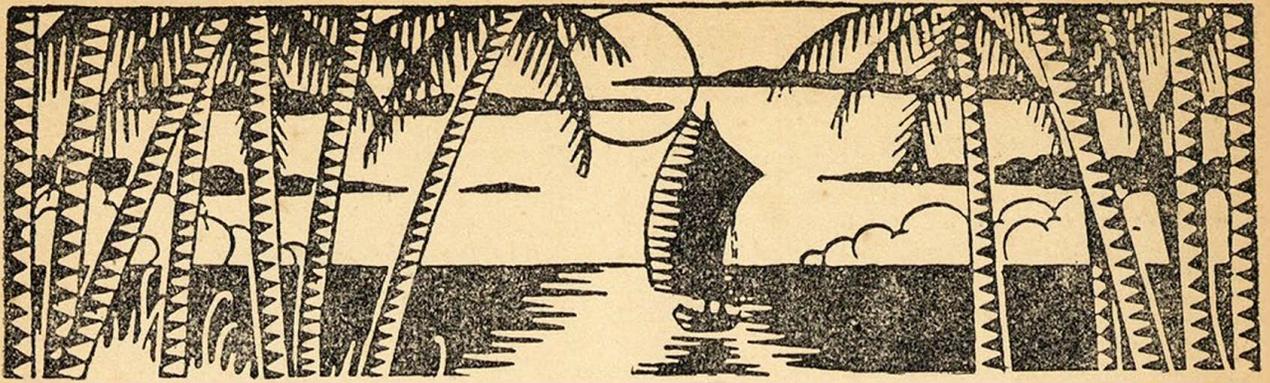
Os portugueses dominavam em todo o Atlântico e no Índico; possuíamos o Brasil, as costas da África e tínhamos entrepostos em Malaca, Adem e Ormuz, que nos davam o monopólio do comércio na Arábia, no Egito, na Pérsia e no sul da Ásia. Dominávamos na Índia, Macau, Sumatra, Bornéu e nas ilhas de Sonda, e tínhamos estabelecimentos na China e no Japão.

Os portugueses senhores dos mares, tiveram desde o princípio a idéia da exploração comercial das terras descobertas, tratando apenas de organizar linhas de navegação e feitorias. Os pontos ocupados no litoral eram simples escalas de descanso e de abastecimentos para os navios, es-

colhidos de forma que, pela sua situação geográfica, dominavam as vias comerciais.

Lisbôa era o grande empório comercial dos produtos coloniais, a sucessora das prósperas cidades italianas onde se amontavam as especiarias, as fazendas, o marfim e os perfumes da África e do Oriente.

Não se tratava de possuir a África e a Índia, o que se pretendeu foi possuir o seu comércio e torná-lo mais produtivo possível. Tôda a colonização portuguesa foi inspirada por êste princípio, com êsse objectivo os portugueses assenhorearam-se das melhores posições do mundo.



A MAGNA QUESTÃO

DOS VERNÁCULOS

por

Eduardo Moreira

Uma das maiores dificuldades com que têm de contar os povos assimiladores, sejam do tipo de infiltração à fenícia ou do tipo de conquista à romana — é a lingua. Por maior tolerância e plasticidade do povo assimilador — e nós Portugueses o fomos como ninguém, dum tipo nosso, eclético, digamos, de infiltração e conquista ao mesmo tempo — a lingua foi sempre um impecilho que teve de ser vencido com custo, com paciência e com sagueza.

Ainda hoje o problema existe, nalguns lugares em estado crónico, noutros em período agudo, e nem todos o sabem ver com a largueza e prudência que êle requiere. Os Albuquerque não se improvisam; mas o necessário é que o espirito de Albuquerque “o grande” paire sôbre o nosso espirito e nos engrandeça.

Um principio axiomático a aceitar primeiro que tudo, a-pesar-de não ser frase para comicio popular, de gôsto antiquado, nem legenda para escolas infantis, é que o português não é lingua materna de meio milhão de luso-timorenses, de meio milhão de luso-indios, de sete milhões de luso-bantos e de meio milhão de luso-guinéos. E como não é a lingua materna — pobres mãis indigenas que tam pouco sabem! — é preciso fazê-lo a lingua paterna. Porisso, o Estado terá de ser Pai.

E como será Pai, o Estado? Impondo ao pobre incola do sertão remoto uma lingua desconhecida? Negando ao indigena do litoral o meio de transição do seu pensamento e não ajudando carinhosamente a traduzir-se a si próprio em português, coisa de que êle tanto gosta?

A natureza não faz saltos. Nem nisto ela faz saltos.

Há quatro anos falava eu com Monsenhor Luiz Keiling e o Dr. João Tucker, lá numa incipiente estação missionária do planalto de Benguela, a Ganda, sôbre este magno assunto. O velho missionário alsaciano, ao dar-me um exemplar duma Cartilha elementar de leitura “umbundo-português” que acabava de sair dos prélos da missão, com autorização da Junta escolar da Colónia, mas contendo sómente umbundo nas primeiras vinte lições, sendo bilingüe na 21.^a e exclusivamente portuguesa nas restantes catorze, dizia-me que era impossivel trazer o pobre selvagem ao concerto da nossa civilização sem lhe aproveitar o próprio pensamento e a expressão dêle. Eu já o pensava, mas gostei de o ouvir a quem tinha quarenta anos de experiência de África. Era para mim uma prova mais de não constituir acção desnacionalizadora, antes pelo contrário, o utilizar os vernáculos indigenas.

Outras experiências tive, de outro género, como a que me fez formular este principio ou aforismo: nos povos atrasados é preciso utilizar a lingua do coração, a da infância, para atingir o cérebro e formar ou impôr suavemente uma lingua para a idade adulta. Um dos argumentos favoráveis a este principio é a força com que os cristãos de cada povo acham mais expressiva e clara a Biblia na sua lingua, mesmo que outras linguas conheçam. Três meses de residência na ilha Brava de Cabo Verde, levaram-me a traduzir no crioulo local quatro capitulos da Biblia. Ao ler o Salmo 23, a formosa prosopopéa do rei David, a um jôvem caboverdeano, êle revelou tão candidamente o seu enlevo, que me dei por bem pago do trabalho feito.

A certeza da vitória da nossa lingua no Império, ao menos em África, que eu conheço, está no enorme prestigio português e na necessidade de entender-se, gente que fala tão diferentes idiomas. Se é certo que os jesuitas, tentaram criar uma lingua franca para todo o Brasil, o tupi-guarani, mescla dos muitos dialectos indios, se alguns idealistas imaginaram que o zulo se tornaria a lingua franca de Moçambique, evidente é a derrota de ambos os sonhos. O português tem de ser no futuro a lingua de relação das tribus de Angola e Moçambique, contribuindo para isso, cada vez mais, o contacto com o número crescente dos brancos no litoral e nos planaltos e o ensino fiel do português nas missões.

Aqui, quatro quintos dos meus leitores dirão: nas missões portuguesas, talvez! E eu responderei: Nas missões, dum modo geral. Se há excepções, castiguem-se; mas eu não as vi em África, em duas estações católicas romanas e cinqüenta evangélicas que visitei.

O xironga de Lourenço Marques, cultivado carinhosamente por êsses hábeis linguistas que são os suiços, não desbancou o português, do qual os mesmos suiços têm sido ótimos professores. Se eu não conhecesse a opinião insuspeita de Freire de Andrade a êsse respeito, bastar-me-ia a própria verificação, feita por todo o distrito.

Os Barongas da missão evangélica, cultores da sua lingua num primeiro estádio de aprendizagem, e do português num segundo estádio, foram elementos tão bons para Portugal que a êles se deve, em grande parte, a criação do Gremio Negrófilo de Lourenço Marques.

A campanha da desnacionalização tem sido muitas vezes injusta e quasi sempre mal posta. Estavamos-nos colocando num impasse, admitindo uns que os missionários estrangeiros eram perniciosos, só por êsse facto, à soberania portuguesa, e afirmando outros que os portugueses não davam um sufficiente contingente de bons missionários.

Quanto aos doestos lançados por alguns coloniais às missões evangélicas em especial, não são de aceitar, porque o corpo de doutrinas do Evangelismo é tanto ou tão pouco apropriado a um sadio naciona-

Companhia Paulista de Papeis e Artes Graficas

São Paulo

--

Rio de Janeiro

Papeis em Geral, Nacionais e Estrangeiros

Importação de todos os artigos necessários ao uso de escritórios, etc.

Fábrica de Cartas de Jogar — Os melhores Baralhos Nacionais, rivalizando com os estrangeiros em aspecto, acabamento e durabilidade.

Grandes Oficinas de Pautação, Encadernação, Litografia, etc. etc.

Todos os artigos concernentes ao ramo.



Co-partipante e única distribuidora das afamadas

Penas da Fabrica "BRASIL"

a primeira do género fundada no Pais!

lismo, que Bossuet censurou à Reforma Religiosa o prestígio dado em demasia ao poder civil. Objectar-se-á com a unidade nacional; mas a isso retruco: que fazem, então, nos países protestantes, as minorias romanas? E ainda: como pode ser considerada particularmente nacional, fóra de Roma, uma maioria romana? Como se vê, o assunto é vasto e não é para se tratar de ânimo leve.

Acusam-se os missionários estrangeiros de não ensinar o português; e assim foi nalguns casos outrora. Nalguns, porque há quarenta anos já havia quem advogasse, e disso eu tenho documento testemunhal, a evangelização em português em lugares portugueses, de-certo, mas não ocupados militar ou administrativamente. No Lubango há um lugar, chamado Neves, habitado por indígenas civilizados. Há pouco ainda só falavam e escreviam africanos, porque foram os cultivadores boers os seus mestres. Retiraram-se estes e fixaram-se ali missionários ingleses, que continuaram a obra dos boers não missionários. Pois em 1934 já falei a essa gente em português.

*
* * *

Além da obra missionária de permanência local, merece ser considerada a acção importante das Sociedades Bíblicas, a primeira delas fundada em 1804. Ainda aquêles que desdenham da utilidade espiritual da sua acção, reconhecem a gigantesca tarefa de ordem filológica a que se tem abalçado. Das dezenas de sociedades dêste género organizadas no mundo evangélico, a mais recente das quais supponho ser a brasileira, cinco trabalham em território português e têm produzido versões bíblicas em vinte e nove vernáculos e dois crioulos. Juntando a êste número uma versão católica romana, a do chihunguê, que se deve ao jesuíta francês Victor Courtois, temos 32 idiomas africanos e asiáticos servidos por literatura bíblica.

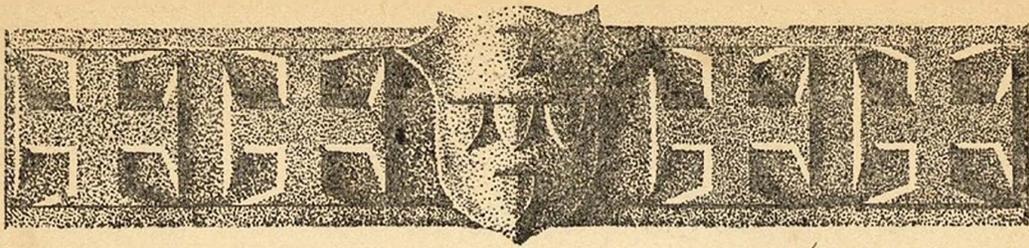
As mais antigas dessas versões são a do concâni e a do indo-português, cujas primeiras edições são, respectivamente, de 1818 e 1819. Foram os missionários de Serampore que fizeram a tradução do Novo Testamento e do Pentateuco em concâni ou "gomantáki". O tradutor do Novo Testamento, dos Salmos e do Pentateuco em

indo-português foi o missionário metodista Roberto Newtead.

As linguas da África Portuguesa começaram a ser favorecidas com literatura bíblica em 1868, com o livro de Rute em quissuaile (Zanzibar e norte de Moçambique) e seguido do Evangelho de S. Mateus, no ano seguinte. Para não enfiar o leitor darei somente a lista das linguas que foram sucessivamente servidas (grafando em português o nome delas o melhor que me fôr possível), a região portuguesa onde é falada e a data da primeira edição. A ordem será a cronológica:

Chinhanja (fronteira de Tanganhi- ca)	1880
Chiau (fronteira da Niassalândia)	1880
Macua ou quicua (norte de Moçam- bique)	1881
Xangana ou Xi'honga (n. de Lou- renço Marques)	1883
Quicongo ou congolês (S. Salvador)	1888
Quimbundo (Luanda-Malange) . .	1888
Guitonga (Inhambane)	1888
Umbundo (Benguela e Bié)	1889
Cuanhama (sul de Angola)	1894
Xironga ou landim (Lourenço Mar- ques)	1896
Xisena (baixo Zambeze, Moçambi- que)	1897
Xichope (interior de Inhambane) .	1902
Luená (oriente de Angola)	1092
Tsindau (fronteira da Rodésia do sul)	1903
Putso (sul de Moçambique)	1904
Senje (sul de Moçambique)	1906
Chimpoto (norte de Moçambique) .	1913
Lundês (Alto Zambeze, Angola) . .	1914
Quiôco (fronteira SO do Congo Belga)	1916
Xinsenga (fronteira da Rodésia do norte)	1916
Elomuê (a O. de Moçambique) ..	1917
Ambunda (fronteira do Baroce) ..	1919
Nhembá ou ganguela (Cueleí, An- gola)	1927
Luimbe (Angola central)	1935
Luchase (sul de Angola)	1935
Xixanga (Zambézia)	1935
Crioulo da Brava (Cabo Verde) ..	1936

Creio ter prestado um serviço, ainda que humilde, aos linguistas e aos coloniais portugueses, com êste esboço de ensaio, baseado em relatórios sucessivos das sociedades bíblicas e em estudos directos no meio percorrido e ainda na colecção quasi completa de vernáculos que possuo.



Questões de Emigração

E

COLONIZAÇÃO

pele

Dr. Joaquim Saldanha

A emigração é um fenómeno económico-social que importa regular e disciplinar e não violentar. A força que impele o homem a sair do seu país natal resulta desse país não oferecer condições naturais ou sociais para a sua existência normal.

O País do destino, se tem recursos naturais para sustentar elementos estranhos, aproveita com a immigração que lhe explora as fontes de riqueza do sólo e fomenta a produção, base da prosperidade.

Contrariar ou forçar estas correntes naturais da expansão humana é rematada insensatez, porque o fatalismo dos fenómenos sobreleva sempre, mais tarde ou mais cedo, a vontade dos homens. E a experiência e a observação ensinam que são mais desastrosos os efeitos dêsses fenómenos, quando são contrariados, do que quando se procura dirigi-los, afeiçoá-los ou atenuá-los, devendo, tanto quanto possível, adaptar-nos às modificações que êles provocam.

Por outro lado, as corren-

tes migratórias, além de obedecerem a um invencível imperativo biológico, não podem deixar de ser consideradas sob o sentimento de respeito e de justiça. Correspondem ao mais sagrado direito do homem: O direito à vida.

Todos são filhos de Deus e a Terra-Mãe não pode constituir monopólio duma raça, duma casta ou duma nacionalidade.

Não quer isto significar menosprezo pela soberania dos Estados nem detrimento dos interesses dos seus naturais.

Salvo os direitos de defesa, da segurança, da ordem, e tendo em vista as conveniências recíprocas e a conciliação do princípio de soberania com o direito do homem à vida, nenhum govêrno deve proibir, em absoluto, a saída dos seus nacionais, quando lhes não pode proporcionar recursos suficientes para a permanência na sua Pátria, como nenhum govêrno também, deve proibir a entrada de elementos estrangeiros, desde que possúa no seu território regiões improdutivas

e desocupadas, por mingua de naturais para as cultivar.

Tal proibição, de parte a parte, equivale à recusa de pão a quem tem fome, de água a quem tem sede, de vida a quem quer viver.

A razão em que assenta o conceito novo e cristão do direito de propriedade individual é a mesma em que deve assentar o direito da propriedade colectiva: o proprietário não é senhor absoluto da terra de que é dono, a ponto de se abster de lhe dar um destino de utilidade social em benefício do bem comum, a ponto de se recusar a fazê-la produzir, de a tornar matéria colectável pelo seu rendimento, de a tornar objecto de trabalho, de esforço e de valor económico.

Êste conceito de direito social de propriedade que já hoje se encontra integrado na legislação de muitos países, incluido Portugal, através do seu instituto corporativo, não é mais que a projecção dum natural sentimento de justiça social e universal que tende a generalizar-se.

*
* *

Ocorreram-nos estas considerações banais, a propósito da celeuma levantada, há meses, por alguns jornais, por ocasião da saída de algumas dezenas de famílias, sob o regime de emigração subsidiada, protegida pelo Estado de S. Paulo, com destino à cultura da terra naquele país. Entre essas famílias, que emigraram, encontravam-se alguns velhos e crianças, facto que êsses jornais puxaram à **sustância**, para exploração de fácil sentimentalismo.

E, todavia, para salientar o disparate dessa campanha, bastava reflectir que êsses velhos e crianças, além de irem constituir um pêso morto, improdutivo, para o país do destino, se cá ficassem, sem os homens válidos da sua família, a sustentá-los, a ampará-los e assisti-los, ainda se tornariam muito mais dignos de comiserção e de clamorosos brados sentimentais!

Criticou-se, também, em termos ressonantes, que os contratos de trabalho e as demais condições de emigração não fossem outorgados em Portugal, fazendo-se uma alusão à ignorância dessas condições e à possível preterição das promessas que lhes eram feitas.

Igualmente, quanto a êste ponto, se perdeu de vista que o Governo Português só podia ter autorizado tal emigração, depois de estar senhor dos termos dêsses contratos e das condições de emigração, e que além de, no Brasil ter os seus agentes diplomáticos e consulares para tudo verificar e fiscalizar, tinha a faculdade de, à custa da entidade que os contratava, enviar lá agentes seus de confiança para observar o cumprimento de todas as cláusulas.

Nem mesmo era natural que se desse o que êsses jornais propalavam, porque, tendo a empresa interessada adiantado somas importantes para as passagens, era evidente que essas somas constituíam, por si, uma caução segura de não faltar aos seus compromissos.

Faltando a êstes, os emigrantes, depois de desembarcados, abandonavam o patrão e fariam, naturalmente, o

mesmo que fazem os que para lá seguem sem contrato algum em condições normais, engajados pelos agentes dos passaportes.

Isto é, admitindo por absurdo que êsses contratos eram uma burla e que êstes emigrantes iam ser ludibriados, ainda assim, as condições de emigração eram mais vantajosas do que as condições dos que para lá vão (e continuam a ir) arrebanhados pelos agentes portugueses, visto que aqueles viajaram de graça e êstes pagam a passagem a pêso de ouro, com o contrapêso das comissões e alcavalas à sombra das quais êsses agentes engordam e enriquecem...

E notem-se agora, a **coerência** e a **sinceridade** dessa campanha jornalística, levantando celeuma contra aquela forma de emigração subsidiada e recolhendo-se ao cômodo e desinteressado silêncio quanto à emigração de portugueses que para lá seguem, à sorte e à aventura, sem contrato algum nem colocação, pagando a sua passagem depois de cá deixarem a camisa nas mãos dos engajadores que os desinquietaram nas suas terriolas...

E' certo que, à face da lei brasileira, ninguém pôde embarcar sem **carta de chamada**, isto é, sem lá ter colocação garantida. Mas não é menos certo que, para iludir

Tenho o prazer de apresentar

**A CERVEJA que
contará com a
sua preferencia**



CADA pessoa tem a sua preferencia por esta ou aquella qualidade de cerveja. No entanto, esta que se apresenta em nosso mercado, destina-se aos paladares mais finos e mais apurados. Conta com o maior numero de qualidades que se possam reunir. É saborosa, delicada, estomacal, nutritiva e dispõe admiravelmente o organismo, de modo a assegurar-nos o bem estar por longas horas.

Recommenda-se especialmente ás senhoras que amamentam, e aos fracos e convalescentes, por ser a cerveja mais rica em malte.

E' UM PRODUCTO DA HANSEATICA

Maltina CERVEJA SAVOROSA E NUTRITIVA

essa lei, se organizaram empresas de ôlho vivo, empregando meios fraudulentos que permitiriam o embarque de muita gente, sem a mais pequena garantia de colocação e sem que os jornais ou o Governo, portugueses, actuassem no sentido de serem aqui perseguidos os autores dessas fraudes, limitando-se aquêles a publicar alguns telegramas do Brasil, dando conta da prisão de certos figurões que lá foram montar o criminoso **negócio**...

Pois, senhores, apesar de tudo o que fica dito, e da emigração subsidiada para o Estado de S. Paulo ser rigorosamente fiscalizada pela Policia portuguesa, (pois era nas suas repartições que se fazia a inscrição dos que desejavam emigrar) o Governo Português impressionado pela **desinteressada** campanha a que nos vimos referindo, resolveu suspender a autorização especial que tinha dado, permitindo que a **outra** emigração, nos termos da lei em vigor, recrutada pelos agentes de passaportes, continue a fazer-se livremente...

Eis um dos casos de desorientação perniciososa da imprensa a que, há meses, se referiu o Presidente do Conselho, focando agudamente, um dos factores mais funestos das intrigas e das perturbações da opinião pública internacional.

* * *

Este incidente veio mais uma vez pôr em relevo vários aspectos graves da emigração.

Aquela ânsia insuperável de emigrar, que leva as populações dos campos a escalar todos os obstáculos e a iludir as leis restritivas da liberdade, traduz, evidentemente, uma insuficiência de meios de vida na terra natal. Essa insuficiência deriva, não tanto da densidade da população, como da crise rural que atravessa o nosso país.

Estava, naturalmente, indicado que o êxodo fôsse canalizado para as nossas colónias.

A imprensa portuguesa tem frequentes vezes insistido por esse caminho lógico, necessário e patriótico.

Infelizmente, até hoje, pouco se tem feito em tal sen-

tido, não só por se ter demonstrado que a Colonização por conta do Estado é desastrosa, mas também por que a iniciativa particular, (salvas raras excepções, como a da empresa ferroviária do Lobito à fronteira de Angola) não tem capitais para isso ou não quer sujeitá-los ao risco dum insucesso.

A situação paradoxal é esta: precisam as colónias portuguesas de elementos nacionais europeus que explorem, fomentem e valorizem o respectivo sólo, mas as autoridades coloniais proíbem a sua imigração livre por não poderem dar colocação à gente pobre.

E para que essas autoridades se não vejam a braços com desempregados e vândios, exigem que antes do embarque alguém nas Colónias se responsabilize pela sua colocação (regime semelhante ao das **cartas de chamada**) e deposite o dôbro da passagem (que é mais cára do que para o Brasil) a-fim-de garantir a passagem de regresso, no caso frequente de fracassar a perspectiva de lá governar a vida.

E' claro que esta situação não pode manter-se por muito tempo e tem que ser resolvida para evitar os inconvenientes e perigos graves que dela resultam. O Governo Português, mais dia, menos dia, terá de enfrentá-la a sério, e por ventura, entre outros, adoptar medidas semelhantes às que o Estado de S. Paulo está pondo em prática. Num estudo que há tempos foi publicado pela "**Bro-téria**", advoguei a ideia de transferir para regiões adequadas de Angola e Moçambique, os Colégios de Assistência Pública, de crianças pobres, e orfãs, dos dois sexos, que o Estado Português sustenta no continente.

Seriam ótimos viveiros de população portuguesa a enraizar-se na terra africana e eliminar-se-iam os inconvenientes dessas crianças serem educadas no ambiente deletério dos nossos meios urbanos.

Estas ou outras medidas ou uma parcela de todas elas, aguardam com urgência a possibilidade de se applicarem e de ser resolvido o problema da colonização africana.

Mas, enquanto se não resolve, não poderá o Gover-

no Português responder aos que pretendem emigrar, especialmente das regiões do norte do país, da Madeira e dos Açores, onde a crise económica se faz mais sentir: — Tenham paciência, apertem o estomago, deixem de comer, esperem algum tempo, até se resolver o vosso problema doméstico!

E por isto ser impossível é que o mesmo Governo autorizou — e muito bem — a emigração para o Estado de S. Paulo, em fins de 1937.

Não compreendemos, por isso, como é que, em face duma campanha em que só os engajadores eram interessados, tendenciosa, portanto, embora hábil e espectacular, o Governo se impressionou com ela a ponto de suspender a autorização dada!

Por outro lado, o Estado de S. Paulo, considerando o seu território em condições semelhantes às das nossas colónias, não tendo população nativa apta para cultivar as regiões inexploradas e obedecendo aos princípios que no começo d'êste artigo esboçamos, tratou de regular e dirigir o fenómeno da sua imigração, preferindo, dentre os elementos estrangeiros, os portugueses, não só pelas condições históricas, pela afinidade da raça e pelos interesses económicos, sociais e políticos, mas também por a imigração portuguesa ser isenta de qualquer perigo no futuro, para a sua soberania.

Tudo pois, está certo e tudo se justifica dentro da lógica dos princípios, das realidades e das conveniências recíprocas dos dois países.

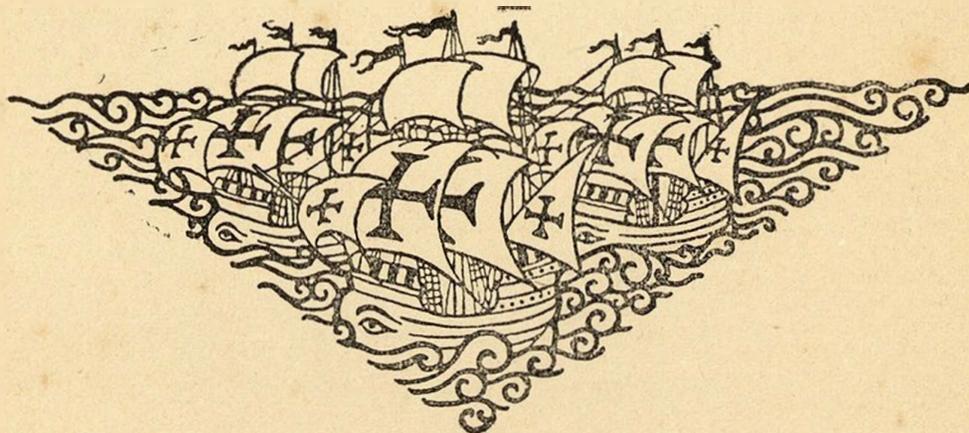
O que não está certo nem justificado é a suspensão inesperada, a que nos referimos, de mais a mais, depois de se dizer que há gente, que a Policia portuguesa tinha inscrito já para embarcar e que, por isso, tinha liquidado a sua vida em Portugal, preparando-se para sair num dos primeiros barcos para o Brasil.

N. da R. — Em face da nova legislação immigratória brasileira, o precedente antigo, da autoria do nosso ilustre colaborador, sr. dr. Joaquim Saldanha, perdeu t'oda a oportunidade. Não o perdeu, porém, no que se refere à colonização do Ultramar Português, e de aí o motivo por que o publicamos, ou seja como mais um depoimento — e autorizado — sobre um problema que é um autêntico enguiço: nem anda, nem desanda...

PRECISAMOS DOS PORTUGUESES

por

José Lins do Rego



A minha geração já não leu os clássicos portugueses. Nós éramos de Eça de Queiroz, de Ramalho Ortigão, de Guerra Junqueiro. Os remanescentes da boa colocação dos pronomes se deliciavam com os livros de Cândido de Figueiredo, lidos por eles como romance. Ainda peguei os “fans” dos pronomes, com os livros de capas de couro do filólogo debaixo do braço, desafiando os adversários para a luta gramatical. Tirava-se carta de valente nas letras na polémica filológica. Mas Eça de Queiroz e Guerra Junqueiro abafavam tudo. Lia-se romance de Eça, recitava-se Junqueiro por este Brasil afóra. O Eça de Queiroz do “Primo Basílio” e do “Crime do Padre Amaro” e o Junqueiro da “Velhice do Padre Eterno” faziam a delícia dos anti-clericais e dos ateus. Por esse tempo, Ernesto Hackel, vindo também através de Portugal, dava com as suas teorias a base para o ateísmo da moda.

Mas a literatura dominava os rapazes do meu tempo, com Eça de Queiroz, com Ramalho Ortigão, Junqueiro, Quental. Portugal nos alimentava por esse tempo. Guerra Junqueiro era o poeta mais popular do Brasil. Recitava-se o “Melro” por toda a parte. Havia também António Nobre, querido por um grupo mais reduzido. Junqueiro, porém, era o homem das apóstrofes, dos versos candentes, o homem que desacreditava a obra de Deus, que irritava o Padre Eterno como se se tratasse de inimigo político. Bilac chegou a chamá-lo de um Moisés.

Outro que se lia bastante era Fialho de Almeida, com a sua prosa misturada de naturalidade, de frescura e, às vezes, de um preciosismo irritante. A grande prosa era, porém, a de Eça de Queiroz. O romancista influíra no Brasil de uma maneira espantosa. Falava-se

como os seus heróis, fazia-se uso do seu cepticismo como de um elixir milagroso. Havia conselheiros Acácios, Pachecos, Joões da Ega, primos Basílios por toda a parte. Eça fora para nós um criador de tipos que eram fáceis de se identificar na rua, dentro de casa. Os personagens de Machado de Assis eram pequenos monstros disfarçados. A gente não encontrava na rua um herói de Machado de Assis autêntico, como encontrávamos os pobres conselheiros, os fazedores de frases do autor de “Os Maias”.

O português era o escritor que nos dava maior alimento. A sua própria língua em relação aos outros escritores da sua terra era como se fosse feita para nós. Nessa época ainda as edições portuguesas se vendiam por todos os lugares. Camilo Castelo Branco de capa encarnada, com pince-nez amarrado num cordão, era vendido a 1\$500 réis. Mas quando deixei a Faculdade de Direito em 1924 a coisa era outra. Cada dia que se passava, mais Portugal ficava distante. Nenhuma grande voz vinha de lá, com força para nos prender ou embalar. Nenhum grande poeta, nenhum grande escritor. É verdade que Júlio Dantas tinha leitores entre nós, e até um discípulo com o talento de Menotti del Picchia. E os caixeiros-viajantes, pelo Brasil adentro, propagavam as tolices cónicas de Albino Forjaz Sampaio. Ficára nos coimbrões a grande literatura de Portugal. E de lá para cá fomos cada vez mais esquecendo os portugueses.

O pintor Barradas, quando passou em Recife, em 1923, nos falara de um Almada Negreiros, que era pintor e poeta, e de muitos outros que começavam a fazer a destruição da grande obra dos “Vencidos da Vida”. O Brasil ignorava completamente tudo isso. Não havia

COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

“União dos Proprietarios”

FUNDADA EM 1894

SEGUROS CONTRA FOGO, TERRESTRES, MARITIMOS E FERROVIARIOS

CAPITAL REALIZADO	1.500:000\$000
RESERVAS	2.350:487\$500
EMPRESTIMOS SÔBRE HIPOTÉCAS	2.289:500\$000
DEPOSITO NO TESOIRO NACIONAL	200:000\$000

ADMINISTRAÇÃO DE PROPRIEDADES

Accepta prœcurações para administrar bens de qualquer natureza, recebimentos de alugueis, jûros de apolices e quaisquer outros títulos de renda, mediante modica comissã, prestando contas a seus clientes trimestralmente.

EDIFÍCIO PRÓPRIO

87 — Rua da Quitanda — 87

TELEFONES : 23-3113 e 43-3096

Anibal Teixeira

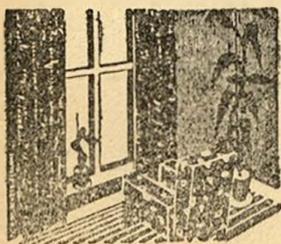
Diretores : Antonio Queiroz da Silva
Dr. Mario dos Santos Parreira.

falatório de intercâmbio que servisse para nos identificar com os portugueses da nova geração. E, no entanto, por êsse tempo, paralelamente aos nossos movimentos literários, por lá se agitavam escritores e poetas de primeira ordem. Havia um Mário de Sá Carneiro, uma personalidade profundamente original, uma força poética que atingira, até certo ponto, o maravilhoso. Um Fernando Bessa, rico de inteligência, com a lucidez trágica de um Antero, pensando e medindo as suas efusões líricas com a consciência de seu drama interior. Um ótimo crítico desta geração, o sr. João Gaspar Simões, disse admiravelmente desses dois poetas: “Em Fernando Pessoa há a consciência do que em Sá Carneiro era manifestação do sub-consciente”.

Os poetas portugueses desta geração são quasi que desconhecidos do nosso público em geral. Falar de um Sá Carneiro, de um Fernando Pessoa é para muitos dos nossos homens de letras falar de um desconhecido. E' que estamos muito longe de Portugal. E, no entanto,

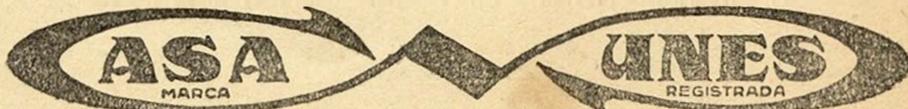
muito perdemos com isso. Há uma riqueza dos poetas e dos escritores de lá que também é nossa, que é um patrimônio comum. Um José Régio, um Casais Monteiro, um António Boto, um Alberto de Serpa, um Almada Negreiros, um Vitorino Nemésio, um Carlos de Queiroz, um Paulo Quintela, um Hernani Cidade e tantos outros deveriam estar mais próximos de nós, mais ligados, mais dentro das nossas cogitações. E' verdade que muito têm feito para nos ligar Nuno Simões e Osório de Oliveira.

Não é possível que, Brasil e Portugal, se vejam de tão longe, indiferentes, quando tantas coisas os confundem. Precisamos é sair dos tais intercâmbios de discursos e entrar naquela cooperação de que traçou os planos Gilberto Freyre, porque, como bem disse o mestre de “Casa Grande & Senzala”: “os homens das gerações mais novas, aqui como de lá, sabem que, ao lado das pátrias políticas, existe esta realidade inegável: a unidade cultural luso-brasileira ou luso-afro-asiático-brasileira.”



MOVEIS — CORTINAS — TAPETES

Sortimentos inegalaveis
preços ao alcance de todos



82 - Rua 7 de Setembro

Junto a
Avenida

NA



GUINÉ

PORTUGUESA

O vaivem da sorte obrigou-nos a uma viagem forçada à Guiné, com permanência de quinze meses na Colónia. Vamos hoje, passados mais de nove anos, rememorar o que então vimos. Não pôde ser uma descrição completa e bem feita: porque nos faltam qualidades de observação, não possuímos apontamentos e a acção do tempo apagou-nos já da memória, por terem ficado menos gravadas, determinadas particularidades que por lá notamos. Mas é rigorosamente verdade tudo que dissermos, embora algumas narrativas pareçam fantásticas. Começemos:

Ao entrarmos no Canal de Caió, para nos dirigirmos a Bissau, um companheiro de viagem, professor ilustre da Universidade do Porto, ficou tão maravilhado com a frondosidade da vegetação que nos margeava a ponto de me dizer: — “Não fazia uma idéia aproximada do grandioso quadro que a natureza nos apresenta; excede muito o que supunha da flora da Guiné”. E como êle, ficaram também maravilhados todos os que viam pela primeira vez tal imponência vegetal, tornada mais pinturesca pelos recortes devido às fozes dos rios e grande número de enseadas e canais que formam muitas ilhas.

Adivinhava-se que a fauna não podia deixar de ser variada e rica, como é de facto, vivendo em tanta abundância.

As impressões, pois, do que se via de fóra despertavam a curiosidade de conhecer o que se passava no interior.

A natureza dêste trabalho, os elementos de que dispomos e o espaço que deve tomar, não permitem occuparmo-nos desenvolvidamente do território de que vamos falar, da sua riqueza e dos seus habitantes. Limitar-nos-emos a dar uma rápida noção do que mais chamou a nossa atenção.

A Guiné tinha sido pacificada poucos anos antes da nossa chegada; e tal acção ficou-se devendo às qualidades militares do falecido major Teixeira Pinto, o qual resolveu em pouco tempo e com os escassos recursos militares da Colónia um problema importante que vinha sendo tratado ha muito, com pesada despesa e perdas de vidas.

Existia um monumento ao inteligente e bravo official pacificador, como reconhecimento, bem merecido, em Bula, e cremos que já lhe foi erigido outro em Bolama.

Entrou a Guiné numa época de prosperi-

pelo

Major A. F. Varão

dade, seguindo-se à pacificação dos indígenas a ida do Governador Sr. Coronel Velez Carço, sendo-lhe bem aplicado a expressão inglesa “The right man in the right place”, porque a sua intelligência e sensata acção governativa demonstrou bem ser o homem nomeado para o lugar apropriado às suas faculdades e talento.

O governador Valêz Carço resolveu o problema da construção de estradas com esta originalidade: mandou adquirir um automovel para cada administrador de circunscrição e disse-lhes: — “Agora façam as estradas para andarem no Carro”. E em breve tempo a Colónia tinha uma completa rede de estradas, bem construídas e com obras de arte, com uma despesa insignificante, porque os chefes indígenas tomaram tanto interesse nas vias de comunicação como as autoridades administrativas, levando os pretos a trabalharem de boa vontade e só pela alimentação, a qual saía do imposto cobrado.

A agricultura aumentou-a e melhorou por êste processo: mandando fornecer boas sementes e grátis aos indígenas. No fim das colheitas a exportação de arroz, milho e mancarra (mendobi) dava receita para pagar generosamente a despesa com as sementes fornecidas grátis.

A par das suas sábias medidas de fomento e administrativas, o governador Velêz Carço adquiriu entre os administrados um affecto e respeito paternal.

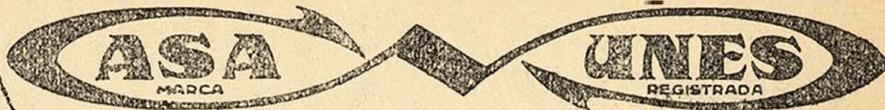
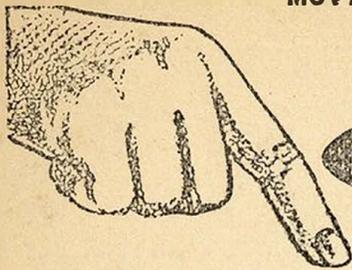
A psicologia dos indígenas da Guiné é muito diferente da dos de Angola e Moçambique, que conhecemos: aquêles são mais trabalhadores e ambiciosos; por isso conseguem ser ricos, possuindo bastante dinheiro e gados. Nota-se-lhes também grande desejo de aprenderem a lêr e de se civilizarem.

A Guiné é considerada pela história a terra dos negros por excelência, representados pelos seus varios tipos: papeis, bijagós, biafares ou iolas, ibós ou yebas, felupes, timanis, fautis, aguafine, intas e aschantis; as tribus que actualmente existem na Guiné Portuguesa são: balantas, bijagós, biafadas, brames, casangas, felupes, fulas forros, fulas pretos, fu-

MOVEIS — TAPETES — CORTINAS — TECIDOS

sortimentos que facilitam a escolha

por preços que animam a comprar



82 - Rua 7 de Setembro

Junto à
Avenida

las uguí, futa fulas, mancanhas, majácos, mandinga e papeis.

Numa área de cerca de 30.000 quilómetros quadrados cada tribo fala o seu dialecto; e quando precisam comunicar-se umas tribus com outras, mesmo as vizinhas, falam o creoulo de Cabo Verde, que quasi todas sabem, devido ao longo contacto que tiveram com os commerciantes caboverdeanos, antes da pacificação.

Nota-se na Guiné vestígios acentuados da civilização egípcia, o que parece confirmar a passagem por lá dos navios fenícios que o rei do Egipto, Nechav mandou do Golfo Arábico dar uma volta à África e regressarem pelo Mediterrâneo.

Nos bigajós, os indígenas fazem em madeira mole, trabalhada à navalha, varios objectos: pequenos navios, de formas antigas; estatuetas diferentes, representando homens, mulheres, mães com os filhos às costas, vários animais, carros, automóveis e aeroplanos. Em todas as peças se notam, porém, as características da arte egípcia: as figuras, quer paradas quer em movimento, aparecem com as pernas unidas, os braços estendidos ao longo do corpo, o pescoço erecto e o rosto aparentando a mais completa impassibilidade. Os vários personagens estão sempre de perfil, os olhos e as espáduas figuradas de frente, e nas raras figuras de frente os pés estão de perfil. Tudo isto mostra uma arte conservadora e original como a dos egípcios que durou séculos inalterável e continua, dando lugar a que nunca sentissem a ânsia de criar.

Para a cultura do arroz, usam o arado egípcio.

Os habitantes da região do Gabu e Bafatá lavram objectos de ouro e prata, fabricam vasos, tecem e tingem diversos estofos, preparam peles e manufacturam alfanjes em ferro, com bainhas metálicas ou de couro e o respectivo talim.

Próximo das povoações, junto de caminhos

de pé posto, vêem-se algumas árvores tendo em volta do tronco, no chão, panelas e pratos de barro com comida. Os indígenas quando avistam tais arvores manifestam-lhes veneração, porque tem Hiram, segundo dizem. Isto levou-nos a crer que se refiram ao espírito do architecto fenício que dirigiu a construção do templo de Salomão.

Visitamos a residência dum antigo soba, a qual nos deu a impressão dum labirinto.

Da vida social dos indígenas vamos referir alguns actos que achamos mais curiosos:

Nos bijágós existia uma rainha e era considerado o reino das mulheres. Lá o sexo chamado fragil é que manda na casa e executa todos os trabalhos de campo. O homem não tem outra função mais do que procriar; e se cair no desagrado da companhia esta põe-lhe a esteira à porta da palhota e êle considera-se despedido, sem discussão, porque a mulher tem o direito de escolher o marido e usa dêsse direito tantas vezes quantas entende, não precisando mais do que colocar a esteira à porta da habitação para se desligar do homem com quem não quer viver.

Entre os balantas, a mulher quando não concebe do homem com quem vive abandona a palhota e vai ter relações sexuais com outros homens, dentro ou fora do território da sua tribo; e logo que consegue o seu desejo volta para junto do companheiro que deixou, o qual fica muito contente por a ver de esperanças. Mas se regressa como partiu, por ser infecunda, continuam a viver como antes.

Os balantas andam completamente nus; só vestem peles ou panos quando são obrigados a irem junto das autoridades officiais.

Passemos agora dos bimanos às formigas. Ha diferentes qualidades de formigas na Guiné; mas as que mais se notam são: o salalé, que constrói grandes casas de barro, muito bom para asfaltar estradas, e desfáz qualquer casa que ataque; a cadaner, que tem um cheiro pes-

BANCO BORGES

Rua da Alfandega, 24-26-Rio

CAPITAL E RESERVAS:

RS. 5.417:750\$000

Administração de propriedades, recebimentos de aluguéis, juros, coupons, etc.

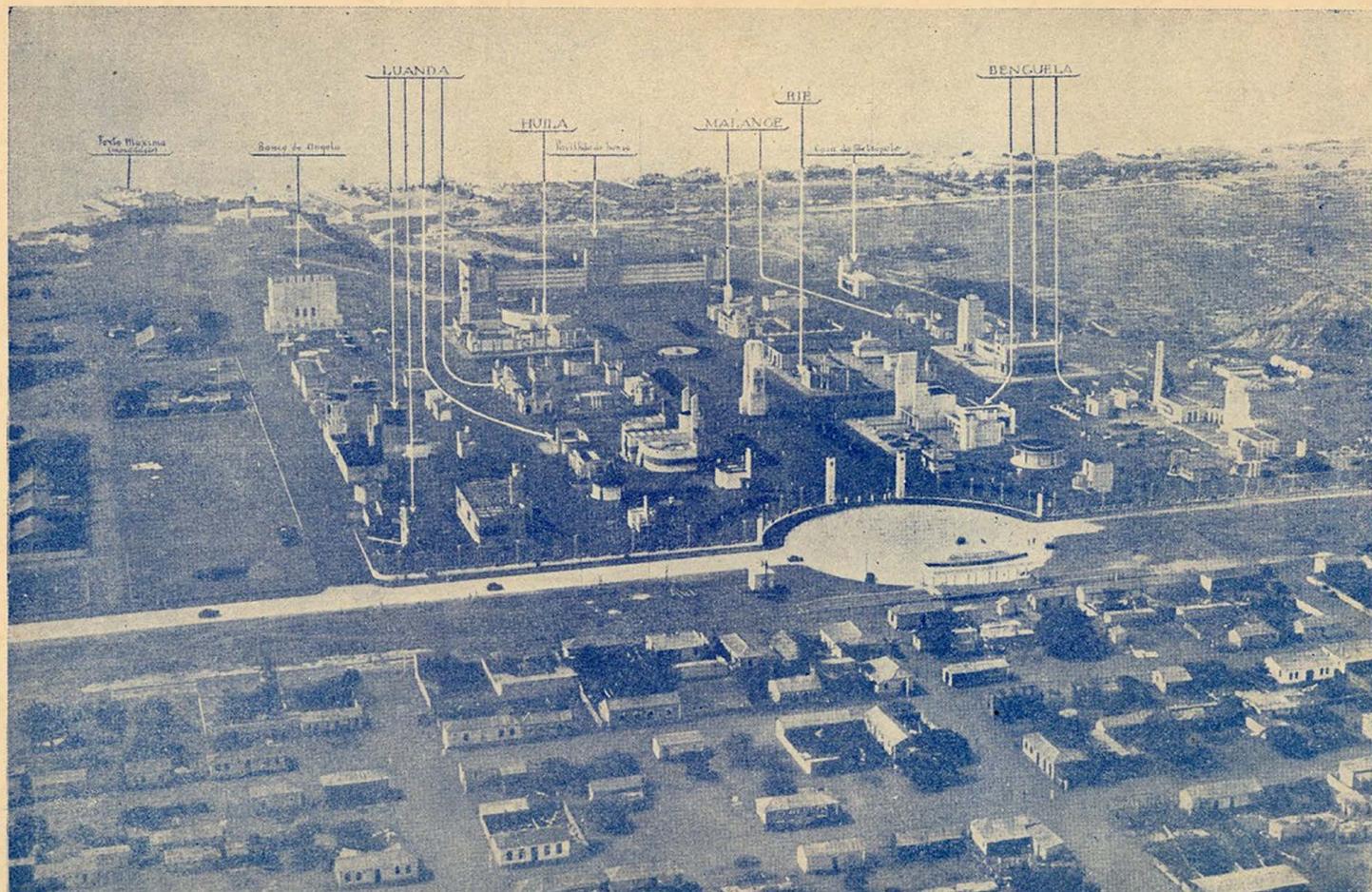
Oferece as melhores taxas de juros para depositos em c/corrente e a prazo

Cobranças - Cauções - Cambio - Descontos



OUTRO TIPO DE MULHER ANGOLANA

(Fotografia gentilmente cedida para êste Boletim pelo Exmo. Sr. Dr. Cunha e Costa)



A Exposição-Feira de Luanda, vasto e elucidativo documentário das numerosas actividades e das inesgotáveis riquezas de Angola, constituiu uma afirmação soberba das possibilidades construtivas e do sentido colonizador dos portugueses

tilento como o de corpos em putrefacção; e a correcção, que quando entra num edificio deixa-o completamente limpo de tudo quanto é comestível. A respeito d'esta formiga deu-se connosco o seguinte: Uma madrugada, quando sai de casa do integérrimo Juiz de Direito, da Comarca de Bolama, de jogar o "bridge", fui avisado pelos meus companheiros de casa, dois officiaes superiores do Exercito, nas minhas condições, de que se não podia entrar no prédio, porque estava invadido pela formiga "correcção"; e quando tal invasão se recebe só há uma defesa: abandonar a casa. Tais vorazes himenópteros mandam primeiro algumas patrulhas explorar os mantimentos que existem; depois assaltam em quantidade de milhares de milhões de formigas, tantas quantas sejam precisas para tudo devorarem em poucas horas. Seres vivos que não fujam são mortos, porque a "correcção" ataca por toda a parte, penetrando pelo nariz, orelhas, boca, olhos etc. Na referida madrugada, num edificio fronteiro àquêle em que eu vivia, esteve para ser victima uma criança de três anos, filho dum farmacêutico. Se o pai demora alguns minutos mais em o socorrer já não lhe valia, porque estava a ser atacado nas partes genitais e na cara.

Se a combatemos com fogo, como fizemos, espalhando gasolina e incendiando-a, por serem incombustiveis os compartimentos atacados, as formigas deixaram arder a gazolina, ficando no brazeiro as que estavam no pavimento; mas depois de extinta a chama começaram a cair do tecto aos montões e concluíram a devastação. Baratas, ratos, aves, mantimentos, tudo desapareceu. E' uma limpeza completa.

Se entram numa capoeira, deixam só as penas das aves que lá estejam fechadas.

Só visto se pode avaliar e acreditar no poder de tais insectos.

Aparecem depois da época das chuvas e demoram-se pouco tempo nas povoações, atacando sempre de noite.

O nome de "correcção" deve derivar da mesma designação que se dá na Guiné quando o Juiz de Direito passa inspecção aos cartórios judiciais e os alivia de grande quantidade de papelada.

Do reino vegetal, existem na Guiné muitas plantas, arbustos e árvores medicinais. Dentre ellas ha uma conhecida pela árvore do pau-osso, que os indigenas applicam para curar fracturas de ossos, da maneira seguinte: rasgam a carne do membro partido e applicam o pau-osso em forma de talas, cosendo a carne por cima. A madeira que ficou entre o osso e a carne tem a propriedade de ajudar a curar a fractura e elimina-se depois.

Entre os fulas há habeis curandeiros e magagistas, o que verificamos por termos necessidade de experimentar: em dada ocasião soffremos uma entorse no pé direito. Recorremos a um médico, o qual examinou o pé maguado, applicou-lhe arnica e ligou-o. Recebi mais vezes o mesmo tratamento durante alguns dias.

Como não obtivesse melhoras acetei os serviços dum curandeiro fula, que me foi indicado como muito competente. Isto valeu-me grande troça dum meu companheiro, por eu acreditar nos conhecimentos medicos e cirurgicos do indigena. Deixei rir e mandei chamar o curandeiro.

Apresentou-se-me um velho de aspecto de mais de setenta anos, baixo, com a pele do rosto bastante enrugada e aparência de raquítico. Quando pretendi dizer-lhe o motivo por-

que o consultava, respondeu que só falava fula, tendo, por isso, de me entender com êle por intermédio dum interprete. Informado da minha doença, desnudei o pé e apresentei-lho.

Começou a apalpá-lo cuidadosamente e a fazer mexer os dedos. Eu, pela maneira como estava sendo observado, adquiri confiança de que o preto sabia o que fazia. Disse que podia curar; mas tinha de me fazer doer muito e precisava um ajudante, homem de força, porque êle já não a tinha por estar velho. Acedi a quanto exigiu. Chamado um 1.º cabo, também fula, corpulento, passou êste a carregar-me no pé onde o curandeiro indicava. Sofri, de facto, uma dor muito aguda; porém senti que a articulação havia entrado no seu lugar. Mais três dias de tratamento, que consistia em maçagens, e fiquei completamente curado.

Para tocarmos em vários assuntos, embora rapidamente, vamos dizer o que nos aconteceu numa viagem do Gabu para Bafatá, em que tivemos de lutar com os elementos. Trata-se dum "tornado", que é um ciclone quasi diluviano.

Ao iniciarmos a viagem, e pouco depois do automóvel se pôr em marcha, a atmosphéa ameaçou-nos, inesperadamente, com a queda dum "tornado". O motorista, que era o administrador da circunscrição do Gabu, bom e destemido volante, disse-nos que só tinhamos um meio de salvação: dar a máxima velocidade ao carro para não sermos apanhados pela tempestade. E assim fêz, correndo cento e dez quilómetros à hora, conseguindo chegar a Bafatá 5 minutos antes do chuvaieiro descarregar. Uma pane no veículo acontecia-nos, pelo menos, ficarmos na estrada, a qual se transformava num caudaloso rio, durante horas.

A Guiné de que vimos falando é riquissima em gado bovino, marfim, cera, arroz, sementes oleaginosas, madeiras excellentes e variadas, das suas ricas florestas, e oleo de palma. Os naturalistas encontram lá muito que coleccionar em mamalogia, ornitologia, erpetologia e entomologia.

Portugal é das nações coloniais a que tem gasto mais dinheiro com os seus dominios, em proporção; não é a Guiné a que mais pesada está à Metropole, nem precisa estar, porque pelo seu território ubérrimo, pela situação geográfica e pela qualidade dos indigenas, com intelligente administração pode, com os próprios recursos, dentro de pouco tempo, ser uma glória da colonização portuguesa.

APROVEITE!

AS VANTAGENS QUE LHE OFERECE

A

FEIRA DE TECIDOS

Que continua desbaratando

Sedas - Lãs - Linhos - Algodões

Num autentico desfazer de feiral

Comprem na

FEIRA DE TECIDOS

R. Ramalho Ortigão, 20

A I N D I A

(Antiga e Moderna)

pelo

Dr. M. A. da Cunha

É imensa e valiosa a bibliografia sobre a Índia antiga e moderna, bem como acerca dos seus problemas, que sempre ao mundo tanto interessaram e interessam. Terra como poucas lendária e misteriosa, ela exerce uma fascinação sortilega sobre todo o Universo, e de aí a razão da inumerável quantidade de obras em que ela é examinada e explicada.

Dir-se-ia, porém, que, em consequência do grande numero de obras de todo o género publicadas em todos os idiomas sobre a Índia, só por verdadeiro milagre seria alguém capaz de produzir, a respeito de assunto tão devassado, trabalho digno de atenção. Pois muito bem: esse milagre, e milagre verdadeiramente surpreendente operou-o o dr. Antonio Maria da Cunha, com a sua obra magnífica e monumental — “A Índia Antiga e Moderna”.

Em lingua portuguesa não conhecemos obra mais completa, e mesmo em idiomas estranhos poucos serão os trabalhos que se lhe avantajem. De contrario, isto é, se assim não fóra, como se poderiam explicar os louvores com que, notadamente na imprensa inglesa, foi recebido o estupendo e exaustivo trabalho do sr. dr. Antonio Maria da Cunha, experimentado jornalista, e nosso ilustre colaborador, que com este livro se afirmou um erudito de tómo e um historiador verdadeiramente à altura do grandioso assunto que estudou e sobre o qual versou com profundo conhecimento e máxima exactidão.

Felicitando o nosso ilustre e venerando colaborador pela obra monumental com que enriqueceu as letras hindo-portuguesas, recomendamos aos nossos leitores que procurem conhecer tão abalizado e exaustivo trabalho acerca da Índia, a Índia de Ontem e de Hoje, a Índia de sempre.



TAROMINO

GINOROL
LÍQUIDO
"GRANADO"
Para a higiene das senhoras

Antisséptico
Bactericida
Desodorizante

Delicadamente perfumado



Na vida só vencem os fortes!

HORMOCÁLCIO
"GRANADO"
poderoso recalcificante
revigora os fracos.

TAROMINO

AÇORES

TERRA DE BELEZA

A Idade Média, êsse longo período histórico que abraça dez séculos, que se desenrola entre a queda de Roma e a tomada de Constantinopla, ainda que apelidado por Voltaire de "período de barbárie e de ignorância", pôsto que chamado por Michelet "um túnel de trevas", não foi contudo uma noite de tão densa escuridão que não levantasse para os fieis de Deus e para os cultores da Arte as tão sóbrias como elegantes catedrais, —

"..... a graça das ogivas
Como mãos postas para Deus, orando!" (1)

que não abrisse aos estudiosos os rasgados portões das universidades; que deixasse perder de todo o rumo das navegações antigas...

Sim, no decorrer dêsses mil anos de vida histórica, ainda que lentamente, ainda que menos audaciosamente, os mares continuam a ser rasgados pelas naus que sulcam o Mar do Norte, que aprôam à Groenlanda...

Assim os fios com que fôra tecida a rede das véllhas navegações, longe de dispersarem-se, se bem que um tanto à deriva, vêm enrolar-se nos rombos da penedia arrogante de Sagres, prender-se nas suas arestas vivas, ali onde

"Finda tôda a luz do mar antigo
E começa do Oceano a escuridão" (2).

Daqui vamos então nós, no alvorecer dos tempos modernos, séculos XV e XVI, o fio na mão vigorosa dos nossos navegadores, reparar e alargar a malha dos descobrimentos marítimos, devassar o Oceano,

"Enchê-lo todo duma grande luz,
Vêr a que estranhos céus êle nos leva,
A que ignotas paragens nos conduz". (3).

Vamos então nós, os portugueses, à aventura dos mares. Mas ir agora à aventura dos mares não é às cegas, se bem que muito haja a tatear ainda. Não é ir às cegas, porque agora já traçamos redes de paralelos e de meridianos; já estudamos as latitudes e as longitudes. E Rui Faleiro chega a ser considerado a máxima autoridade como cartógrafo e astrónomo.

"Os descobrimentos, diz Carlos Malheiros Dias, resultam de um plano nacional a que presidiram concepções geográficas arrojadas, desenvolvidas por um trabalho científico de grande envergadura". E o sábio Pedro Nunes afirma que perdemos tanto o medo ao mar que "nem a grande queitura da torrada zona, nem o desconpassado frio da extrema parte do sul com que os antigos escritores nos ameaçavam, lhes poudes estorvar". E fizeram tam cham que não há quem hoje ouse dizer que achasse novamente alguma pequena ilha, alguns baixos, ou sequer algum penedo, que per nossas navegações não seja já descobertos".

Então terá soado, na afirmação insuspeita de Stefan Sweig — alta figura mental a quem o país está devendo uma justa consagração pelo louvor, ainda que merecido, com que somos exaltados no seu magnífico "Fernão de Magalhães" — então terá soado a hora da maior coragem na história da Europa, a hora do esforço português, a hora durante a qual Portugal é a primeira nação da Europa, a nação condutora da humanidade, atraindo o olhar, causando o espanto e a inveja de todo o mundo, e que êste jamais poderá esquecer! — São estas as suas palavras.

E' que nas nossas veias continuou a correr o sangue bélico de jornadas como Atoleiros, Aljubarrota e Valverde, onde sucessivamente castigamos as arrogâncias de Castela, é porque no Infante, figura brônzea e fria, filho ancestral dos normandos pela costela materna, queimando tôdas as energias e atenções no seu sonho maior, o seu único sonho, é porque nele se polarizaram tôdas as potências que nos impeliam à expansão.

O mar, êsse verdadeiro sarcófago da igualdade onde, não obstante tôda a sua incomensurável vastidão, não há lugar para campos mais ricos, nem mausoléus mais suntuosos, o mar torna-se, a despeito da má vontade de Baco, um verdadeiro teatro de glórias lusas, pois nos protegemos as boas graças da poderosa Vénus. E' que nas velas pandadas das nossas naus abrem-se os braços da cruz,

pelo

Dr. Mendes Carneiro

"A cruz da raça eleita entre tôdas as raças!" (4).

aquela cruz que é sinónimo de luz e de amor e que, por ser o símbolo da mais afrontosa e injusta morte, se tornou em sinal de vida eterna, de libertação, de civilização, que ela vai ensinar a arrotar terras, vai iluminar os espíritos, adoçar as almas, rasgar os mares, pois muito lhe devem a agricultura, as letras, os hospícios, as cruzadas.

Aos primeiros passos que tentamos sôbre as águas, após a conquista de Ceuta — primeira etapa dum sonhado e nunca realizado império marroquino — Gonçalo Vêlho, o glorioso patrono do nosso liceu, cuja memória hoje aqui nos reune, há-de ser o capitão e senhor, o indiscutível colonizador de Santa Maria, a primeira terra açoreana a que aportará. Colaborador infatigável do grande Infante, o seu brasão de armas: — cinco vieiras de ouro em santor sôbre campo vermelho, — é bem o selo da sua fidelidade e do seu esforço ao seu Senhor e à sua Pátria, a pátria que êle engrandece e alarga a trôco do próprio sangue vertido, entre outras vezes, quando de um assalto a Gibraltar, e de que lhe ficou memória indelével, fundo gilvaz na face.

Os Açores! Tenho aqui retratados nas meninas dos meus olhos êsses farrapos sugestivos e queridos de terra nossa, que a não ser obra de Vulcano, hoje testemunham, com a Madeira, Cabo Verde e as Canárias, a famosa e tão discutida Atlântida de Platão, na sua maior extensão sepultada, por forte cismo, no campo santo do Oceano, nosso primeiro teatro de feitos marítimos. Tenho-os retratados nos olhos e guardados no coração, pela muita estima com que alguns dos seus melhores filhos ali me trataram.

Estação entre a Europa e a América, o vêlho e o novo mundo, Portugal a adeantar-se no mar alto, a caminho do Brasil, as suas ilhas alinham, ainda que um tanto irregularmente, em três núcleos bem distintos, e em cada um dos quais dir-se-á que se pode saltar, como que brincando, de ilha para ilha, pois se de São Jorge se vêem a Terceira e a Graciosa, do Pico se vêem São Jorge e o Faial, como do Corvo se avistam as Flores; — todo um punhado de terras onde Vulcano continúa a trabalhar, a fazer das suas, derrubando para pôr a descoberto novos motivos de encantamento. Tam certo é que, como um dia disse Rodrigo Fontinha, "os grandes cataclismos cósmicos subvertem, convulsionam e destroem, mas têm por vezes o condão de melhorar a face da terra, na sua simetria e na sua beleza".

Na sua beleza! Haja em vista São Miguel, tão luxuriantes são os seus múltiplos jardins, tão sem iguais são os seus lagos nas Furnas e nas Sete Cidades, verdadeiro album dos mais variados quadros paisagísticos: — "sugestões do Minho e do Vouga, da Costa Vasca, do sul da França e da Normândia" como diz Ferreira de Castro. Terras ainda em sofrimento, tais os seus vestígios vulcânicos e manifestações cismicas constantes, — sempre contorsões ou aconchegos, fendas interiores a preencherem-se à custa do fâcies, da crosta, fisionomia que hora a hora se altera. Sim, os fenómenos térmicos e gasosos, águas e vapores, os geisers, as cinzas de lava, os chamados mistérios e biscoitos do Pico outra coisa não são senão o testemunho de tal actividade vulcânica, de tal arranjo dêste geo-organismo.

O Pico! Nas manhãs de todos os dias, durante alguns meses o saudei quando abria a janela do meu quarto, na Horta, que o olha como vizinha. Dromedário monstro estende-se ao comprido na água e ergue-se alto no céu, enforcado tantas vezes num anel de nuvens, qual cache-col, que o biparte, lá em cima, e por cujos flancos superiores tantas vezes deslisam escorrências de gelo como se mãe gigantesca de ignorado Titan apertasse bem, fortemente muçisse aquela teta úbero da Mãe-Terra!



Os Açores são pátria de beleza, fonte de trabalho, lar de economia, berço de notáveis, refúgio de patriotas.

Pátria de beleza, porque onde houver, como ali há, uma fimbria de água a babar-se na rocha, alcantilado e flores, flores que marginam as estradas em tufo de hortenses que são o encanto dos nossos olhos, onde, como ali, houver vegetação luxuriante a contrastar com a montanha escavada, cambiantes de cor e orquestrações de luz, há sempre beleza. É São Miguel a ilha verde e o Faial a ilha azul. Nos lagos das Furnas e das Sete Cidades — lagos como mais belos outros não há — brincam por turnos o sol, a lua e as estrelas. Os Açores são uma aguarela!

Fonte de trabalho e lar de economia, que iniciado êle no tempo do seu glorioso povoador, jamais os que ali um dia estabeleceram arraiais deixaram de arrancar à terra a crosta vulcânica para que o seu humus de cinza se desentranhasse em cereais, inhame, chá, bananas, em ananazes, autêntica riqueza, em vinho que foi afamado enquanto o filoxera não lhe atacou as cepas, e pasto abundante para alimento de gado que exporta e é fonte da próspera

indústria de laticínios. A pesca da baleia é uma riqueza, tarefa verdadeiramente heróica e que a tôdas leva o passo. Baleia à vista, diz Raúl Brandão, fica o baptizado por realizar, o enterramento por fazer, a justiça por administrar, que não pôde perder-se a oportunidade. O óleo em que se converte o cetácio enche dezenas de barris, e quantas vezes os seus intestinos, qual cornucópia, são portadores de tesouros, — quilos e quilos de âmbar! E aqueles que ali não encontram largas à sua acção, campo para a sua actividade, emigram para a América onde amealham os dólares que constituem uma grande parte das finanças açoreanas.

Berço de notáveis, porque ali nasceram homens que marcaram lugar distinto nas ciências, nas artes e nas letras; que foram exploradores e missionários, políticos e guerreiros, historiadores e pedagogos, naturalistas e artistas, — pátria do grande Antero, o poeta filósofo que tendo cantado assim seu desespêro:

“.....”
Se nada há que me aqueça esta frieza,
Se estou cheio de fel e de tristeza,
E' de crer que só eu seja o culpado”.

“.....”
Abrem-se as portas douro com fragor...
Mas dentro encontro só, cheio de dôr,
Silêncio e escuridão — e nada mais!

“.....”
Tendo assim cantado seu desespêro, havia de compor também o formoso soneto que assim começa:

“Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descançou afinal meu coração”.

Refúgio de patriotas, que falar na Terceira, Nossa Senhora do Heroísmo, é evocar o último reduto do Prior do Crato contra os Cristovãos de Moura que tinham feito ninho no seio do clero e da nobreza: é recordar a resistência dos liberais aos propósitos dos miguelistas.

Os Açores são, na expressão de Gervásio Lima, “pedras sagradas pelo fogo purificador, pelas lágrimas do sofrimento e pelo sangue das batalhas...”

Os Açores são o pulso que melhor acusa a aritmia meteorológica por que se pauta todo o mundo, situados como estão nos limites da zona onde passam as tempestades que se desencadeiam sobre a Europa.

Os Açores são um colar de pérolas negras, — as mais raras, e portanto as de mais subido preço, — que entre a Europa e a América esperitam à flor das águas, cuja primeira, Sta. Maria, Gonçalo Vêlho, teve de juro e herdade, onde, por isso, ergueu a sua casa, assentou a pedra do seu lar, solar de fidalgo cavaleiro das ondas.

Viana do Castelo, 16 de Maio de 1938.

- (1) Garcia Pulido.
- (2) Alvaro de Castelões.
- (3) Ramiro Guedes de Campos.

Justo Reconhecimento

A lista não é grande, porque, em consequência de razões que não desejamos apreciar, poucos, bem poucos mesmo têm sido aqueles que nunca nos recusaram a sua cooperação, ajudando-nos, sempre que lhes batemos à porta, a manter esta nau em pleno mar de... tormentas financeiras!

Houve tempo em que nos maguava tão imperm e á vel incompreensão. Hoje, dez anos decorridos, a máguia foi substituída por uma indiferença irremovível. O lugar dos sonhadores é na Lua, e não cá na Terra, a servirem de estorvo aos homens práticos.

Como íamos dizendo, porém, há pessoas e firmas que nos têm ajudado desde a primeira hora, e é portanto muito justo que aos Srs. Alfredo Rebello Nunes, João Ferreira Braga, Dr. Otto Granado consignemos aqui os nossos agradecimentos pela cooperação que nos têm dispensado.

por

Edmundo Correia Lopes

Um belo livro sôbre o problema da linguagem brasileira, **O Português do Brasil** de Renato Mendonça (1936), eu nunca o tinha lido. Leio-o hoje e ainda bem. Porque é hoje o dia em que estou de pachorra para escrever uma nota à margem, assunto que não me enleva por curioso mas que me obriga por necessário. E' o caso da Santa Ortografia, a quem é conveniente dirigir de-vez enquanto uma prece na esperança de a ir encontrar de maré, propícia aos nossos votos. Quando não, estamos mal; temos talvez de nos remediar com o humorismo de Bastos Tigre (apud. Renato Mendonça, pág. 338).

O meu bom senso repele esse sistema babel de escrever mel e ler "mélle", de escrever péle e ler "pel".

Um facto da mesma natureza é pagar-se na Baía (a "Bahia" que não quer trocar o **h** pelo acento, ou a "Bahia" com **h** aspirado dos capitães de navios estrangeiros) uma "sêção" de bonde, enquanto em S. Paulo se paga uma "secção" que seja em bonde camarão que seja em bonde aberto. Apesar disso, creio que os brasileiros devem ter pensado num acôrdo ortográfico de todos os Estados federados. E não ha nada mais simples. Nós aqui em Portugal também entrámos todos num acôrdo, dispensando-se cada um do tormento, quasi sempre vão, de saber se está de acôrdo consigo mesmo.

Podíamos até entrar no acôrdo com o Brasil, acôrdo de que já um dia se falou e depois não se falou mais.

De qualquer maneira, ha de sempre haver dúvidas ortográficas. De qualquer maneira, não nos podemos furtar a ouvir dum lado dizer "fato" e doutro dizer "facto". Também não sei se haverá muitos bem-aventurados que, mal ponham o pensamento no "ginásio", lhes não acuda o "gimnásio" logo. Parece até impossível que no Brasil tropical alguém consiga alhear-se da etimologia... desta palavra, entenda-se, porque outras muitas ha que são antes sudoríferas.

Nós, por deferência com os quarenta e oito milhões do ramo brasileiro do português, acho que poderíamos largar **acto**, **acção**, **actuar**, etc., cujo **c**, na pronúncia, não faz, decididamente, parte da família. ?Que mantem aberta a vogal átona? E de,ois tira-se quando a vogal não é aberta -- atuar? Não passamos bem às vezes sem distinção gráfica de qualquer espécie nas sílabas átonas abertas — Aveiro, Ovar, esquecer, besteiro? Esses **cc** e êsses **pp** que Renato diz serem "um peso morto na leveza do sistema" no Brasil, também o são em Portugal, ponto, mais, ponto menos. Quanto a "pesadelo na lógica" (mesma pág. 227) trazido por "adoptar" também "adotar" traz **ctar** e **oção** e "ginásio" traz **ginos pêmicas**. Aqui ou lá ou em ambos os continentes juntamente, se quisermos ter uma ortografia lógica, é

preciso que pronunciemos dentro de uma lógica e a única possível é a de uma convenção sôbre cada família de palavras. E, para levar a lógica até às últimas consequências, devia o acôrdo existir entre as duas pátrias que ainda, por enquanto, falam uma só língua; Palpita-me que, no caso dos **cc** e dos **pp**, além das vantagens da lógica, teríamos outra maior — dava certo, porque isso de comer os **cc** e os **pp** deve vir até mais da lógica, terreno cumum aos nossos irmãos de além mar, do que da psicologia, dominio em que nos reconhecemos diferentes.

O caso da pronúncia **pêle** — **mêle**, direi também em homenagem ao humorismo, é simplesmente dos tais para que se querem os diplomatas. Quanto a **mele**, um dos tais arcaísmos do Brasil, não haveria dúvida que nós o aceitássemos gratuitamente em memória do ciclo da cana de açúcar e do muito que o Brasil rendeu para a nossa economia nêsse produto. Contudo, bem entendido, que êles se abstenham de ficar gritando a toda a posteridade que nós lhes tirámos a "pel".

Há nêste assunto alguns mal entendidos que se desfariam fâcilmente. Renato censura a pág. 74 os homens de cultura lingüística que empregam as formas lusitanas **quere**, **preguntar**. Ora nós chegámos a dizer **quer** e, se entendemos vir a escrever **quere** por amor da lógica, continuá-mos naturalmente a pronun-

ciar como dantes. Apurem aí o ouvido e digam-me depois se ouvirem algum meu patriótico dizer:

— ?Que quiere?

Quanto a **perguntar**, nós julgamos que é menos correcto e temos bem o remorso de lhes termos mandado essa forma por tão falível via erudita. Não gostaríamos de acumular razões para crer que o Brasil só aceita de nós o pior.

Em conclusão, lido e meditado o livro, que traduz um anseio nativista para a língua brasileira, eu ainda chego a esta conclusão: Dentro do sistema ortográfico que nos convém, tudo nos une e, se alguma coisa nos separa no terreno da fonética, também posso dizer que o mesmo se dá entre portugueses. **Ninguém e mãe** no Brasil não rimam (pág. 224). Pois bem: **vê e adorei** duma quadra de João de Deus só rimam em algumas regiões de Portugal em que o ditongo *ei* se aproxima suficientemente de *ê*, mas na própria provincia do poeta, o Algarve, *ê* é muito comumente ultrapassado, chegando a *i*, e lá se foi, de-novo, a rima.

A competência com que falo neste assunto, decorre apenas da minha grande sinceridade. Pois se eu adoto a pronúncia da terra onde vivi... dois meses, após o nascimento! Não serei eu que queira **normalizar** a pronúncia dos brasileiros, tanto mais que a minha está bem longe de ser a pronúncia normal portuguesa, da qual a nossa ortografia ainda mais se afasta (aliás escreveríamos **melitar, destinguir**, etc.)

E, se proponho a associação no problema ortográfico, não penso em entrar a evolução da língua. Isso não. Em seis anos que levei a lecionar na Terra de Rui Barbosa, fui implacável, no âmbito da minha cadeira de latim, em combater o classicismo — reparem bem — o classicismo dos meus alunos. Porque já em Portugal eu tinha sentido aquele “martírio” da mocidade que aprende e aquela “humilhação” do mestre que ensina, por efeito dos programas e não por culpa da disciplina. Os paladinos da língua brasileira fizeram consistir em razões pedagógicas as suas melhores intenções... E’ mais radical.

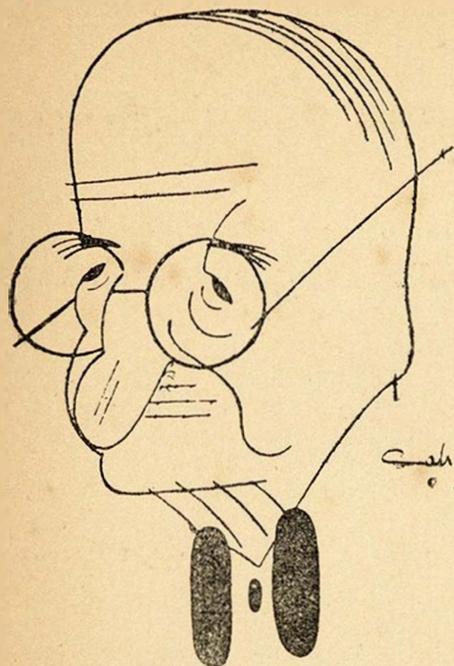
Prezados Consócios:

Concorrei para o aumento do
nosso quadro Social, e tereis
assim ajudado a Instituição a
levar avante o seu programa



VINHO do PORTO

**DE FAMA UNIVERSAL
GLORIA DE PORTUGAL**



PORTUGUESA

pelo

General Norton de Matos

Se um brasileiro ilustre dissesse um dia, em conversa com ilustrados cidadãos dos Estados Unidos da America do Norte, que Sinclair Lewis era um dos maiores escritores da lingua "Yankee", seria por certo olhado com espanto e as palavras depois pronunciadas iriam caindo naquêlo pôço de indiferença, em cujo fundo só há silêncio e trevas. E o mesmo aconteceria se o cidadão brasileiro, não querendo empregar aquêlo "nickname" afirmasse que o famoso autor de "Babbit", "Main Street e Mantrap", era o mais profundo escritor da actualidade, em lingua americana.

Passa de século e meio que na América do Norte se está erguendo uma nova civilização, que bebeu as suas origens na civilização anglo-saxónia. As diferenças entre o povo inglês e o povo norte-americano, entre a nação inglesa e os Estados Unidos são cada vez maiores: quasi que se vê despontar uma raça nova. Mas a lingua continua a mesma, sem alterações: não alteram uma lingua escrita nem modificações na intonação ou na pronuncia, nem introdução de neologismos ou diferenças de ortografia. O mesmo se está dando em todos os dominios ingleses, amanhã, talvez, nações independentes, e a Inglaterra, êsses dominios e a grande democracia norte-americana formam, graças à lingua comum, uma força espiritual de tal magnitude que enquanto ela existir não será destruida a civilização que a humanidade atingiu.

Quem há na América do Norte e nos Dominios que não siuta assegurada a sua dignidade de homem, que não se julgue integrado numa grande civilização e participante da mentalidade de escritores e pensadores dos mais ilustres do mundo,

quando proclama orgulhosamente que pertence à vasta comunidade internacional cuja lingua é o inglês?

*

Vcio-me todo este arrazoado ao bico da pena, ao acabar de lêr em "O Diabo", um artigo do meu ilustre amigo e conterraneo António Amorim, intitulado "A lingua brasileira".

Eu bem sei que o facto de se ter apresentado na Câmara Federal do Brasil um projecto "que criava a lingua brasileira", em nada destruiu nem destruirá a certeza que todo o mundo tem, de que no Brasil se fala e se escreve o português; todos os que me conhecem sabem que o meu patriotismo não é "escaldante nem exaltado", porque foi talhado no granito da minha terra, tal qual o do meu conterraneo António Amorim; mas o que acabo de dizer a respeito da lingua inglesa e todos os meus esforços para espalhar a lingua portuguesa em Africa, mostram claramente que não me posso conformar com a mudança do nome da lingua que se fala em Portugal, no Brasil, em grande parte da Africa, por todo o Oriente dentro, e na qual tão belas e tão fundas cousas se teem escrito.

*

Interrompi êste artigo para ir às minhas estantes escolher livros escritos por brasileiros e recentemente publicados. Principiei a lêr, página aqui, página acolá, para verificar se não estaria enganado: ter-se-ia no Brasil o meu português transformado, como o baixo latim se transformou no pouco português que se escreveu no século 12.º?

Não me enganei. No Brasil continua a escrever-se o português que por cá se escreve, e por vezes tão bom que quem me dera saber escrevê-lo assim. E' certo que nas páginas relidas encontrei palavras de origem não portuguesa; mas que tem isso: não leio nos admiráveis livros de Kipling, escritos no melhor inglês, tantos dizeres indianos, "curasianismos do "melhor sabôr"?

CASA BUGARIN

Batatas, Cereais, Cebolas e Alhos

F. Rodrigues de Oliveira

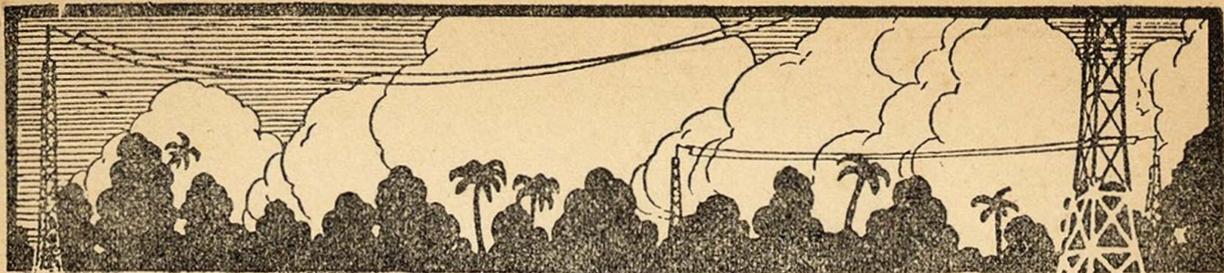
Rua III, 9 a 15

Mercado Municipal

Telef. 42-0321

— Telegr. BUGARIN

— RIO DE JANEIRO



O SEMINÁRIO FRANCISCANO DE CRANGANOR

pele

P. António Brásio, S. Sp.

(Professor de História das Missões)

Na vanguarda das nações da Europa no campo especificamente colonial, Portugal marchou também garbosamente à frente dos outros Povos nas conquistas espirituais dos habitantes dos novos mundos que os seus humildes barinéis iam encontrando na sua rota, — no campo Missionário.

De Povo nenhum teve Portugal a receber lições teóricas ou práticas para levar a bom recado o Ideal que a si próprio traçara; nenhuma modalidade da hodierna ciência missiológica lhe foi desconhecida; nenhuma deixou de pôr em execução na medida em que lho permitiam raças, tempos e lugares; de quasi todas foi o precursor, com que muito pese a determinados missiólogos de gabinete, Franceses, Belgas, Alemães e... (triste é poder dizer-se!) Jesuitas!

Quando na Europa se seguiam ainda os velhos trilhos duma formação clerical sem regras fixas nem estudos especializados; quando as Nações européias gastavam energias preciosas em lutas fratricidas e intolerantes de religião, iam os Religiosos portugueses, a pedido do "Senhor Rei", erguendo estabelecimentos de ensino no Ultramar, que haviam de servir de modelo aos próprios Padres do Concílio Tridentino em 1563!

A face de documentos que nos merecem todo o crédito, parece incontestável que o primeiro "Seminário" que no Oriente se construiu foi o de Ternate, entre 1538 e 1540, obra dum leigo, o Governador integérrimo, António Galvão. Seguiu-se-lhe o de Santa Fé de Goa, em 1541, de cujos Fundadores dissemos já nas páginas do **Boletim**. (IV Série — nos. 16/17.)

Bem sabemos haver quem pretenda não ser esta a ordem histórica de fundações deste género em Colónias de Portugal; mas sabemos também que essa opinião, **por enquanto**, não pode ser provada com monumentos históricos

que mereçam crédito suficiente para se abandonar definitivamente a opinião tradicional.

Em 1935 escrevia alguém que os Franciscanos Portugueses nas suas Missões Orientais "abriam Colégios de catequese e (que) até fundaram o primeiro seminário da Índia, em Cranganor, donde saíram os primeiros padres indígenas." (1)

A única fonte a autorizar esta corrente histórica parece ser, **por enquanto**, o sábio Cardinal Saraiva, opinião que o ilustre Académico se esqueceu de justificar com documentos comprovativos. Diz, pois, D. Francisco de S. Luiz: "Fundou Fr. Vicente de Lagos, frade menor de S. Francisco, o Colégio de Santiago de Cranganor, para nêle serem educados 80 mancebos, filhos de gentios convertidos. Este Colégio foi depois dotado por El Rei de Portugal." (2) A fundação seria de... 1540!

Quem era este amável fradinho fundador de "Seminários" e catequista exímio, na opinião insuspeita do Padre Mafeo? (3)

Diogo do Couto afirma que a D. Francisco de Melo, sucessor de D. Fernando Vaqueiro, O.F.M., em Goa (D. Francisco não chegou a embarcar por falecer em Lisboa depois da sa-gração), sucedera de facto outro Franciscano, castelhano e confessor de El-Rei, D. João de Albuquerque, "a quem por virtude de outro Breve lhe deu El-Rei por coadjutor e futuro sucessor outro religioso da mesma Ordem, chamado Frei Vicente, homem virtuoso e muito bom letrado, a quem mandou fazer prestes, e

(1) **Almanaque de Santo António**, Braga, 1935, p. 312.

(2) **Os Portugueses em África, Ásia, América e Oceania**, Lisboa, 1894, p. 104.

(3) **Historiarum indicarum liber undecimus**.

PEÇAM

LICÓRES, XAROPES, CERVEJAS,
VINAGRES,
ALCOOL E AGUARDENTE
DA

S. A. Fabrica Cardoso de Gouveia

RUA DO SENADO, 230

TELEF. 22-0035

(Caixa do Correio, 732 — Ende Teleg.:
"Distilação")

RIO DE JANEIRO

lhe deu despesas, e todas as cousas necessárias para sua embarcação." (4)

Não nos parece que esta viagem do fradinho franciscano às Indias, em 1539, na armada de D. Garcia de Noronha, tenha sido o seu baptismo de missionário. Parece-nos fóra de dúvida que Frei Vicente ia de torna-viagem, e que a Portugal viera em serviço urgente que ao Estado e às Missões altamente interessaria. Frei Vicente estivera, com certeza, em Goa em 1530, pois no Arquivo Nacional está catalogada no Corpo Cronológico uma carta sua, datada daquela cidade em 25 de Setembro daquele ano.

Foi seu companheiro na viagem de 1539 o Padre Diogo de Borba, fundador de S. Paulo de Goa, também "auxiliar" de D. João de Albuquerque.

Não temos à mão documento que nos indique a data da partida de Frei Vicente para o Malabar, por ordem do Prelado de Goa, embora não desesperemos de vir a encontrá-lo no Arquivo Nacional. Supomos que deve ter seguido de perto a chegada de 1539.

E em que ano poria Frei Vicente à obra a fábrica do seu "Seminário"?

Sabemos como o Vigário Geral, Miguel Vaz, viera a Portugal com recomendação de S. Francisco Xavier para El-Rei, em Janeiro de

(4) *Asia*, déc. V, P. I, l. III, cap. VIII.

1545, a tratar das coisas do Govôrno e da Cristandade orientais, e que já em Outubro de 1546 estava novamente em Goa, tendo partido de Lisboa nos primeiros dias de Março, pois a carta del Rei para o Governador, de que foi portador, é datada de Almeirim, de 8 do mesmo mês. (5)

Não se faz referência ainda ao Seminário de Cranganor neste documento, a-pesar-de expressamente se falar ao estado da Cristandade e igrejas do Malabar; recomenda mesmo a D. João de Castro que "em lugares acomodados" funde estudos e casas de devoção para cristãos e gentios ouvirem nelas sermões e práticas espirituais.

Comprometedor parece o memorial do Padre Vaz, a que o Professor Schurhammer. S. I. atribui a data provável de 1545, e de que parece inferir-se que já àquela data havia em Cangranor padres indígenas formados por Frei Vicente: "Os cristãos de S. Tomé de Cochim... estão providos com o Padre Vigário de Cranganor e com outros que se vão criando com Frei Vicente..." (6)

Se este memorial é de 1545, deve ser aquele que Miguel Vaz por-ventura tenha apresentado pessoalmente ao Rei, e a que El-Rei responderia com a sua carta de 8 de Março de 1546. Não deixa, porém, de ser notável que o Rei se não refira a Frei Vicente e sua obra nesta longa epistola... Por intrigas? Parece-nos que ainda não! E' que, embora Frei Vicente fôsse leccionando alguns naturais em letras e virtudes, não estavam ainda arregimentados em "Seminário"... Até novas investigações, teimamos em ver no memorial do Vigário Geral, informações posteriores à sua vinda a Portugal, de como os desejos del Rei de **fundar estudos** em lugares acomodados, encomendados "mui apertadamente", estavam já realizados entre os cristãos de S. Tomé, por fins de 1546, em que provavelmente teria sido escrito o dito memorial. Não será o que está no A. Nacional, C.C. I-5-122, com a data de 16 de Dezembro de 1546?

De facto, os Cronistas, que conscienciosamente compulsaram documentos, estão de acôrdo para marcarem a fundação do dito "Seminário" em... 1546!

Frei Fernando da Soledade escreve textualmente:

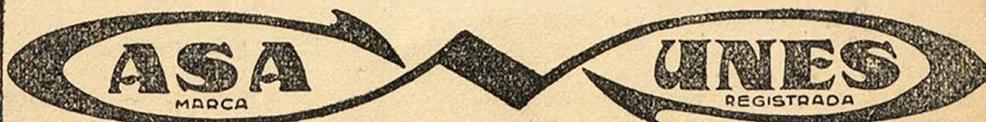
"Edificou (Frei Vicente de Lagos) um Colégio de oitenta Estudantes, todos naturais da

(5) Jeronimo da Camara Manuel, *Missões dos Jesuitas* nos séculos XVI e XVII, Lisboa, 1894, p. 85.

(6) Citado por J. Alves Correia, in *Dilatação da Fé no Império Português*, Lisboa, 1936, I, p. 69.

Mobiliarios — Tapeçarias — Decorações

Qualidade, beleza
e preços incomparáveis



82 - Rua 7 de Setembro - Rio

Junto à
Avenida

terra, a que ensinava com particular cuidado a doutrina, que devem saber os que professam a Lei de Cristo; julgando com acertada inferência que tantos seriam depois os Prêgadores, quantos os discípulos que industriava." (7)

O frade historiador dá-lhe como data de fundação... 1546.

Frei António de Gouveia trata mais pormenorizadamente o assunto, e talvez com maior autoridade.

"Os primeiros que compadecendo-se da ignorância de seus erros (**fala dos cristãos de S. Tomé**) nisto trabalharam (por alumiá-los no caminho da Verdade), foram os Religiosos do Seráfico Padre S. Francisco, dos quais um Frei Vicente grande servo de Deus, que do reino veio em companhia do primeiro Bispo de Goa (entenda-se da **diocese** de Goa), D. João de Albuquerque, da mesma Ordem, se foi a Cranganor, e dali ia muitas vezes prêgar às suas igrejas, e edificou algumas entre êles ao nosso modo, porque todas as antigas eram feitas ao modo dos pagodes dos gentios: Mas vendo que nada isto aproveitava para os tirar de seus erros, instituiu **com ordem** do Bispo e do Viso Rei um Colégio, no mesmo lugar de Cranganor, na era de 1546, em que se criassem, e aprendessem meninos, filhos destes cristãos, para que ensinados nas letras, e costumes da Igreja Romana, e ordenados sacerdotes, prêgassem a verdadeira doutrina a seus povos, e por este meio se fôsem despindo de seus erros, e dando obediência à Igreja Romana.

Não recusaram os cristãos a lhe dar seus filhos para os criar no Colégio, mas nem do ensino dos filhos, nem do seu Sacerdócio se quiseram nunca aproveitar, porque nenhum dos que se criavam no Colégio no rito latino admitiam a celebrar em suas igrejas, nem menos residir nelas, nem lhes consentiam fazer cousa alguma pertencente à mudança de seus ritos, nem os trataram mais que aos outros sacerdotes latinos, que como hóspedes, que quando iam a suas igrejas agasalhavam e deixavam celebrar.

Com o que não alcançou este servo de Deus seu intento, posto que alcançaria o prémio dêle no céu, nem ficou servindo este Seminário até hoje de mais, que de criar moços filhos destes cristãos para sacerdotes, e párocos das igrejas do Bispado de Cochim, porque como é forçado nestas partes ordenarem-se naturais pelo cômodo da lingua, e serem melhor vistos e ouvidos dos seus, tendo os Bispos de Cochim filhos de Cristão tão antigos, e tão criados neste Colégio, não querem ordenar filhos de gentios nem de novamente convertidos à Fé, como é muitas vezes forçado fazer-se noutros Bispados." (8)

Não conseguiu Frei Vicente todo o seu intento, i. é., criar no seu Colégio das Missões clero do rito romano, para trazer à obediência do Papa aquelas cristandades nestorianas; deu ao menos párocos numerosos à diocese de Cochim. O Cronista Franciscano é desta vez mais explícito:

"Foi êste Seminário de grave, e notabilíssima resultância para os mesmos cristãos, por-

(7) **História Seráfica**, Lisboa, 1705, III, p. 521.

(8) **Jornada do Arcebispo de Goa Dom Frey Aleixo de Menezes Primaz da Índia Oriental, Religioso da Ordem de S. Agostinho** — Coimbra, 1606, 1. I, cap. 3.

que deu muitos sujeitos insignes e Religiosos graves de muitas Ordens, Cónigos (sic) da Sé de Cochim, Sacerdotes exemplares, Prêgadores doutíssimos, e perfeitos Confessores, que em diversas paróquias tinham cuidado das almas."

O Colégio de Cranganor foi, efectivamente, centro notável de evangelização. Em 1645, diz Soledade, só no reino de Cranganor e no espaço de 18 léguas, havia 30.000 católicos distribuidos por 60 igrejas edificadas à portuguesa, provavelmente ainda em cumprimento das ordens de D. João III a D. João de Castro em 1546, feitas "por mãos, e traça dos melhores architectos e officiaes." (9)

Êste labor apostólico supõe ter sido o Seminário de S. Tiago mais que uma vã flor de retórica, e ter durado muitos anos. Enquanto D. Frei Aleixo andava de visita aos cristãos da Serra do Malabar, jantou com o rei de Cranganor no Colégio dos Religiosos de S. Francisco. (10)

Existe no Arquivo Nacional pelo menos um documento interessantíssimo para a História dêste Seminário, que vem desfazer muita suposição errônea e originar outras que de errôneas talvez nada tenham...

Frei António de Gouveia, que foi professor de Teologia no Convento de Santo Agostinho de Goa e compulsou tudo quanto ao seu alcance topou, introduz-nos assim no assunto: "Vendo os Religiosos da Companhia, que se não aproveitavam estes cristãos dos filhos

(9) Jacinto Freyre de Andrade — **Vida de D. João de Castro**, Lisboa, 1736, p. 59. Dá a carta del Rei bastante diferente de Câmara Manuel, ou melhor, passagens da carta que aquêlê autor omite.

(10) Gouveia — **Obr. Cit.** 1. I, cap. XVII.

Fabrica de Rolhas

Isolamentos e Cápsulas de Estanho

Especialidade em rolhas para
Farmácias - Perfumarias - Laboratorios
e Fabrica de Bebidas

CORTICITE PORTUGUESA

O unico isolamento para Terraços,
Frigorificos e Geladeiras

CAPSULAS DE ESTANHO — Em
todos os tipos e cores

SILVA PEDROZA & CIA.

Rua da Misericordia, 80 — Telef. 42-1512

RIO DE JANEIRO

VISTA-SE DE UMA VEZ

e pague em 10 meses...

Alfaiataria ■ Roupas Renner

Malas e Novidades para Presentes

CASA JOSE' SILVA

Rua dos Ourives, 3

RIO DE JANEIRO

que criavam no Colégio de Cranganor, por não saberem Caldeu, e Suriano, em que êles celebravam os divinos officios, (êles, os sacerdotes de tais cristãos) e serem criados no rito latino, ordenaram no ano de 1587 um Colégio no lugar de Chanota, ou Vaipicota, uma légua de Cranganor, povoação dos mesmos cristãos, com ordem do Viso Rei do estado, e porção da fazenda de El Rei nosso Senhor, e licença do rei de Conchim, cuja a terra é." (11)

Este novo "Seminário" era destinado, pois, a suprir a falência do Colégio de S. Tiago, quanto à formação de sacerdotes do rito malabar. Os resultados foram ainda menos consoladores que os colhidos pelo religioso Franciscano...

Não parece, todavia, que os Padres da Companhia partissem enxofrados para Chanota, sem antes de o fazerem terem tentado modificar, se não tomar conta da direcção do Colégio de Cranganor... E' o que parece deduzir-se claramente da carta de Frei Vicente a D. João III, de 1 de Janeiro de 1549. A-pesar-da sua extensão cremos dever honrar com ela as páginas do **Boletim**.

"...Com a graça do Senhor fiz êste Colégio como V.A. já sabe por muitos. Até aqui sempre pedi companheiro, parecendo-me que tinha muita necessidade... sendo eu aconselhado por muitos religiosos e governadores que não tivesse companheiro, porque logo me haviam de desviar da obra que tinha começado... Pedi sempre companheiro pensando que acertava e por... não dar que falar a Religiosos, que os seculares não falavam nisto porque bem sabem o exemplo que eu tenho dado até aqui e darei enquanto vivo for e o Senhor Deus me ajudará..."

(11) Gouveia — **Obr. Cit.** 1. I; cap. III.

Agora, graças ao Senhor Deus, não tenho necessidade, como escrevi já a V. A., senão dos companheiros que já tenho Malabares, que me ajudam fielmente e com todo o exemplo.

Muitos homens de Malaca e das partes desta India veem a ver esta casa pela fama que tem e vendo a casa tam bem doutrinada, tomam devoção nela e oferecem suas esmolos... e dão a João Pereira (capitão desta fortaleza) e êle as dispende nesta casa com que se fez e faz até aqui com um sacerdote meu discípulo... Eu não sei o que se gasta: Veja V. A. se nisto quebro a minha Regra.

Verdade é que às vezes digo missas... e meus discípulos (por) esmola, com muita importunação, para ajuda e sustento da casa (que tem oitenta e oito moços... **(texto ilegível)**).

Pedi a V. A. uma bula do Santo Padre para que não bulissem comigo enquanto eu fôr vivo, pelo muito fruto e amor que estes cristãos me teem e que estivesse debaixo da obediência do Papa... A causa porque lhe mandava pedir é porque muitos desejam êste Colégio...

Outra vez peço a V. A. por amor de Nosso Senhor Deus e para consolação de minha alma que me deixe acabar meus dias nesta pobre terra do Malabar e neste Colégio do Apóstolo S. Tiago, porque... começar a obra especial de tanto serviço de Nosso Senhor e não na acabar seria grande desconolação para mim. Quero dar (**noticias**) do exercício que aqui teem os colegiais... neste (**pedaço ilegível**) matinas e acabadas matinas teem uma hora e meia de estudo... e os que não são de gramática... Em rompendo a alva tanga a prima. Os que não são da gramática vão a prima e assim os das ordens sacras e rezam primas, terça, sexta, noa. E os da gramática teem a sua prática. E se tange logo à missa primeira e todos vão a

BANCO BORGES

OFFERECER AS MELHORES TAXAS DE JUROS
PARA DEPOSITOS EM C/CORRENTE E A PRAZO

Cobranças - Cauções - Cambio - Descontos

R. da Alfandega, 24-26--Rio

CAPITAL E RESERVAS:
RS. 5.417:750\$000

Administração de propriedades, recebimentos de alugueis, juros, coupons, etc.

ouvi-la. A missa acabada dão cincoenta badaladas. Os da gramática vão ao seu estudo e os outros à escola a sua doutrina e a ler e escrever. E estão até às dez horas. E os repetidores repetem os seus discípulos; acabado as onze horas tangem a comer e se ajuntam todos assentados no poio e dizem o salmo de profundis com sua oração pelos benfeitores e se vão ao refeitório a dizer sua bênção com sua lição enquanto comem. Acabado de comer dão graças e vão com o salmo de miserere mei à Igreja. Logo rezam de finados. Ao domingo vésperas de finados e à segunda feira primeiro nocturno, terça feira o segundo nocturno, quarta feira o terceiro nocturno, quinta feira as laudes, sexta feira os salmos penitenciais com sua ladainha, orações, ao sábado canticum...? ...E isto por V. A. e por todos os benfeitores.

Acabado isto se vão lavar as mãos e se tange a recolher e dormem uma hora os que querem, outros estudam. E às duas horas tangem as vésperas; acabado de rezar vésperas dão cincoenta badaladas e se vão às escolas e às quatro horas tangem (?) completas e depois de rezadas vão a exercitar-se um pouco na horta. E os... os vão... três Ermidas dos que estão na horta que tem seus Ermitões... e com os... que cada um tem por rol dizem a salva com comemorações de santos e rogarem per (?) toda cristandade e depois tangem a ceiar, e depois de ceia se vão logo todos juntos a dizer as orações do pater noster, ave maria, credo, salve regina e as benções e ave santíssima com uma protelação a Nosso Senhor a uma ermida de Nossa Senhora. E isto acabado tangem a recolher e estudar até oito nove horas. Acabado tangem a dormir, e cada noite há um que diz a oração pelos finados antes que se deitem a dormir. E quatro moços vigiam cada noite e também para os cobrir se estão desonestos, até matinas. E outros quatro depois de matinas até manhã. E cada sexta-feira procissão pela crasta com sua ladainha pela cristandade. Cada sábado por tábua saem quatro e às vezes seis e oito com os que são de missa a dizerem missas pelos lugares e igrejas dos cristãos e a pregar e doutrinar; e cada mês vou a visitar e perguntar pelo que fizeram os irmãos pelos lugares onde foram a baptizar...

Cincoenta léguas de Cranganor detrás de umas serras altas estão (sic) uma gente que serão 40 ou 50 mil vizinhos e trazem umas cruzes de pau pendentes aos peitos... Hei-de tornar lá mandar... e se acharem que é verdade, determino de ir logo lá com alguns Irmãos deste Colégio...

Escrevi a V. A. sobre uns dois Malabares que lá estão em Coimbra. Dizem-me muito bem dêles e que são letrados. Faz-me escrupulos porque são virtuosos e podem cá fazer serviço a Nosso Senhor. Se V. A. os mandar, venham sujeitos ao Bispo para que onde os puser estejam ou, se parecer bem, estejam neste Colégio e ensinem a outros colegiais; e daqui sairão a pregar e batizar.

Tem muita necessidade este Colégio dum Religioso virtuoso para ensinar a Gramática, pois tem já princípio e são muito hábeis para tudo o que lhes ensinem; e para V. A. saber isto, para o ano, se Deus fôr servido, lhe hei-de mandar três (?)...

...Os Frades da minha Província que estão em Baçaim, que são dois, tem sessenta moços e baptizam muita gente e fazem muito serviço a Nosso Senhor...

...Feita neste Colégio do bemaventurado apóstolo Santiago de Cranganor, hoje o primeiro de Janeiro de 1549 anos. (12)

Interessante seria conhecer outros documentos de que este faz menção, para completa elucidação do assunto. Por agora ficamos sabendo:

a) que intrigas mesquinhas se levantaram à roda da obra humilde de Frei Vicente, intrigas que chegaram à corte de D. João III;

b) que estas intrigas eram de alguns Religiosos, que os seculares não se importavam com o caso, acusando Frei Vicente de faltar à pobreza monástica por ter a direcção do Seminário à sua conta;

c) que as intrigas eram velhas, pois já Frei Vicente escrevera a El-Rei sobre o assunto, sem obter resposta, segundo parece;

d) que tinham por fim fazer sair o Franciscano de Cranganor, para o Seminário passar para outra direcção;

e) que Frei Vicente deseja colocar-se debaixo da jurisdição directa da Santa Sé, como que subtrair-se ao Padroado para viver em paz;

f) que tinha já consigo alguns seminaristas ordenados de sacerdotes, que debaixo da sua vigilância exerciam o ministério apostólico;

g) que esta casa de formação, estava mais moldada pelas casas da Ordem, que pelos malpanatos siro-caldeus, não faltando sequer o poio da reunião pre-mensal...

(12) Arquivo Nacional — Corpo Cronológico, 1-82-1. Devemos este doc. à amabilidade do R. P. Fernando Félix, O. F. M., a quem tributamos o nosso reconhecimento pelo seu gesto.

Cónego Antonio Miranda de Magalhães

No hospital da Ordem Terceira de São Francisco, a Jesus, em Lisboa, faleceu o rev. Antonio Miranda de Magalhães, cónego da Sé de Luanda e figura muito conhecida nos meios coloniais, pelo seu caracter e cultura.

O illustre extinto era natural de Ponte do Lima, onde nasceu em 27 de Junho de 1882. Frequentou o Seminário do Espírito Santo, em Braga, e das Missões, de Sernache do Bonjardim, revelando superiores aptidões e obtendo altas classificações nos seus estudos.

Concluidos os cursos missionou durante alguns anos na provincia de S. Tomé, donde passou para a da Guiné, e, depois, para a de Angola. Ascendeu ao canonicato após ter realizado notaveis obras de colonização, como construções de escolas, dum templo, etc.

Voltando a Portugal, foi-lhe oferecido o vicariato geral da Guiné em 1931, cargo que desempenhou com o maior brilho e competencia, organizando naquela provincia os serviços missionarios e a Escola Oficial de Artes e Officios, de que foi director.

Além do seu importante e notavel labor missionario, o Sr. cónego Miranda de Magalhães era um incansavel investigador científico, tendo deixado algumas obras originaes e de real valor sobre filologia, antropologia, etnologia, geografia e historia. Tomou parte em varios congressos científicos o colouinias, onde afirmou a sua competencia e valor nos assuntos a que se dedicava.

Ao Museu da Escola Politecnica ofereceu a unica coleção geologica da Guiné nele existente e ao Nucleo Pró-Colonias do Liceu de Setubal uma valiosa coleção de numismatica colonial portuguesa.

Entre outras obras publicou: "Os abundos de Angola e o percurso provavel da sua migração para aquela hoje nossa colonia"; "Manual das linguas indigenas de Angola", a melhor obra, no seu genero, em português; "Preparação Antropologica e Etnologica dos missionarios portugueses". Deixa outros trabalhos de valor, ainda inéditos. Foi professor do Orfanato-Escola de Santa Isabel.

CASA GUIMARÃES LTDA.



**A Maior e Mais Antiga Agência de Loterias
da Capital Federal**

